

ROSA MARIA MAGALHÃES NUNES



**Anne Hutchinson:
Uma Pregadora e Defensora da
Liberdade Religiosa em *New England***

MESTRADO EM ESTUDOS AMERICANOS

ORIENTADORA: PROF. DOUTORA MARIA DO CÉU MARQUES

UNIVERSIDADE ABERTA

LISBOA
2009

ROSA MARIA MAGALHÃES NUNES

Anne Hutchinson:

Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em *New England*

Resumo

Anne Hutchinson (1591-1643) deixou a sua confortável casa em Inglaterra e, com o seu marido e filhos, instalou-se em Boston, na Colónia da Baía de Massachusetts. Sendo Anne filha de um ministro, ouviu sempre discussões e debates religiosos desde tenra idade, tendo como mais importante a sua devoção a Deus. Por isso decidiu seguir o seu querido ministro John Cotton, quando este emigrou para a América.

O seu extraordinário carisma levou-a a criar conflitos com os líderes da Igreja Puritana de Massachusetts, os quais se tornaram nos seus mais acérrimos opositores. A sua crença na salvação de cada indivíduo, com base na Graça em detrimento das Obras, e a sua oposição à doutrina da predestinação levantaram-lhe sérios problemas junto da ortodoxia Puritana. Anne Hutchinson seguiu a sua luz interior com tal convicção, defendendo as suas ideias com tanta autoridade espiritual, que os ministros se tornaram invejosos do seu poder, temendo a sua liderança. O facto de ser mulher e se recusar a ser submetida ao papel da época, isto é, as mulheres não tinham vontade nem ideias próprias, não ajudou à sua condição periclitante na colónia.

Em 1637, Anne foi levada a tribunal em Newtown, Massachusetts e foi considerada culpada de “being a woman not fit for our society.” Foi excomungada e banida da colónia, vindo a fundar em Rhode Island um local de liberdade de expressão.

Após a morte de seu marido, Anne Hutchinson e os seus filhos mais novos decidiram partir para a região de Nova Iorque. Os Índios, com quem ela tanto simpatizava, hostilizados pela traição holandesa, assassinaram Anne e todos os seus filhos com excepção da sua filha Susanna, única sobrevivente do massacre.

Anne Hutchinson é hoje considerada uma mártir na luta pela liberdade religiosa.

Abstract

Anne Hutchinson, (1591-1643) left her comfortable home in England, with her husband and children, to settle in Boston, Massachusetts Bay Colony. Daughter of a minister, she heard religious talk from early childhood. Devotion to God was the most important to Anne, so she decided to follow her beloved minister John Cotton to America.

Her extraordinary charisma brought her into conflict with leaders of the Massachusetts Puritan Church, who became her spiritual antagonists. Hutchinson's beliefs, including her favoring the primacy of grace over works in one's salvation and her opposition to the doctrine of predestination, caused trouble among the orthodox Puritan religious establishment. She followed her inner light with such conviction and defended her views with such spiritual authority that a number of ministers became jealous of her power and feared her leadership. The fact that she was a woman who refused to submit to the prescribed role of women in the colonial period – namely, that of having no will or mind of her own – clearly did not help her bad condition in the colony.

In 1637 she was brought to trial at Newton, Massachusetts, and found guilty of “being a woman not fit for our society.” She was excommunicated and banished from the Massachusetts Bay Colony. She went to Rhode Island where she founded a place of free speech.

When her husband died, she and her younger children trekked to New York. Indians she had befriended, antagonized by Dutch treachery, massacred her and all but one of her children.

She was a martyr, in the struggle for religious freedom.

Résumé

Anne Hutchinson (1591 – 1643) a laissé sa confortable maison, en Angleterre, et avec son mari et leurs enfants s'est installée à Boston, dans la Colonie de la Baie de Massachusetts. Fille d'un ministre de Dieu, Anne a toujours entendu des discussions et des débats religieux depuis son jeune âge. Le plus important pour Anne c'était sa dévotion à Dieu et ainsi elle a décidé de suivre son bien aimé ministre de Dieu, John Cotton pour l'Amérique.

Sa grande personnalité lui a emmené des conflits avec les leaders de l'Église Puritaine de Massachusetts qui sont devenus ses plus grands adversaires. Sa croyance dans la grâce divine, au détriment des actes, dans la salvation de chaque individu et son opposition à la doctrine de la prédestination lui a attiré des grands problèmes près de l'orthodoxie puritaine. Anne Hutchinson a suivi sa lumière intérieure avec telle conviction, en défendant ses idées avec une telle autorité spirituelle que les ministres de Dieu sont devenus envieux de son pouvoir en ayant peur de sa position de leader. Le fait d'être femme et de refuser de se soumettre à l'esprit de l'époque, où les femmes n'avaient ni volonté ni d'idée personnelles, n'a pas aidé à améliorer sa condition déjà très précaire dans la colonie.

En 1637, Anne a passé à la cour d'assises à Newton, Massachusetts, et a été considérée coupable «being a woman not fit for our society». Elle a été excommunié et bannie de la colonie, en fondant, à Rhode Island, un lieu de liberté d'expression.

Après la mort de son mari, Anne Hutchinson a décidé de partir avec ses plus jeunes enfants pour la région de New York. Les indiens, avec lesquels elle sympathisait autant, fâchés par la trahison hollandaise, l'ont assassiné avec tous ses enfants à l'exception de sa fille Susanne qui a survécu au massacre.

Aujourd'hui, Anne Hutchinson est considérée comme une martyre dans la lute pour la liberté religieuse.

Aos meus Pais

Agradecimentos

Começo por agradecer à Professora Doutora Maria do Céu Marques, o ter aceitado as funções de minha orientadora. Estou-lhe grata por pacientemente ter respeitado o meu ritmo de trabalho, por me ter ajudado a ultrapassar cada dificuldade, pelos valiosos conselhos que me deu e por repetidamente ler, criticar e corrigir esta dissertação. Com a professora amadureci o meu modo de escrever e de abordar as questões. O que quer que haja de bom neste trabalho deve-se à sua preciosa orientação.

Aos meus pais agradeço o facto de apreciarem o meu trabalho. Com eles aprendi a ser rigorosa, determinada e disciplinada no tratamento das tarefas em que me envolvo. O investimento dos meus pais na minha educação foi um bem inestimável. O seu amor foi a base de tudo o que tenho construído.

Não esqueço o encorajamento e o incentivo constante dos meus amigos, especialmente da Lena e da Fátima. A todos eles agradeço o carinho e o apoio incondicionais.

Finalmente, não posso deixar de reconhecer ainda o importante contributo dos professores do Curso de Mestrado, cujos ensinamentos claramente se repercutem neste estudo.

Às minhas companheiras de “luta”: para a Carla, para a Cris e para a Ana o meu muito obrigado pelo apoio, colaboração e sã camaradagem.

Índice

Introdução	11
Capítulo I – A Influência Puritana na Sociedade Americana do Século XVII	16
1 – O Puritanismo	17
2 – Em Busca da Liberdade Perdida	29
3 – A Luta pela Terra nas Colônias Americanas	38
4 – A Colônia de Massachusetts Bay	45
5 – Anne Hutchinson e os Puritanos da Colônia de Massachusetts	49
5.1 – O primeiro passo para a liberdade	54
Capítulo II – O Papel da Mulher na Época Colonial de Nova Inglaterra	60
1 – A Situação das Mulheres no Limiar do século XVII	61
1.1 – O Casamento e a Relação entre Marido e Mulher	67
1.2 – A Mulher e a Maternidade	72
1.3 – A Mulher e a Ordem Social	74
2 – Ecos de um Feminismo Precoce	80
2.1 – O Despertar para Consciência Feminina: Vozes saídas do “Deserto”	81
2.2 – Anne Hutchinson – Uma Feminista fora do seu Tempo	86
3 – O Primeiro Clube de Mulheres da América	91
4 – Desbravando o Caminho da Liberdade e Independência	97
Capítulo III – Anne Hutchinson – A mulher que ousou desafiar os Puritanos de Nova Inglaterra	101
1 – <i>The Antinomian Controversy</i>	102
2 – O Julgamento de Anne Hutchinson	112
3 – A Família Hutchinson no Exílio	120
4 – A Crise de Massachusetts: Teológica ou Política?	125
5 – Anne Hutchinson: <i>American Jezebel</i> ou Mulher de coragem?	129

Conclusão	132
Bibliografia	136

As I understand it, laws, commands, rules and edicts are for those who have not the light which makes plain the pathway.

Anne Hutchinson

Introdução

Ao iniciarmos este estudo sobre Anne Hutchinson, considerámosa importante começar com uma reflexão sobre o Puritanismo, uma vez que o tema que iremos abordar nesta dissertação está directamente relacionado com o mesmo.

O Puritanismo é um tema que suscita o confronto de opiniões entre historiadores, sociólogos, investigadores e críticos literários. Na sequência da nossa investigação, consideramos Perry Miller e Sacvan Bercovitch os estudiosos que, embora pertencentes a gerações diferentes, mais contribuíram para os estudos aprofundados deste tema. Segundo eles, é difícil compreender a América sem estar consciente da importância do Puritanismo. Apesar das diferentes opiniões em relação a este tema, existe algum consenso, no que respeita à relevância dos ideais puritanos na formação e na evolução da sociedade americana. Para tal, observaremos, no primeiro capítulo, através de uma breve retrospectiva histórica, o que levou os puritanos a procurarem no Novo Mundo uma nova oportunidade de vida e a dura realidade que encontraram, quando lá chegaram.

O que foi afinal este movimento? Quem eram os Puritanos? O que pretendiam? Estas são algumas das questões que iremos abordar no primeiro capítulo do trabalho e tentar perceber pontos de convergência e divergência entre Anne Hutchinson e os Puritanos de *Massachusetts Bay Colony*.

Imbuídos de ideias calvinistas, os Puritanos não consideravam haver salvação possível para a maior parte dos seres humanos. A vida era predestinada por um Deus distante e frio, o qual estabelecia um acordo com os homens escolhidos por si, que seriam salvos através de um *Covenant*. Se uns eram os escolhidos e outros não, isso significava que o mundo estava dividido à partida e só uns eram levados até Deus, sendo os demais esquecidos devido à sua condição pecadora. Esta rígida ortodoxia fixou o temperamento da sua própria sociedade, deixando marcas que ainda hoje prevalecem.

A sua ortodoxia, o seu modo rígido de viver levou a que a intolerância fosse, cada vez mais, uma constante na vida destes pioneiros. De tal maneira que os Puritanos não se coíbam de marginalizar e perseguir todos os que lhes faziam frente e que não concordavam com as suas leis. A posição de Anne Hutchinson face a este Puritanismo exacerbado é uma questão que iremos também abordar no primeiro capítulo.

Apesar de todas as vicissitudes, os Puritanos que se estabeleceram na Nova Inglaterra, nomeadamente Anne Hutchinson, deixaram um legado para a formação de uma nação única na História. Eles tiveram uma influência significativa no desenvolvimento dos Estados Unidos. Uma grande parte dos demais pioneiros que se seguiram e muitos dos ocupantes do oeste, eram descendentes daqueles Puritanos primitivos. Os seus valores e princípios, embora, muitas vezes, secularizados e distanciados dos fundamentos religiosos, continuaram a moldar o pensamento americano e as suas práticas nos séculos seguintes.

Ainda no primeiro capítulo, pretendemos reconhecer os traços distintivos do Puritanismo, enquadrar esta época específica numa compreensão global da sociedade e cultura americanas, apresentando de forma, tão ampla quanto possível, a visão teológica de Anne Hutchinson e mostrar como uma só mulher foi capaz de revolucionar a vida de *New England*.

No segundo capítulo, centraremos a nossa atenção na vida das mulheres do século XVII na Nova Inglaterra. Através da análise de vários documentos e dos relatos escritos sobre as vivências destas lutadoras, tencionamos espelhar a realidade da

mulher abarcando todas as vertentes da sua dimensão humana: esposa, mãe, dona-de-casa, vizinha, curandeira, *deputy husband*¹ e cristã.

Estas *Notable Housewives*, como eram designadas no século XVII, foram as responsáveis pelos primeiros passos das mulheres na sua libertação. Embora confrontadas com as instituições mais poderosas da época, isto é, a família, liderada pelo marido, “chefe” da casa, e pela Igreja Puritana, que, desde logo, tentava silenciar a sua voz, estas mulheres foram capazes de alicerçar as suas vidas, desbravando terreno, calcorreando caminho, que serviria, mais tarde, de suporte às futuras gerações de feministas dos séculos XVIII e XIX.

No terceiro capítulo, analisaremos o contributo de Anne Hutchinson, primeira mulher pregadora, nascida em Inglaterra. Consideramos que esta voz feminina, devido às críticas que fez às autoridades religiosas da época, à força e frontalidade em assumir os seus ideais, foi uma das muitas que lutaram pela promoção da tolerância religiosa nos Estados Unidos da América. Apesar de destemida e confiante na sua crença, foi levada a julgamento e forçada, juntamente com a família, a deixar o local em que vivia e ir para Rhode Island. A desilusão passou a fazer parte da sua vida, depois de alguns dos seus seguidores a terem abandonado, bem como o seu *beloved preacher*, John Cotton.

As incompatibilidades criadas entre os ministros da colónia e Anne e os seus seguidores, tornaram-se de tal maneira incontornáveis, que a clivagem foi o resultado iminente. De acordo com a sua opinião, as pessoas podiam receber as graças de Deus, mesmo que não tivessem vivido uma vida de piedade, mas estas ideias iam contra a crença puritana de que apenas se atingia a graça do Senhor após longos anos de oração e boas obras. Estes aspectos teológicos foram

¹ Esta designação foi utilizada pela professora Laurel Ulrich em *Good Wives*. Quando o marido estava incapaz de exercer os seus deveres, a esposa substituíamo-o. Esta era outra das diferentes dimensões das mulheres na sociedade.

agravados pelo facto de Anne ser mulher e não dever, por isso, falar em público. Não podemos deixar de referir esta situação, uma vez que foi uma voz feminina a contribuir para a diversidade religiosa de Nova Inglaterra e por ser a primeira pregadora em solo americano.

Anne Hutchinson foi uma mulher diferente das do seu tempo e talvez, por isso, possa ser considerada a primeira feminista americana. O seu pacifismo e a sua crença num mundo mais democrático e menos machista, levam-nos a investigar mais profundamente a sua vida, as suas relações com a sociedade puritana e as implicações que o seu percurso de fé teve no crescimento e desenvolvimento das primeiras colónias da Nova Inglaterra. Anne Hutchinson foi uma mulher fora da sua época. Desafiou a crença puritana e tornou-se numa das responsáveis pela diversidade religiosa na Nova Inglaterra.

Com este trabalho, gostaríamos, sobretudo, de despertar a reflexão acerca do legado puritano na sociedade americana do século XVII, e mostrar como uma única mulher foi capaz de abalar a rígida ortodoxia da colónia de Massachusetts e ser responsável, de forma lenta e progressiva, pelo enfraquecimento da intolerância e prepotência dos líderes religiosos.

Capítulo I

A Influência Puritana na América do Século XVII

1– O Puritanismo

The Pilgrim and the Puritan whom we honor tonight were men who did a great deal of work in the world. They had their faults and their - shortcomings, but they were not slothful in business and they were most fervent in spirit.

Henry Cabot Lodge

Como referimos na Introdução, ao iniciar este trabalho sobre Anne Hutchinson, seria difícil desenvolver o tema sem falar dos Puritanos, enquanto património inesquecível das gerações de emigrantes que se lhes seguiram. De acordo com Mário Avelar em *América Pátria de Heróis*

O passado revelar-se-á ... uma presença inevitável, em particular aquele que decorre do legado colonial puritano, pois como refere Scavan Bercovitch, em *Rites of Assent*, foram os puritanos quem pela primeira vez designou os emigrantes europeus como americanos ... Ainda Bercovitch acrescenta que se deve aos puritanos o legado à cultura contemporânea da América enquanto mito. (Avelar 1994:10)

Comparados com os americanos do século XVIII ou XIX, podemos afirmar que os Puritanos tinham uma mentalidade teológica por acreditarem tão firmemente estar no bom caminho, serem donos da verdadeira religião e ter a seu lado a presença de Deus. Que outro povo desembarcou num lugar oculto e desconhecido dos exploradores, geógrafos e naturalistas profissionais, tendo como única certeza a fé inabalável na sua resposta ao chamamento de Deus? Podemos afirmar que o século XVII foi o período da experiência americana, onde dominou a religião

predominantemente cristã, sobretudo protestante e calvinista. Contudo, o que distinguiu a teologia calvinista foi o facto de esta linha de pensamento estar, desde o primeiro momento, mais interessada na sua aplicação prática do que na teoria em si. Os Puritanos queriam fazer da Nova Inglaterra uma importante experiência de teologia aplicada. Os Puritanos, envoltos por lugares inóspitos, ameaçados no quotidiano por inúmeras dificuldades e perigos, não ocupavam a melhor posição para elaborarem teorias e discutirem os seus aspectos mais pertinentes. Longe dos grandes centros culturais e de ensino do Velho Mundo, a especulação teológica não atraía o interesse dos novos americanos. Era crucial sobreviver e lançar mãos à árdua tarefa de reconstruir *Sião*, conforme estava escrito nos textos sagrados.

William A. Clebsch, historiador teológico, comentando a motivação religiosa dos primeiros americanos, afirma em *From Sacred to Profane America* que as características fundamentais do sonho americano são estabelecidas pelas aspirações religiosas, como se tentará evidenciar. Porém, o facto curioso é que a execução destas aspirações ocorre fora do templo religioso, em ambiente mundano: “In these senses the book finds the aspirations of Americans sacred in origin and their achievements profane in fruition.” (Clebsch 1968:ix) Alguns autores argumentam – Clebsch é um deles – que quando as cidades começaram a surgir e a vida urbana substituiu a sociedade agrária inicial e, por isso, quando o progresso começou a aumentar, crescendo a par dele a segurança social e económica de cada indivíduo, a ligação dos americanos à Bíblia – entendida até aí como uma legislação escrita por Deus para a raça humana – perdeu força. Desta forma, ao longo dos tempos, o espírito inovador dos Puritanos perdeu um pouco o seu cariz religioso: o americano começou a governar o seu próprio empreendimento. No século XVIII, era visto como um parceiro de Deus, não como Seu dependente, na busca das suas realizações e da sua salvação. A religião, como forma da salvação, tornava-se uma opção voluntária para os americanos que pensavam ser capazes de escolher e construir o seu próprio caminho. Apenas para os primeiros colonos do século XVII, a América parecia ser o lugar ideal para

construir o Éden, de acordo com os desígnios de Deus. Para isso, era necessário juntar energias, reunir esforços e alimentar esperanças. Contudo, não podemos deixar de referir que apesar de os americanos não se terem tornado santos dedicados à busca teológica original, o espírito energético, a reunião de todos os esforços para levar a cabo as tarefas em que estavam envolvidos e, sobretudo, a insistência puritana no pacto que tinham com Deus, povoam a consciência nacional americana. Poder-se-á falar, talvez, de uma alma americana, de raiz puritana.

Os puritanos baseavam as suas crenças em Calvino, que defendia a aceitação da onnipotência de Deus e a incapacidade do homem para compreender a Sua verdadeira natureza. A vida devia ser vivida em conformidade com as regras da Bíblia, uma vez que acreditavam que na mente de Deus, anterior a qualquer criação material, havia um esquema de ideias bem estruturado, uma espécie de plano base da criação e de todos os acontecimentos subsequentes. Deus tinha, na Sua mente, uma Ideia Eterna de todas as coisas: o princípio do Universo, as suas leis naturais, toda a actividade de que o iria dotar. A história começara com uma ideia na mente de Deus. Em *The Americans: The Colonial Experience*, Daniel Boortin refere:

What the Puritans had developed in America then, was a practical common-law orthodoxy. Their heavy reliance on the Bible, and their preoccupation with platforms, programs of action, and schemes of confederation - rather than with religious dogma – fixed the temper of their society, and foreshadowed American political life for centuries to come. (Boorstin 1958:19)

Assim, a conquista material do vasto continente e a rígida ortodoxia que dotava as vidas dos primeiros peregrinos, inibiram, certamente, o seu desenvolvimento intelectual. Para compensar a falta de bens materiais e utensílios para fazer face às

condições agrestes da vida na América, a fé na verdade das suas crenças e a convicção que Deus os guiava eram inabaláveis. Esta visão, fortemente enraizada, constituiu a filosofia puritana e foi, mais tarde, considerada uma das características da identidade americana. Contudo, a doutrina da salvação não resultou numa aceitação passiva do destino orientado por um Deus cruel. O modo de vida, que surgiu do compromisso com estas doutrinas, resultou de uma intensa actividade. Em primeiro lugar, novos problemas, exigindo resolução foram colocados aos primeiros peregrinos: o governo tinha de ser organizado, os negócios estabelecidos, as igrejas fundadas, os hereges punidos. Estes problemas práticos causaram uma reviravolta no modo de encarar a religião. Os Puritanos não eram homens sonhadores, mas homens práticos que estavam livres para construir a sociedade que tinham idealizado, procurando, ao mesmo tempo, independência moral e material. Eles acreditavam que a existência humana tinha significado apenas em referência aos objectivos de Deus. Neste sentido, as pessoas eram chamadas a uma vida dedicada a Deus, através do desempenho competente das suas vocações. A ocupação diária era um modo prático de glorificar Deus. Por serem práticos e empreendedores, os Puritanos enriqueceram e pensavam que não era pecado nenhum exhibir a bondade de Deus. Ao longo da história americana, surge esta combinação marcante de convicção espiritual e oportunidade material, levando a que a vertente prática da vida tenha sido, desde cedo, estabelecida como característica marcante do modo de ser americano.

Em Inglaterra, o Puritanismo era muito mais complexo do que na colónia da baía de Massachusetts. Compreendia representantes de uma vasta gama de teorias: desde os baptistas, os presbiterianos, os independentes e os separatistas, aos igualitários e milenaristas. E todos consideravam ser os “verdadeiros” Puritanos sendo este o tema central de discussão. No entanto, e apesar de tanta diversidade, “Within the English Puritan ranks, therefore, there was much lively debate.” (ibidem 7) até porque puritanos ingleses e de Nova Inglaterra tinham posições bem diferentes face à religião: “In New England the critics, doubters, and

dissenters were expelled from the community; in England the Puritans had to find ways of living with them. It was in England, therefore, that a modern theory of toleration began to develop.” (ibidem 8). Estas são formas bem distintas de lidar com a diversidade religiosa, acentuando-se a recusa da teoria da tolerância por parte da colónia de Massachusetts. Aliás, será mais tarde esta intolerância a responsável pela expulsão e excomunhão de Anne Hutchinson.

A Reforma da Igreja na Europa ficou a dever-se em parte à tradução de obras de Martinho Lutero: *An den christlichen Adel deutscher Nation, Von der babylonischen Gefangenschaft der Kirche e Von der Freiheit eines Christenmenschen*. Por causa do seu protesto contra os ensinamentos e costumes da Igreja Católica, dissidentes religiosos como Lutero eram apelidados de Protestantes. O Puritanismo deriva do Protestantismo inglês, e é assim denominado por pretender, na segunda metade do século XVII, “purificar” a Igreja de Inglaterra: “The Puritans acquired their name because they were English Protestants who in the second half of the sixteenth and the first half of the seventeenth centuries were resolved to ‘purify’ the Church of England” (Miller 1982: 1)

Em 1559, por imposição de Isabel I, a coroa identificou-se com um compromisso religioso, que se encontrava entre o protestantismo radical e o catolicismo romano, que hoje constitui a Igreja Anglicana. Os puritanos opunham-se claramente a esta opção e, alguns deles, tornaram-se, pelos actos, inimigos do estado e pessoas não gratas. A controvérsia gerada tornou-se, década após década, mais amarga e os puritanos chegaram à conclusão que as suas opiniões se dividiam em caminhos irreconciliáveis, em oposição à precisão que o padrão bíblico exigia.

O Puritanismo pode ser descrito como um protesto contra o princípio, o método e o resultado do “Religious Establishment” imposto por Isabel I. Os reformadores

da corte inglesa inspiraram-se nos séculos IV e V, altura em que, na sua visão, a religião católica romana ainda estava isenta de erros, das superstições e corrupções medievais e preservava a pureza original. Tinham como objectivo, um retorno a um enquadramento mais cabal no espírito evangélico; recusavam-se a aceitar a igreja de Roma como verdadeira igreja; mais depressa seria o anticristo revelado na Bíblia e, nessa perspectiva, estar ligado a ela, era estar contaminado. Miller aponta esta divergência na obra citada: “The conception of a national church was able to be rooted out as being the last stronghold of Antichrist.” (ibidem 2) Na óptica puritana, a legislação de 1559 resultava na criação de uma igreja que era a amálgama da doutrina protestante e do cerimonial católico, o que era inaceitável para a consciência “purista”. Comprometer-se com Roma era, de alguma forma, pôr em perigo o futuro do protestantismo – não havia um meio-termo racional entre o catolicismo e o protestantismo. Para os anglicanos, todos os membros do estado eram necessariamente membros da Igreja de Inglaterra e, assim, igreja e estado eram entidades diferentes do mesmo corpo político. Esta teoria não era partilhada pelos puritanos, que reclamavam ser a igreja e o estado corporações distintas: a igreja era uma associação voluntária de crentes, ligados pela aceitação de um credo comum, cujos objectivos e ideais eram espirituais e tinham na imagem de Deus a entidade máxima. Nesta ordem de pensamento, protestavam contra as formas religiosas, que não tinham base nas Escrituras e tinham ligações com aspectos materialistas, que corrompiam a igreja:

Thus profane men, seeking, under the pretext of the church, to introduce unbridled tyranny, care not in what absurdities they entangle themselves and others, provided they extort from the simple this one acknowledgement, that there is nothing which the Church cannot do. But what is to become of miserable consciences in quest of some solid assurance of eternal life, if all the promises with regard to it have no better support than man’s judgement?... For if the the Christian Church was founded at first on the writings of prophets, and the preaching of the apostles, that doctrine, wheresoever it may be found, was

certainly ascertained and sanctioned antecedently to the church, since, but for this, the Church herself never could have existed. (Calvin 1537)

A purificação, que tanto reclamavam, traduzia-se num contacto mais directo com os ensinamentos da Bíblia. A única autoridade de qualquer ser humano eram as Sagradas Escrituras, como está patente no princípio luterano da *Sola Scriptura*: “as every man was his own church, so too, now that the Bible was made universally available and declared to be sole authority, everyman became his own exegete.” (Bercovitch 1975: 28). Bercovitch completa o pensamento: “Interpreter and text confirmed one another in their mutual imitatio” (ibidem), confirmando essa simbiose entre o crente e a palavra divina. Como consequência, corrigir os costumes eclesiásticos era, também, uma preocupação crucial que implicava retirar da igreja tudo o que não tivesse uma ligação específica com a Bíblia, nomeadamente, aspectos herdados da época medieval: a hierarquia episcopal, os livros das orações, todos os rituais (ajoelhar durante a comunhão...), vestes de adereços ligados ao episcopado, os órgãos das igrejas, o número excessivo de feriados religiosos e o tráfico de indulgências, que eram utilizadas para pagar as despesas do clero. Tudo no culto tinha de ser regulado e controlado pela palavra escrita de Deus. Todos os acréscimos humanos ao culto não podiam ser demonstrados nem apoiados pela Escritura, pelo que deviam, segundo os Puritanos, ser retirados. Também se opunham à veneração de imagens tão ao gosto dos católicos, como havia sido veiculado nos escritos de Calvino:

So stupid are men, that whenever they figure God, there they fix Him, and by necessary consequence proceed to adore Him. It makes no difference whether they worship the idol simply, or God in the idol; it is always idolatry when divine honours are paid to an idol, to be the colour what it may. And because God wills not to be worshipped superstitiously whatever is bestowed upon idols is so much robbed from Him. (Calvin 1537)

Era comum, a todos os puritanos, a aceitação da cosmologia da Bíblia. Deus criou o Universo, a Terra e o homem. Apesar de ser criado à imagem de Deus, o homem tinha tendência à rebeldia, por isso, a negação da onnipotência de Deus e a afirmação da competência humana podiam, por vezes, tentá-lo. Mas Deus existia como causa primária de todas as coisas e nada existia para além Dele e em oposição a Ele. Na verdade, todas as coisas eram causadas por Deus, incluindo todas as escolhas humanas. Nesta perspectiva, a força do homem provinha da consciencialização da existência de algo maior do que ele próprio. A doutrina puritana, enfatizando a onnipotência de Deus, a rebeldia do homem, a necessidade da graça divina, a importância da conversão, a autoridade das escrituras, continha verdades demasiado óbvias para ser posta em causa.

Os Puritanos, na sua maioria, acreditavam que a igreja deveria ser uma força nacional como, de facto, era a Igreja de Inglaterra. Toda a população deveria fazer parte dela, criando-se paróquias geográficas, de frequência obrigatória, imposta pelo Estado. A Igreja Puritana seguia o modelo do sistema de Calvino e era presbiteriana, pretendia a erradicação da hierarquia episcopal e a sua substituição pelo presbítero eleito pela congregação. Contudo, a coroa inglesa não concordava com este radicalismo religioso que assolava a Europa.

Muitos dos Puritanos, que partiram para a América, subscreviam esta linha de pensamento calvinista. Para além de acreditarem na absoluta soberania de Deus, na total dependência dos seres humanos da graça divina para se salvarem, atribuíam uma enorme importância à experiência religiosa individual. Insistiam na ideia de que eram eleitos de Deus e tinham, por isso, o dever de dirigir os assuntos nacionais, de acordo com o desejo divino.

Os Puritanos acreditavam num Deus Todo-Poderoso e soberano, que tinha predestinado certos indivíduos à salvação, e outros, à condenação eterna. Embora fosse difícil determinar quem pertencia aos eleitos e quem não pertencia, eles

acreditavam que, através da auto-análise de cada indivíduo, se poderia obter uma evidência conclusiva. Para isso, os fiéis eram instados a examinar, de forma quase exaustiva, a sua própria vida e também a do próximo. Esta era a forma de assegurar que a conduta da comunidade se coadunasse o mais estritamente possível aos ensinamentos das Escrituras. A união da igreja e da comunidade política, formando uma comunidade sagrada, deu ao puritanismo o controlo total sobre a actividade colonial.

O dogma da predestinação colocava um problema filosófico de difícil resolução, que se traduzia na impossibilidade de atribuir aos homens responsabilidades pelas suas opções morais, pois estas teriam sido já predestinadas por Deus. Assim, se o comportamento desta ou daquela pessoa se encontrava traçado desde a eternidade, como responsabilizá-los por actos que, em última análise, não decorriam da sua livre vontade, mas do arbítrio de uma divindade a que eram alheios? No entanto, essa questão nunca se colocaria à consciência puritana.

Importa referir que, para Calvino e para os Puritanos, os mais ínfimos pormenores da vida quotidiana tinham sido predeterminados por Deus, pelo que a noção de acaso constituía uma gravíssima afronta à onnipotência e omnisciência divinas. Para atingir a salvação, restava ao crente ter fé e levar uma vida activa condizente com os princípios do cristianismo, dado que os desígnios divinos permaneciam ocultos.

Laborare est orare é a expressão latina que resume a ênfase puritana no trabalho, no desempenho de uma actividade ou de uma tarefa com vista à constante glorificação de Deus. O trabalho, independentemente do que fosse e a dedicação à vida activa, constituíam a forma preferencial de glorificar Deus, em contraste com os ideais de recolhimento, de oração e de afastamento do mundo, característicos da Igreja medieval e expressos nos eremitas e na tradição monástica.

Para o Puritano, a marca do dedo divino, estava presente no desempenho de quaisquer ocupações ou tarefas, que não tinha em conta a sua natureza. Era óbvio para o crente, que a fé e dedicação ao trabalho contribuíam para a concretização do plano geral, concebido por Deus, que permanecia oculto e incompreensível para o entendimento humano. Nesta perspectiva, os “justos”, esse punhado de eleitos, não passavam de meros instrumentos da insondável vontade divina em permanente estado de alerta para identificarem e interpretarem os sinais da Providência.

Segundo Max Weber, os Puritanos consideravam-se a “aristocracia que, com o seu *character indetebilis*, estava separada por um fosso do resto da humanidade eternamente condenado.” (Weber 104) A noção de predestinação mostra-nos que a prosperidade nas vidas pessoal e comunitária e o sucesso económico eram um sinal da preferência divina. Porém, esta eleição também reclamava responsabilidade, reflexão e supressão de comportamentos imorais, ociosos e auto-indulgentes, incompatíveis com uma existência terrena, que se pretendia ser a mais perfeita possível.

Os habitantes de *New England* acreditavam que Deus havia escolhido as colónias americanas para a realização de propósitos especiais, do mesmo modo que, numa outra época, tinha destacado a nação hebraica. Eles eram os escolhidos, os eleitos, para serem os construtores da nova nação, da “Sacred Land”.

Os puritanos consideravam que a América era a verdadeira “Promised Land” da Bíblia e, eles, os enviados de Deus, que tinham a missão divina de construir a “City upon a hill”. John Cotton escreveu em 1630: “Other peoples have their land by providence; we have it by promise.” (Bercovitch 1993: 77). A história da América passaria a estar justificada pelas Sagradas Escrituras e o seu passado e futuro referidos na profecia.

Politicamente, o poder puritano terminou em Inglaterra com a perseguição religiosa e o convite forçado a deixar o país. No entanto, a sua influência na igreja e na sociedade permaneceu durante ainda muitos anos. No Novo Continente, as influências puritanas caíram em terreno fértil, de tal modo que, ainda hoje, se encontram muitos traços e influências do *modus vivendus* dos Puritanos na sociedade americana. Por isso, para entendermos, tanto a origem, como o fruto do pensamento puritano, temos de examinar o mundo envolvente no qual ele foi gerado e no qual ele decaiu. Como salienta Perry Miller, “Without some understanding of Puritanism, and that at its source, there is no understanding of America”. (Miller 1982: ix)

Longe da civilização do Velho Mundo, dos livros, das bibliotecas, das universidades, os americanos tornaram-se muito pouco utópicos (se entendermos a utopia como uma vasta ausência, um não-lugar) na forma como pensavam a realidade e lançaram-se à acção. Para eles, era na prática que se verificavam as teorias; os dogmas, os grandes tratados, as grandes teses, ficaram para segundo plano. Em primeiro lugar, era necessário sobreviver em terras inóspitas e cumprir a missão, encomendada por Deus, que não se compadecia dos fracos, mas protegia o espírito prático de iniciativa. Assim, não foi difícil aos puritanos criar a retórica necessária para justificar a posse violenta da terra como dádiva divina. No espaço de século e meio, os Estados Unidos apresentavam-se ao mundo como uma das nações mais poderosas. Não se tratava de uma comunidade de “santos visíveis”, tão pouco era o novo Sião na terra tal como os seus fundadores tinham sonhado, mas tinha algo para mostrar ao mundo, não por teorias, nem por palavras, mas pelo modo como vivia. Para os Puritanos, e mais tarde para os novos americanos, descobrir era fazer, sendo a invenção um processo da evidência da condição humana na sua relação com o mundo.

Apesar do modo austero como viviam, os puritanos celebravam muitas formas de beleza. A natureza, a obra de arte mais bela de Deus, era a sua fonte de inspiração.

Encontravam a beleza inspiradora na vida equilibrada e harmoniosa de um ser redimido (o último “ser” da religião puritana era a redenção humana). Procuravam a harmonia no trabalho, nas suas tarefas diárias. Finalmente, procuravam harmonia social na sua tentativa de construir comunidades virtuosas.

Ao longo dos tempos, o Puritanismo passou a ser encarado como um conjunto de dogmas severos, que estavam na origem de uma sociedade repressiva, que era necessário emancipar. As velhas doutrinas perderam a ligação vital à experiência, tendo-se transformado em abstrações frias e verbais, mantidas por hábito ou convenção social, necessitando de urgente reformulação. Um século depois da colonização, a sociedade americana, cada vez mais rendida aos prazeres mundanos, testemunhava o evoluir dos tempos. Ao mesmo tempo que a euforia do progresso americano dominava a nação, alguns americanos interrogavam-se se o crescente desenvolvimento não estaria a afastar a América do seu destino sagrado.

De década para década, a nação crescia e a motivação religiosa, nas realizações dos americanos, diminuía; a América tornava-se cada vez mais profana. A recriação americana da ideia da Terra Prometida resultou, como se pode constatar nas palavras de Maria Irene Ramalho, num ensaio já mencionado, numa imagem dupla e até paradoxal:

Se na Velha Europa a eleição divina nunca deixou de ser concebida como ‘não sendo deste mundo’, os Santos Puritanos jamais duvidaram de si como a corporização moderna do Messias judaico, ao inscreverem na sua própria história a promessa do lugar, que a retórica do êxito da missão (ou *errand*) haveria de confirmar no crescente poderio económico e político da nação americana. (Santos 1994:163)

Sacvan Bercovitch, estudioso profundo desta questão, chamou a este fenómeno a secularização da promessa. Neste contexto, a dicotomia sagrado/profano afigura-se importante, uma vez que é em torno desta ligação de opostos que se irão gerar

todas as questões americanas, concorrentes na caracterização da identidade americana.

2 – Em Busca da Liberdade Perdida

O grupo de Puritanos, que chegou a Plymouth em 1620, não era muito representativo, por ser composto apenas pela fracção separatista. Contudo, estes foram, na óptica de Miller, os que mais se concentraram na essência do Puritanismo: a intensa devoção à Bíblia, ao espírito, ao Novo e Velho Testamento e uma absoluta preocupação e dedicação em desempenhar, nesta vida, o que parecia ser a vontade de Deus. Nas palavras de Miller eram considerados: “ the purest of the purifiers ...” (Miller 1982:4) e na figura de William Bradford, governador da Colónia de Plymouth, encontrava-se reunido o protótipo do Puritano. O grupo maior e mais bem organizado, orientado por John Winthrop, estabeleceu-se em *Massachusetts Bay Colony* em 1630, sobre quem falaremos mais adiante no nosso trabalho.

As diferentes bases dogmáticas entre a Igreja Anglicana e os puritanos e, dentro do Puritanismo, entre as diversas fracções, as distintas abordagens religiosas e os diferentes modos de vida impediam a paz e a unidade da Igreja de Inglaterra e resultaram em lutas azedas, muitas vezes, resolvidas com sangue. Estas divergências tiveram como consequência muitas fugas para a Holanda – considerada, na altura, como o único país da Europa tolerante para com as diferentes opções religiosas e, posteriormente, levaram os Puritanos a aventurarem-se a atravessar o Oceano Atlântico em direcção ao Novo Mundo.

Estes Puritanos, defensores de um separatismo religioso, acabaram por persuadir a *Virginia Company* a deixá-los instalar-se nas suas terras e, a 16 de Setembro de

1620, partiram para a América a bordo do famoso navio *Mayflower*, onde fundaram a colónia de *Plymouth* e passaram a ser designados como *Pilgrim Fathers*.

Estes homens e mulheres que embarcaram no *Mayflower*, tinham intenção de desembarcar no litoral norte da região então conhecida como Virgínia – onde hoje se localiza parte da cidade de Nova Iorque. No entanto, o navio foi obrigado a mudar de rota durante a viagem, por causa de uma tempestade e, como consequência, eles desembarcaram no que é hoje a região de Massachusetts, no litoral oeste do Cabo Rod. Antes de alcançarem terra, os peregrinos escreveram o *Mayflower Compact*, um documento no qual estes colonos davam a si próprios grandes poderes de auto-governo. Aliás, este documento é considerado ainda hoje, como as “sementes” da democracia na América. Em 21 de Dezembro de 1620, os *Pilgrim Fathers* estabeleceram uma colónia permanente, onde se situa a cidade de Plymouth.

Os quarenta e um sobreviventes da viagem concordaram em trabalhar em conjunto para o bem de todos. Para se poderem organizar de forma ordeira, criaram um governo, designado como *civil body politic* e homologaram leis em que eles eram *just and equal*: “Tanto os Puritanos como os *Strangers* obedeceram ao *Mayflower Compact*” (Pires 1996:83).

Aludindo à viagem dos *Pilgrim Fathers* e à forma como foram recebidos pelos índios, após terem vencido inúmeras dificuldades e perigos no seu país, na Holanda, e ao atravessarem o oceano, William Bradford, eleito “trinta vezes governador da colónia de Plymouth”, afirma em “Of Plymouth Plantation”:

... but these savage barbarians, when they met with them (as after will appear) were readier to fill their sides full of arrows than otherwise ... Besides, what could they see but a hideous and desolate wilderness, full of

beasts and wild men – and what multitudes there might be of them they knew not ... (Bradford 1981: 216)

Bradford apresenta o ponto de vista dos *Pilgrim Fathers* que, partindo em busca de um local onde fossem livres de professar a sua fé e viver de acordo com os seus ideais, encontraram novas dificuldades, animosidades e agruras a suportar e vencer. A beleza magnífica da natureza no Novo Continente é afinal apenas “wilderness”, e os índios, “savage barbarians”.

A própria natureza, não tinha sido pródiga para com eles. No entanto, na situação precária em que metade dos colonos vindos no *Mayflower* morreram, vítimas de escorbuto, de inadaptação às novas condições, de exposição ao rigor do inverno no novo continente, foram esses “savage barbarians” que os auxiliaram a sobreviver no seu novo meio-ambiente.

Não obstante todas as dificuldades enfrentadas, o sonho e a esperança de uma nova vida gritavam mais alto, e eles foram conseguindo adaptar-se ao Novo Mundo, impondo-se à “wilderness”, imbuídos de um grande desejo de liberdade, tentando reconstruir a cultura de origem, um governo representativo e uma administração para trabalhar arduamente.

Na esperança de iniciarem uma nova vida, os primeiros colonos tentaram conviver com os povos que já lá habitavam. Foi o início de uma outra aventura: a da troca de experiências vivenciais, inerentes à cultura a que pertenciam:

But about the 16th of March, a certain Indian came boldly to them and spoke to them in broken English... His name was Samoset. He told them also of another Indian whose name was Squanto, a native of this place, who had been in England and could speak better English than himself... Squanto continued with them and was their interpreter and was a special instrument sent of God for their good beyond expectation. He directed them how to see their corn, where to take fish, and to procure other commodities, and

was also their pilot to bring them to unknown places for their profit, and never left them till he died... (ibidem 220)

A troca de conhecimentos, entre os colonos e os nativos, tornou-se fundamental para a sobrevivência dos primeiros. Neste novo espaço, os *Pilgrim Fathers* tiveram de aprender com os índios as culturas adequadas ao ambiente que partilhavam, pois, as suas tentativas de cultivarem o que era habitual na Europa revelaram-se ali infrutíferas. O conhecimento adquirido com os nativos na sua relação com a terra e a natureza permitiu-lhes conseguir finalmente o sucesso das suas culturas. O modo como os autóctones trabalhavam a terra, o qual consistia em deixar repousar a terra em cada sementeira, era completamente desconhecido dos europeus.

Esta troca de conhecimentos surtiu de tal forma efeito que, um ano após a sua chegada ao Novo Mundo em 1621, os colonos, juntamente com os nativos, comemoravam a boa colheita de milho, após um inverno rigoroso. Como forma de agradecimento a Deus por mais uma etapa ultrapassada, organizavam uma festa, onde patos, perus, milho e frutos eram as iguarias apreciadas e deglutidas entre índios e brancos. Esta comemoração era, talvez, o espaço, por excelência, de confraternização sadia entre povos com culturas distintas:

In November, 1621, they sat down to eat together and give thanks to God for enabling them to survive the hardships of their first year in America. The Pilgrims were joined at their feast by local Amerindians. The Wampanoag and Pequamid people of the nearby forests had shared corn with the Pilgrims and shown them the best places to catch fish. Later the Amerindians had given seed corn to the English settlers and shown them how to plant crops that would well in the American soil. Without them there would have been no Thanksgiving. (O’Callaghan 1990: 19)

Os habitantes da Nova Inglaterra, nomeadamente os *Pilgrim Fathers*, acreditavam que Deus tinha escolhido as colónias para a realização de propósitos especiais, do mesmo modo que, numa outra época, havia destacado a nação hebraica.

Para além de serem na absoluta soberania de Deus, na total dependência dos seres humanos da graça divina para se salvarem, atribuíam uma enorme importância à experiência religiosa individual. Insistiam na ideia de que eram eleitos de Deus e tinham, por isso, o dever de dirigir os assuntos nacionais de acordo com o desejo divino.

Esta união, da igreja e do sector político, formando uma comunidade sagrada, deu ao Puritanismo controlo exclusivo sobre a maioria da actividade colonial, até alterações políticas o fazerem decair em finais do século XVII.

A América do século XVII não era dotada do vigor especulativo do Puritanismo inglês nem fervilhava de polémicas como este. A Baía de Massachusetts possuía uma rígida ortodoxia, pelo menos na primeira geração. Era uma comunidade que se auto-seleccionara, formada pelo livre consenso dos seus membros e, nessa perspectiva, julgava-se no direito de excluir quem não seguisse a sua linha de pensamento e o seu modo de vida. Tratava-se de um lugar ainda não manchado pelo pecado. Nas esperanças e sonhos dos seus fundadores, a nova Inglaterra iria ser uma cópia mais pura e moralizadora da Velha Inglaterra. Só uma vasta terra como esta podia permitir tal sonho de comunidade purificada; as velhas sociedades, cheias de erros, corrupções e preconceitos eram difíceis de purificar.

Por isso, a Nova Inglaterra desenvolveu uma rigidez e uma austeridade que se distinguiu das outras colónias, nomeadamente na sua recusa em desenvolver uma teoria de tolerância. Porém, os puritanos da Nova Inglaterra foram, de forma surpreendente, bem sucedidos na manutenção da ortodoxia da sua colónia. Ortodoxia esta que não constituía uma fraqueza, sendo antes uma força que

reforçou a inclinação prática. Próprio das pessoas seguras da sua ideologia, os puritanos quase nunca reflectiam e pouco ou nada questionavam e, deste modo, condenavam qualquer forma de cepticismo e subjectivismo. Esta ênfase na moralidade em detrimento da intelectualidade, levou à atitude típica da Nova Inglaterra em relação à epistemologia – o problema da verdade e do conhecimento não era um problema técnico formal, era antes um problema prático, ou seja, uma resposta útil às exigências de Deus ou da natureza. O Puritano era um moralista mais preocupado com a conduta certa do que com a verdade contemplativa, com a beleza útil do que com a decoração elegante. Ultrapassadas as preocupações de índole teológica porque não tinham dúvidas nem permitiam a dissidência, lançaram-se à acção, tendo como ponto de partida a teologia calvinista. A agirem como os seus contemporâneos ingleses – gastando o tempo em debates e a discutir e a elaborar novas teorias – não teriam tido energia e determinação para construir a sua comunidade e fundarem uma nova nação.

A Bíblia era o Livro que tinha a supremacia em relação a outros textos escritos por conter a regulamentação do culto entre os Puritanos: “ The book was both a sacred text, the bible (to be revigorated in the King James Authorized version of 1611), and a general instrument of expression record, argument and cultural dissemination.” (Ruland and Bradbury 1991: 4)

Para o Puritano da Nova Inglaterra a tarefa mais importante era a compreensão que a justiça dos homens teria de ser idêntica à justiça divina. Aquele que lesse e dissecasse as Escrituras, com fé, alcançaria o último dos mistérios.

Foi o calvinismo que inspirou o modo como os Puritanos agiam na sociedade e, nessa perspectiva, torna-se necessário entender as bases da sua doutrina. Para os Puritanos, Lutero e Calvino eram os heróis da fé, homens que lançaram uma grande reforma na Igreja corrompida de Roma, reforma essa que eles pretendiam continuar na sua própria aventura na Nova Inglaterra.

Na óptica de Calvino, sem o conhecimento pessoal não existe conhecimento de Deus. Assim, o crente deve começar por conhecer-se a si próprio, ganhando consciência da sua condição humana: miserável, infeliz e corrupta. Apenas enfrentando sentimentos de vaidade, fraqueza e ignorância, o homem percebe que apenas em Deus habita a verdadeira luz da sabedoria, virtude e bondade infinita. Não se pode, portanto, aspirar a Deus, enquanto não se estiver desiludido e insatisfeito com o próprio “eu”: “We are accordingly urged by our own evil things to consider the good things of God; ...Every person, therefore, on coming to the knowledge of himself, is not only urged to seek God, but is also led as by the hand to find Him.” (Calvin 1537)

A fé era um aspecto crucial para o desempenho dos deveres por parte dos indivíduos, uma vez que a sua vocação não era mais do que uma convocação de Deus, a sua crença conduzia-os ao desempenho correcto e bem sucedido dos seus ofícios. Nesta perspectiva, poder-se-á compreender a importância dada pelos Puritanos ao conceito de vocação: “In keeping with their militant this-worldliness, the puritans laid special emphasis on vocation.” (Bercovitch 1975: 6) Para os Puritanos, todo o bom cristão combinava o seu chamamento evangélico com o chamamento social, representando a sociedade no seu melhor:

Because they were congregationalists, they explained, visible members of the true church, their social enterprise was aligned with the work of redemption. And because they were so aligned, the spiritual progress of each saint among them was manifest in the progress of their venture. (ibidem 90)

Na Nova Inglaterra, as duas entidades – congregação/sociedade – não representavam extremos opostos como acontecia na Europa, antes uniam-se e, através do talento ideológico dos seus membros, as contradições e oposições a elas inerentes foram ultrapassadas. A religião era a preocupação mais importante

do homem. Do mesmo modo a Igreja, com um corpo de cristãos activos e redimidos, assegurava que todos trabalhassem para o bem comum nesta vida terrena de Deus. Nenhum cristão podia fugir às suas responsabilidades e deveres políticos, o que contribuiu para que a política e a religião fossem inseparáveis. Desta forma, os Puritanos tentaram atingir um equilíbrio entre iniciativa individual e o bem-estar da comunidade. Com liberdade económica, eles tentaram maximizar oportunidades e, ao mesmo tempo, preservar a responsabilidade. Um cristão sério não podia ser nem preguiçoso, nem ansiar à luxúria. Porém, devia ficar grato com a prosperidade. De acordo com Bercovitch:

To be a “true New-England man”, they declared, meant more than being a successful colonist. Their expedition superseded the opposites from which it sprung in the process of resolving them. They had come to America not to break with either the world of the kingdom, but to fulfil both... What in England, Holland, Germany and Geneva was an a priori antithesis became in America the twin pillars of a unique federal eschatology. (ibidem 90)

Se a reforma era inimaginável sem a evolução religiosa de Lutero, também é inegável que a sua obra não teria perdurado sem o calvinismo. Existe uma certa adversidade dos Luteranos e Católicos ao Calvinismo, sobretudo em relação à sua ética, que está associada ao desenvolvimento capitalista. Como Max Weber aponta, a confissão católica, à semelhança do que acontece com outras confissões religiosas, tem inerente a si própria um tradicionalismo religioso que influencia os fiéis nas suas acções: a dominação da Igreja Católica – “punindo os hereges, mas indulgente para com os pecadores”, outrora ainda mais que hoje – exerce-se no presente, sobre os povos de fisionomia económica moderna, assim como se exerceu sobre as regiões mais ricas e economicamente mais desenvolvidas que a Terra conhecia no dealbar do século XV” (Weber 28)

O alheamento do mundo, a rigidez religiosa, a intensa vida espiritual caracterizada pela meditação, a ânsia de alcançar a perfeição moral, são algumas das características da religião católica, que podem explicar uma menor preocupação para com os bens materiais. Assim se justifica a quase ausência dos Católicos dos círculos económicos. Pelo contrário, Max Weber observa que os detentores de capital são, na sua maioria, Protestantes e que se verifica uma abundante participação destes na actividade capitalista. Segundo ele: “.... Os dirigentes das empresas e os detentores de capitais, bem como as camadas superiores da mão-de-obra qualificadas, mais ainda o pessoal técnico e comercial altamente especializado das empresas modernas, serem predominantemente protestantes.” (ibidem 27)

Os Puritanos alicerçaram os seus princípios religiosos, sociais, políticos, legais e morais na Bíblia, a obra cuja autoridade ditava os modos de erigir o reino de Deus no mundo. A missão puritana seria, porém bastante árdua: determinados princípios encorajavam a cisões; outros refutavam as formas de as prevenir no seio da comunidade. A missão, atribuída por Deus, impunha julgamentos terríveis e intermináveis. Os eleitos tinham de procurar não só as suas almas em busca de sinais de Graça Divina, mas também as almas de todos os outros habitantes. A sua arrogância elitista conferia-lhes santidade e, simultaneamente, condenava a maioria da população à pena eterna.

Entretanto, outras grandes vagas se seguiram a estes puritanos, após a derrota de Cromwell, em Inglaterra. Elas urgem por variados motivos e relacionam-se com a própria história. Se uns procuravam liberdade religiosa, outros procuravam uma vida social mais digna, já que na Europa as condições de vida eram, para muitos, degradantes. Para além das dissidências político-religiosas já referidas, foram também dificuldades a nível económico que levaram muitos colonos em busca da concretização do sonho de um mundo diferente, de uma nova esperança de vida. Neste novo espaço por habitar, a pujança da natureza com terras virgens, ainda

não trabalhadas pelo homem, representava um porto seguro, caminhando para o futuro longe de uma Europa envolvida em perseguições religiosas, levadas a cabo pela igreja, caracterizada por um nefasto obscurantismo. O Novo Mundo surge como o destino de milhares de europeus que, por variadíssimas razões, pretendiam iniciar uma nova vida longe das suas raízes familiares e culturais.

Embora provenientes de diferentes países da Europa, defensoras de credos e tradições diversas, as sucessivas vagas migratórias que iam chegando à América, tinham o objectivo comum de querer realizar o seu sonho de independência económica e completa liberdade religiosa e política.

3 – A Luta pela Terra nas Colónias Americanas

A colonização da América, efectuada pelos europeus, foi um acaso, segundo algumas teorias: os navegadores procuravam a Índia, que era a fonte da seda e das especiarias, produtos que tinham um grande valor comercial no “Velho Continente” e, em vez de navegarem para leste, perderam-se e foram para oeste, encontrando o “Novo Mundo”.

Os ingleses lançaram-se à conquista do mundo durante o reinado de Henrique VII de Inglaterra, que promoveu a indústria naval, como forma de expandir o comércio para além das Ilhas Britânicas. Mas as primeiras colónias britânicas só foram fundadas durante o reinado de Isabel I, quando Sir Francis Drake navegou à volta do mundo. Foi apenas no século seguinte, durante o reinado de Jaime I, depois da derrota da Armada Invencível de Espanha, que foi assinado o Tratado de Londres, permitindo em 1607, o estabelecimento da primeira colónia inglesa nas Américas: Jamestown.

A colonização britânica nas treze colônias foi, essencialmente, de povoamento. Essa característica está presente nas colônias do Norte e do Oeste. A colonização dos territórios do sul foi baseada na criação de mega plantações, da monocultura do algodão, recorrendo à mão-de-obra escrava.

Nas áreas de colonização inglesa, a legitimidade da posse da terra pelos índios, só foi reconhecida pela Proclamação Real de 1763, onde se declarava que os índios podiam ocupar as suas terras sem serem molestados e estabelecia os Apalaches como a fronteira entre os colonos e o país indígena; as pessoas que, mesmo de forma inadvertida, ocupassem terras não cedidas pelos índios, deviam retirar-se. Nenhuma compra de terras seria legal, se não fosse realizada em reunião pública entre representantes da coroa e índios interessados.

No início da colonização, na tentativa de reconstruírem social e culturalmente o mundo de onde partiram, e transformarem a “wilderness” numa “Sacred Land”, inicia-se a aculturação. Os colonos chegam e tentam impor os seus costumes, as suas formas de viver próprias. É do confronto e interação destas culturas, a europeia pelos colonos, e a cultura nativa índia que, através de um processo de assimilação imposto pelos europeus, se vai transformando e diluindo a cultura ancestral dos autóctones, que já habitavam esta terra, muito antes da chegada destes colonos. Embora as influências culturais se exercessem em ambas as partes, o seu sentido predominante foi de leste para oeste, ou seja, da cultura branca para a cultura índia, pois, no sentido inverso, essas influências não se verificavam a níveis tão profundos.

As condições de vida e sobrevivência, neste espaço inóspito da America, foram bastante difíceis para os colonos, nos primeiros tempos. Estes tiveram de desbravar terras e lutar pela sua posse com algumas tribos índias, adaptar-se ao novo meio ambiente, que não era propício às culturas, e enfrentar doenças e carências de várias espécies.

Não obstante todas as dificuldades enfrentadas, o sonho e a esperança de uma nova vida falava mais alto, e eles foram conseguindo adaptar-se a este Novo Mundo, impondo-se à “wilderness”, tentando reconstruir, social e culturalmente, o mundo de onde saíram. Do Velho Continente traziam a cultura de origem, um grande desejo de liberdade e de um governo representativo e uma determinação para trabalhar com afinco.

Com o decorrer dos tempos, o relacionamento pacífico entre índios e os *Pilgrim Fathers*, foi-se esbatendo. Apesar dos pontuais laços de amizade entre índios e brancos, as suas relações foram de grande hostilidade, mantendo-se ao longo dos anos. Este conflito, surgido entre as duas culturas, agravou-se com a chegada dos novos colonos.

Os índios desempenhavam um papel trágico, como um inimigo persistente, que gerava um laço de inimizade com os colonos-europeus. Todos os europeus presumiam que tinham direito a tomar as terras dos pagãos. Os índios, por sua vez, viam a situação de maneira diferente. A postura cultural dos índios, baseada no respeito e veneração da natureza, era ignorada pelos novos colonos, que ali iam chegando. De tal modo que tomavam para si as terras que se encontravam em situação de pousio, impondo pela força os seus hábitos e os seus credos, esquecendo que naquele lugar já existia uma cultura ancestral, profundamente ligada à terra.

A cultura índia divinizava a natureza que considerava “Mãe”. Com uma sabedoria extrema, o índio tratava a terra como um local sagrado e não compreendia a necessidade de os novos colonos a destruírem e devastarem: “ Where the settlers could see only chaos and wildderness, the Indian’s eyes and mind could construe na order, a kindred intelligence in all things...” (Slotkin 1973: 26-27)

Eles tinham uma relação mística com a Terra-Mãe e apenas retiravam dela aquilo de que necessitavam para sobreviver; para eles o solo não era apenas terra, mas

fonte de vida. O comungar com a natureza envolvente era uma das características que marcavam a forma de estar do índio e o distinguiam da maior parte dos colonos invasores. Ao contrário do branco, o índio não se separava do meio natural, não se julgava superior a ele, nem tão pouco julgava ter a missão de o dominar:

As the American environment was the same for each of these cultures, one might reasonably expect that in the process of adjusting their lives to the wilderness, each of these cultures would acquire certain elements or quantities distinctly delivered from and suited to that environment. Differences between them might be accounted for by considering their differing points of cultural and historical origin. Also, their presence together in the land, resulting in both violent and amicable cultural interaction, would affect the development of each culture, just as a constant of the wilderness would. (ibidem 26)

Veneravam o Sol, a Lua e a Estrela da Manhã como símbolos de poder, imensidão e beleza do Universo. A sua vivência religiosa implicava grande auto-sacrifício e doação e não se ficava pela teoria ou pela passividade, contrariamente ao que se passava com os puritanos.

Uma vez que respeitavam o Universo como obra sagrada, aceitavam as práticas de outros povos também como sagradas, embora isso não significasse um desejo de abandonar as suas. Nunca foi anseio seu impor as suas práticas a outros povos, por isso, não entenderam ser essa a intenção dos brancos.

Para além dos confrontos e divergências nos aspectos religiosos e no que respeitava à posse da terra, houve exceções no relacionamento e na forma de encarar estas culturas ancestrais. Com efeito, essa foi a posição de Roger Williams, bastante mais tolerante e moderada do que os seus contemporâneos Puritanos. Ele defendia a compra das terras aos índios, e não a sua usurpação. Foi, aliás, uma postura bem revolucionária, que lhe valeu a expulsão de Salem. Por

esse motivo, Williams fundou a colónia de Rhode Island em 1636, passando este espaço a acolher pessoas de diferentes religiões. Este Puritano dissidente tinha estudado na Universidade de Cambridge e revelava simpatia pelos mais fracos e oprimidos. As suas ideias eram bastante evoluídas para a época. Defendia, também, a separação da igreja do estado e sustentava que os tribunais não tinham direito de punir pessoas por motivos religiosos. Esta sua posição abalou a rígida teocracia da Nova Inglaterra.

Contrariamente aos Puritanos, Roger Williams não partilhava uma visão simplista em relação aos nativos. Para os Puritanos, de uma forma geral, o inimigo era aquele que não vivia do mesmo modo, nem professava o mesmo dogma religioso. Para Williams, o índio não era o inimigo, mas sim um ser humano igual aos colonos ingleses, alguém cuja alma era tão boa ou até melhor do que a deles.

Sob a teocracia puritana, políticos e missionários trabalhavam para subjugar o índio e assim melhor servir os seus fins, numa perspectiva filosófica, em que a ética de trabalho protestante e a realização espiritual eram sinónimos.

O Novo Continente foi palco do encontro das duas culturas: a dominada, dos nativos, e a dominante, dos colonizadores. Nesse encontro, o homem ocidental projectou em redor a sombra do mundo unilateral em que vivia, destruindo e subjugando tudo quanto lhe era estranho ou incompreensível.

Numa atitude individualista e egocêntrica, o homem branco sentiu-se com poder para, utilizando o conceito de Deus, oprimir povos e a única natureza, baseado na crença de um estatuto superior, onde ele próprio se situava.

América foi um dos vários nomes sugeridos pelos exploradores, aquando da descoberta deste continente no século XV. Nos séculos que se seguiram a 1492 – ano em que Cristóvão Colombo, acreditando ter chegado à Ásia, pisava o solo do Novo Continente – avolumaram-se histórias e lendas com relatos dos novos

exploradores. No ocidente surgiram obras especulativas, parecendo confirmar a possibilidade da existência no Novo Mundo, de um lugar de eleição, para um povo já influenciado por mitos antigos do paraíso na terra como o da Atlântida de Platão – ilha localizada a ocidente, engolida pelo oceano, onde teria existido uma civilização perfeita. Os indícios de existência de ouro, as belezas naturais, a vastidão de lugares por explorar, contribuíram para identificar a América com velhas promessas de paraíso na terra e, desde então, as promessas de terra dourada povoaram a mente e a imaginação europeia alimentadas pela Utopia de Thomas Moore. Segundo Maria Irene Ramalho, o que realmente fascinava os europeus, era a possibilidade de conceber de novo a natureza. No ensaio “A Utopia Igualitária na Naturalização da América” explora esta ideia: “A farta terra virgem do imenso continente por explorar parecia oferecer-se à humanidade como nova oportunidade de existência plena na terra.” (Ramalho 1993: 263)

A América passou, deste modo, a ser imaginada idealmente como natureza ou reinventou-se como uma natureza sempre nova. É esta perspectiva que Maria Irene Ramalho quer veicular quando, no ensaio mencionado, cita uma afirmação de Octávio Paz, segundo a qual, a América se criou com o propósito de escapar à história, apresentando-se, assim, em oposição a uma Europa vista como um lugar profano de lutas e conflitos:

...acreditava-se que um caminho de esperança se abria à inocência de uma integração pura num solo manchado pelo escuro passado da Europa. Talvez por isso a América pareceu o local mais promissor para pôr em prática um sem-número de ideias utópico-ecológicas concebidas numa Europa porventura irrecuperável (ibidem 265).

É essa a ideia, de que a América foi sonhada na Europa muito antes de ser colonizada, que está explícita na obra *From Puritanism to Postmodernism*: “the idea of America as an exceptional place somehow different from all others

endures to this day, but it is not a myth of modern American nationalism or recent political rhetoric. It is an invention of Europe, as old as western history itself.” (Ruland and Bradbury 1991: 5)

Por causa desta história imaginária que precedeu a real e factual – a colonização – os mitos começaram a espalhar-se e, assim, se foram estabelecendo, geração após geração, na mente de cada americano. O processo continuou, mesmo quando a história imaginária ia ganhando contornos específicos, definidos, configurando uma realidade geográfica e um sentido forte de experiência real. A América nascia de um sonho e tornava-se uma realidade.

É com base neste passado e nas convicções puritanas, tendo a Nova Inglaterra pré-revolucionária como pano de fundo, que o consenso ideológico nacional e o próprio mito da América nascem. Só assim se compreende que um povo tão heterogêneo, como o americano, tenha construído a cultura considerada mais democrática e homogênea do mundo.

Mindy and Brandon Withrow afirmam em *Courage and Conviction*:

With courage and conviction, these Christians declared their devotion to the authority of Scripture. They faced off against the most powerful leaders of the known world. They endured torture and martyrdom for the freedom to worship according to their consciences. From German castles to French battlefields and over the high seas to the Americas, join us as we voyage into the world of reformation. (Withrow 2006:16)

Lutaram contra tudo e contra todos, com coragem, determinação e muita convicção, tendo, como centro das suas vivências, as Sagradas Escrituras. Não se coibiram de sofrer perseguições pelo desejo de professar a sua crença em liberdade.

4 – A Colônia de Massachusetts Bay

Quando os passageiros do *Arbella* desembarcaram, na Primavera de 1630, no litoral americano, louvando Deus por voltarem a pôr pé em terra firme, pouco alívio encontraram na realidade circundante. Perante os seus olhos, uma ausência total de sinais de civilização: não havia casas nem cidades. Pelo contrário, as terras eram inóspitas e desoladas. Não havia ninguém a dar-lhe as boas-vindas, entre eles e os amigos europeus estava um oceano vasto e em fúria que, com dificuldade, tinham acabado de atravessar. As presenças humanas resumiam-se, apenas, a nativos hostis e selvagens que, mais depressa os matariam do que os acolheriam. Aliado ao desconhecimento geográfico e à falta de auxílio, o clima parecia ser agreste e violento.

A América começou por ser, para a maior parte dos europeus, uma experiência dolorosa. Como podia ser uma Terra Prometida tão pouco acolhedora? No entanto, foi partindo da convicção que iam ao seu encontro, que os peregrinos se tinham aventurado a correr tantos perigos e a passar por tantas dificuldades. Os Puritanos consideravam profética a sua ida para o Novo Mundo: assinalava o encontro com a Terra Prometida, que constava das revelações bíblicas. Por outras palavras, tinham-se limitado a interpretar textos sagrados e a responder a um chamamento divino.

Como se discutirá, mais tarde, a vertente mítica da questão americana é fundamental, pois foi ela que fez mover o povo determinado a cumprir uma missão, que acreditava ser divina. Na óptica de Sacvan Bercovitch, a função do mito deriva da sua capacidade de ajudar os homens a agir: “Myth may clothe facts in metaphor, but the metaphor gathers its force and persuasiveness from its functional relationship to facts.” (Bercovitch 1976: 612) Inspirados em textos bíblicos, em especial no Livro do Êxodo, que tem como acontecimento central a

viagem dos Hebreus, orientada por Moisés, através das águas do Mar Vermelho em direção à Terra Prometida, os puritanos protagonizaram uma história idêntica estabelecendo um paralelismo entre a sua viagem e o êxodo israelita. À semelhança do que fizera com os Hebreus, Deus terá estabelecido com os puritanos uma aliança, constituindo-os o Seu Povo. Richard Ruland e Malcolm Bradbury, em *From Puritanism to Postmodernism*, equacionam esta questão:

The plot was providential; God guides these encounters between the traveler and the not yet written New World. The myth remains shaped by European sources, but now one source above all, the Bible, and especially its opening chapters, Genesis ad Exodus, the tale of the Chosen People and the Promised Land. (Ruland and Bradbury 1991:9)

Assim, quando os puritanos embarcaram em Southampton, em Inglaterra, já sabiam as exigências de tão arriscada tarefa: teriam de enfrentar terríveis provações e manter as suas convicções, uma vez que estavam sujeitos a duras provas de fé. Refere John Winthrop no conhecido texto *A Modell of Christian Charity*:

We shall finde that the God of Israeli is among us, when tenn of us shall be able to resist a thousand of our enemies; when hee shall make us a prayse and glory that men shall say of succeeding plantations, 'the Lord make it like that of New England'. For we must consider that we shall be as a Citty upon a hill. The eies of all people are upon Us, soe that if wee shall deale falsely with our god in this work wee have undertaken, and so cause him to withdrawe his present help from us, wee shall be made a story and a by-word through the world. (Lemay 1989:23)

Esta ideia de sofrimento é lugar comum no relato de vida dos santos medievais tão ao gosto puritano, veiculando a ideia de preparação dos santos para o paraíso tornando visível a perspectiva do Inferno. Bercovitch, em *The Puritan Origins of*

the American Self, aborda esta questão: “The notion of gracious affliction is commonplace enough in the saint’s Life, but startling as a framework for interpreting the secular, terrestrial course of a community” (Bercovitch 1984:56). Aliás, John Winthrop, a bordo do *Arbella*, em pleno oceano Atlântico, já os havia alertado para o facto de terem feito um pacto com Deus e, por isso, experimentarem horas amargas numa terra desconhecida. Winthrop exprimiu, no seu célebre sermão *A Modell of Christian Charity*, o desejo de a América se tornar um exemplo a imitar por todo o mundo: “For wee must consider the wee shall be as a citty uppon a hill. The eies of all people are uppon us, soe cause him to withdrawe his present help from us, wee shall be made a story and a by-word through world.” (Lemay 1989:23) Os sermões de Winthrop eram modelos de disciplina social e auto-controlo; tão forte era a sua índole, na área de Boston, que John Winthrop foi eleito governador por unânime consenso.

A teoria de anti-tolerância e a rigidez desenvolvida pelos puritanos da Nova Inglaterra, empobreceram a sua literatura e deram um tom obscuro aos seus escritos. Os novos americanos possuíam uma herança cultural acentuada, mitologias, rituais, línguas e uma amálgama de experiências diferentes, que se estabeleceram como fontes essenciais para a cultura americana. Trouxeram ainda esperanças de um Novo Mundo, prometido pela sua própria mitologia. Um novo mundo que tinha características especiais, uma vez que não eram as primeiras pessoas a habitá-lo. Ruland e Bradbury colocam esta questão: “The new world was not new, nor virgin, nor unsettled.” (Ruland and Bradbury 13) Na óptica destes dois autores, foi do encontro com os índios, com as dificuldades impostas pelo clima, pela paisagem, pela necessidade de sobrevivência e por permanecerem de costas viradas para as culturas desenvolvidas da Europa, que surgiu a literatura americana. Desta forma, a mentalidade da Nova Inglaterra encontrou o seu meio de expressão por excelência: o sermão.

Devido à sua firme ortodoxia e à ênfase nos aspectos práticos, os puritanos viriam a dar uma importância especial à palavra falada, em detrimento da palavra impressa. O discurso em público era uma prova irrefutável de que os ouvintes partilhavam um corpo de valores comuns, e comungavam das mesmas ideias. É claro que havia, na doutrina do protestantismo, razões cruciais para justificar a importância da pregação. Se se prescindia dos sacerdotes, como intermediários entre cada alma individual e Deus, era necessário trazer a cada homem a mensagem do Evangelho. Assim, o sermão puritano, tendo como traço distintivo a simplicidade e a ausência de estilo metafísico para que todos, sem excepção, entendessem a sua mensagem, tinha, como ponto de partida, textos bíblicos, e era desenvolvido com a preocupação de ir ao encontro da experiência de vida dos puritanos, dos seus aspectos mais duros e difíceis de suportar. Era a aplicação da teologia à construção da comunidade e às provações do quotidiano.

A comparência ao sermão era exigida por lei e a ausência punível com multa. Acreditava-se que o governo tinha o dever de fazer o povo obedecer à vontade de Deus e criar leis que o fizesse a ser exemplo de virtude. Contudo, na perspectiva de Daniel Boorstin, as pessoas viam aí uma oportunidade de socialização, de visitar amigos distantes e trocar notícias, pois a escassez de entretenimento e a distância que separava as casas entre si, faziam desta atitude um acto social.

O templo começou por ser, para além de ponto de encontro, um lugar de instrução – era aí que a população aprendia os seus deveres e obrigações, e onde encontrava orientação para seguir os seus caminhos individuais. Esta formação, exercida pelos ministros da colónia, era tida como um dever na época da colonização. Para que o objectivo de Deus fosse alcançado seria necessário instruir os cidadãos, a fim de que estes interpretassem os textos bíblicos com maior precisão.

5 – Anne Hutchinson e os Puritanos da Colônia de Massachusetts

Anne Hutchinson nascida em Alford, Lincolnshire, Inglaterra em 1591, era filha de Francis Marbury e de Bridget Dryden. Três anos antes de Anne ter nascido, a Armada Britânica tinha derrotado a Invencível Armada. Muitas mudanças tinham ocorrido em Inglaterra durante este século prodigioso, graças à força e inteligência de uma mulher que tinha governado o país com sabedoria e determinação durante 57 anos:

The powerful female monarch, who at the time of Anne Marbury's birth had spent more than half of her fifty-seven years on the throne, knew French, Italian, Spanish, Welsh, Latin, and some Greek besides her native tongue and wrote eloquently in music and words. (Laplante 1994:31-32)

Também Anne, ao longo da sua infância e adolescência, viveu no seio de uma família culta e sábia, onde as suas capacidades e inteligência eram aproveitadas de forma profícua. Apesar de jovem, era-lhe permitido ouvir e expressar a sua opinião sobre todos os temas da vida, inclusive de política e religião: “From early childhood Anne was aware of religion, its presence felt in every aspects of daily life.” (Crawford 1970:12) A primeira parte do seu crescimento foi passado na comunidade rural de Alford, no entanto, os últimos dez anos de solteira foram vividos com seus pais e irmãos em Londres.

Embora sem formação escolar, como todas as mulheres da sua época, Anne tinha sido “well educated at her father's knee” (Laplante 1994:19). Quando Anne nasceu, a família Marbury tinha apenas raparigas no seu seio: duas meias-irmãs de Anne, fruto do primeiro casamento de seu pai, e a irmã Mary de três anos. O facto de existirem apenas filhas, pode ter sido a razão principal da sua tão intensa formação:

Anne's schoolteacher father accorded her so much attention in a time when only boys were sent to school and taught to read and write. Another factor may have been the growing suspicion among the ruling class in Elizabethan England that girls and women could be schooled. (ibidem 31)

Francis Marbury, um clérigo formado em Cambridge, professor e reformista puritano, era um pai atento e preocupado com a educação dos filhos. A sua vida foi marcada por constantes desafios, que o levaram à prisão durante vários anos, e pelo seu próprio julgamento público, com a acusação de heresia, a mesma que seria mais tarde atribuída a sua filha, ao refutar um dogma da igreja puritana.

Impedido de pregar, Francis viu-se confinado ao espaço familiar, isto é, “preso”, com a sua família, na sua modesta casa de Alford. Todo o tempo foi aproveitado para jardinar, escrever e ensinar os seus filhos. Não obstante esta situação, Marbury continuou a lutar pela sua liberdade:

He begged each year to be returned to his posts, pleading to church authorities that he was not a Puritan. “I subscribe to the Elizabethan Book of Common Prayer, and none other,” he wrote to the Bishop of London, John Aylmer, who was now in his seventies. Marbury said he was expelled “for cause to me utterly unknown.” He asked other ministers of the church to vouch for his good character, which they did in letters to the bishop. (ibidem 34)

Finalmente, após três anos de prisão domiciliária, em 1594, Francis recuperou a licença para ensinar e pregar. Quando se encontrava na fase mais madura, decidiu fazer uma grande mudança na sua vida: nunca mais questionaria abertamente a Igreja de Inglaterra e prometeria a si mesmo “he would curb his tongue” pois a família assim o exigia: “Before long Reverend Marbury knew he needed to make enough Money to support his family [...] and to keep quiet about his feelings toward the Church of England.” (Clark 2000:11)

Quando, dez anos mais tarde, recebeu a notícia da sua mudança para Londres, toda a família rejubilou de alegria. Viver na capital, ter a possibilidade de experienciar as vivências junto do bulício do coração do país, era o melhor que podia acontecer. Também Anne fervilhava de expectativas em relação à cidade grande. Tinha crescido numa Inglaterra isabelina e, como na sua infância, usufruía uma energia inquebrantável, de uma espontaneidade e entusiasmo, que a levava a uma ávida vontade de viver. Para ela, Londres significava o seu lar por ser o local onde o pai iria desempenhar as funções de pregador, que tanto ansiava, após longos anos de silêncio forçado. Os anos de humilhação e frustração teriam de ficar para trás, e esquecer como “somehow the family made ends meet, mostly from Money coming from relatives of the Drydens.” (Crawford 1970:13) Apesar de todas as contrariedades “Anne never remember going hungry, and her clothes were the plain but serviceable garments of any child of a minister, farmer, and skilled worker.” (ibidem) Por isso, a vida continuou e retomou o seu rumo com a ida para Londres.

Com o passar dos anos, Anne foi adquirindo competências e *savoir-faire*, já que a vida em Londres não se resumia a discussões religiosas e políticas. Com a mãe aprendeu a cozinhar, a jardinar e a bordar. Servir e auxiliar os doentes e os mais necessitados foi outra qualidade inculcada pela mãe, e que lhe viria a ser muito importante na sua vida futura.

A morte do pai esteve na origem de uma viragem. William Hutchinson, vizinho e amigo de longa data, decidiu pedir a mão de Anne em casamento. “In the middle of packing up and confusion and tears, there was Will Hutchinson from Alford, hat in hand, a yearning bachelor of twenty-six.” (Crawford 1970: 23) Com vinte e seis anos William considerou ser o momento certo para constituir família. Anne, por sua vez, com o seu espírito jovem e entusiasta aceitou de bom grado o pedido de seu amado:

Anne rewarded William's courage when he appealed to her on bended knee. Anne took her dowry of two hundred marks, her gentle blood, her unquenchable energy, and her enthusiasm and added them to the staid Merchant stock of the Hutchinsons of Alford. (Leonardo and Rugg 1995: 52)

O casamento de Anne e William foi uma aliança de amor para a vida inteira, recheada com dezasseis filhos. Após o enlace matrimonial, o casal regressou a Alford e aí viveu durante vinte e dois anos. Catorze dos seus filhos nasceram nesta comunidade. Apenas os dois últimos descendentes da família Hutchinson viram a luz do dia no Novo Mundo. Embora tenham perdido três dos seus filhos, este número parece ter sido bastante pequeno em comparação com outras famílias. A vitalidade de ambos os cônjuges e o cuidado esmerado na saúde dos filhos, foi responsável pelo número reduzido de mortes de bebés no seio familiar.

No século XVII, a morte era uma constante da vida, especialmente em crianças de tenra idade. No entanto, a mentalidade puritana levava a aceitar este facto como um desígnio de Deus: "... lamentable but beyond their power to avert. They grieved, but a new baby soon filled the place of a death brother or sister." (Leonardo and Rugg 1995:58)

Uma das causas para o elevado número de mortes entre as crianças devia-se, essencialmente, à juventude dos pais. As jovens casavam muito cedo e davam à luz três ou quatro filhos antes de atingirem os vinte anos. Com Anne Hutchinson, a realidade foi bem diferente. Tinha vinte e dois anos quando nasceu o seu primeiro filho e seu marido tinha vinte e sete. Eram, por isso, um casal maduro para a época.

A vida familiar em Alford era bem ocupada. As tarefas domésticas e a educação dos filhos proporcionavam a Anne uma vida plena de actividade. Embora com muitos criados, muito havia a fazer, desde a confecção de roupas para toda a família, à preparação de alimentos e de mezinhas. Também as crianças do sexo

feminino começavam cedo a descobrir o significado das tarefas familiares: com seis anos tricotavam as suas próprias meias. E Anne comandava todas estas operações domésticas especialmente em relação aos cuidados de saúde. Todos os ensinamentos da mãe eram uma mais valia. As *gentlewomen* tinham como parte integrante da sua educação, “some training in the art of healing”. (60) Anne, através de livros de receitas de família, descobriu como ser eficaz perante algumas doenças típicas da altura. E, uma vez mais, o serviço prestado na paróquia de seu pai foi de extrema importância, já que prestava serviços de saúde aos mais necessitados. Esta experiência levou-a a tornar-se numa das mulheres mais procuradas para solucionar problemas relacionados com doenças típicas. Nesta época, era muito difícil encontrar um médico e as mulheres curandeiras substituíam os seus serviços de forma mais célere. Hutchinson, era, por isso, o paradigma da mulher perfeita: “she was wise in caring for the sick and gave herself unstintedly to all sorts of good works.” [...] “What she was in middle age is a sure indication of her pursuits while she was a younger woman in Alford.” (ibidem 61)

Esta mulher desempenhava todas as tarefas com brio e entusiasmo. O ser útil ao outro foi sempre uma das suas grandes qualidades. No entanto, tinha uma casa para gerir e uma família para cuidar. Os Hutchinson começavam bem cedo o seu dia. Às cinco da manhã todos estavam a pé e preparados para as suas tarefas. Os criados eram instruídos pela sua *mistress*, William seguia para o seu negócio e as crianças para a escola. A jardinagem, a costura e a visita aos doentes eram actividades para as tardes do dia. Quando as crianças regressavam a casa, jantavam e iam dormir. O dia terminava como começava, isto é com uma oração e a leitura da Bíblia.

William era um homem empreendedor e capaz de valorizar o negócio de família. Apesar de não ter curso universitário, “he had completed grammar school - he knew some Latin and possibly Greek and could write - and was working

alongside his father” (Laplante 2004: 141). Tinha dinheiro e herdara um nome de família, honesto e leal para preservar. Os Hutchinsons de Alford eram de origem simples e humilde, mas foram, passo a passo, conseguindo alcançar uma vida próspera. William continuou o trabalho árduo pelo bem-estar da sua nova família. “Where the Hutchinsons had wealth in abundance, the Marburys had wit, and for Will and Anne this proved a good match.” (ibidem 143). Este bom entendimento e completamento entre as duas famílias eram essenciais, mas, acima de tudo, William tinha o amor de sua mulher. E o amor que granjeava por Anne significava mais para ele do que tudo o resto. Respeitada e próspera, a família Hutchinson seguiu as pisadas dos seus antecessores: a casa recheada de filhos e os cofres de dinheiro. Contudo, com o passar dos anos, três forças inquietantes permitiram perturbar o lar de Alford. O bulício religioso da época, a disposição desconcertante de Anne em estar muito à frente do seu tempo e a personalidade de um pregador de S. Botolph’s em Boston foram responsáveis pelas grandes alterações na vida da família Hutchinson. A partir desta altura nada seria igual. Estava dado o mote para a desconcertante aventura vivida por Anne Hutchinson.

5.1 – O Primeiro Passo para a Liberdade

Quando a família Hutchinson se mudou para Alford, alguns rumores começaram a surgir sobre a eloquência de um jovem pregador de Boston. Esse novo pregador, que viria a exercer a maior influência na vida de Anne e sua família, era John Cotton. Durante vinte e um anos, Cotton foi vigário de Saint Botolph’s em Boston e mais vinte anos na primeira igreja da nova Boston da América.

No início da sua vida de casada, Anne estava demasiado ocupada para prestar atenção a todos os sermões de John Cotton. No entanto, tendo em conta o seu

espírito observador e curioso, a sua vontade de saber cada vez mais e o ambiente teológico onde crescera, rapidamente lhe permitiram descobrir as capacidades de Cotton. O que ouvia falar sobre o novo pregador fazia-a acreditar que este poderia vir a ser “the intellectual and spiritual food she craved in her rural home.” (Leonardo and Rugg 1994:64)

Anne e William passaram a frequentar a paróquia do famoso pregador. E as sucessivas viagens a Boston, a vinte e quatro km de distância da sua residência, faziam rejuvenescer Anne:

Then, off and on for years, Anne Hutchinson sat with her husband’s kindred Sunday mornings in the glorious old church. She listened to the insinuating and melting discourse of the Vicar and felt that here indeed was the preaching for which her soul had hungered. He preached Sunday afternoons and, again, she hastened to the meetings. In the mornings, his preaching was “experiential and pastoral,” teaching from the Scriptures the way to live a good life. In the afternoons, it was theological. Both were manna to Anne Hutchinson... (ibidem 65)

As sucessivas viagens à paróquia de John Cotton foram-se tornando um hábito para o casal, mas, e apesar de rotineiro, servia de apoio e suporte ao carácter sempre ávido de Anne. A religião era o alimento espiritual por que ela tanto ansiava e o pregador sabia interpretar a *God’s Word* de forma exemplar.

Durante um longo período da sua vida, Anne sofreu momentos de agonia. A sua mente e o seu espírito debatiam-se com questões teológicas, como o próprio acto de respirar. Muitas questões foram colocadas na sua mente, muitas passagens da Bíblia foram lidas incessantemente, de forma a perceber a diferença entre a palavra de Deus, apresentada pela Bíblia, e as formas e cerimónias, impostas pela Igreja de Inglaterra. Tornou-se claro para ela a dicotomia entre aqueles que pregavam Deus e aqueles que acrescentavam ritos à Palavra, que nada tinham a ver com o Evangelho. Esta crise marcou, no entanto, a sua convicção de que Deus

falava com ela e que as suas decisões e inspirações eram directamente inspirados por Deus através da Sua palavra. Assim começa a sua viragem a nível de fé:

(...) one day in early 1630, Anne, at home, opened her Bible to a particular page; and it seemed to her with terrible clarity that God's Spirit was speaking directly to her! The verse her gaze had fallen upon was: 'Suffer the little children to come unto me.' And suddenly she knew that not only one of her small daughters but both would be stricken with disease and die that very year. (Crawford 1970: 31)

A convicção de que a Palavra de Deus lhe era directamente transmitida, foi uma das suas marcas pessoais. Esta revelação seria, mais tarde, um dos motivos da sua expulsão e excomunhão da colónia de Massachusetts.

Com o passar dos anos, a clivagem existente entre os conformistas e não-conformistas de Saint Botolph's tornou-se cada vez mais evidente e o controle eclesiástico mais apertado. Em 1632, John Cotton foi colocado à prova quando, perante a "Court of High Commission", o acusaram de negligenciar o seu regulamento. Perante tal situação, Cotton tinha apenas duas alternativas: ou abdicava da sua função de pregador ou deixava o país, a Inglaterra. O pastor escolheu partir e começar uma nova vida nas colónias americanas de Nova Inglaterra.

Para Anne Hutchinson nada poderia parecer mais devastador. A partida de John Cotton significou uma perda incalculável:

We can compare her deprivation with that of an alert and cultivated woman of the twentieth century being deprived of books, music, the theater, lectures, and the conversation of her equals. It meant losing romance and losing her way of escape. (Leonardo and Rugg 1995: 79)

Poderíamos afirmar que Anne Hutchinson amava a religião na personificação do seu pregador, ou amava o seu pregador, sob a forma de religião. Para ela, ambos pareciam ser idênticos. William, os filhos, toda a comunidade circundante não eram suficientes para Anne. Por isso, a palavra foi o refúgio para o seu vazio espiritual. Toda esta agitação não passava despercebida a William que compreendia e amava a mulher de forma incondicional. Apesar de todas as tarefas serem desempenhadas como antigamente, ela não estava feliz e William sentia-o no seu íntimo. Para fazer Anne feliz, bastava atravessar o Atlântico e recomeçar uma nova vida em Nova Inglaterra: “And above all, Will Hutchinson aimed to please his wife; sometimes he couldn’t quite believe he’d won her” (Crawford 1970: 24)

Segundo as notícias que chegavam da América sobre a vida dos que lá viviam, as perspectivas de futuro eram as melhores. Bastava algum dinheiro para começar, coragem e sentido de negócio. Tudo isto a família Hutchinson tinha de sobra. Por isso Anne “led and William followed.”(Leonardo and Rugg 1995: 90)

No verão de 1634, os Hutchinson viajaram até à costa da Nova Inglaterra, Massachusetts. Durante a viagem, Anne teve a oportunidade de colocar à prova o seu dom de retórica. Era conhecida por muitos devido aos seus poderes curativos e passaria, a ser igualmente procurada pela sua capacidade de comunicar e interpretar o Evangelho:

Among the whole company, no one talked more brilliantly than Anne Hutchinson or expressed more positive convictions. She soon found herself the center of a little court who stimulated her quick tongue to voice whatever her swift mind conceived. (ibidem 93)

O “bilhete” intelectual e espiritual a bordo do *Griffin* era o mais importante para para Anne.

Em 1634, a aldeia de Boston era apenas uma pequena comunidade e cada novo habitante era alvo de curiosidade. A comunidade tinha cerca de mil habitantes e cada família vivia em pequenas cabanas, ao longo das colinas de pastagens da península. Viviam do milho e da venda de animais. O povo de Boston tentava construir a Nova Inglaterra à imagem e semelhança da sua Inglaterra distante. À semelhança de Anne Hutchinson, outros habitantes de Boston tinham vindo de Lincolnshire e todos os anos chegavam mais da *Old England* para encher a colónia de “mão-de-obra” pronta para trabalhar, expandir e desenvolver o território.

Quando os Hutchinson chegaram a Boston, já eram bem conhecidos da sociedade. Sob a protecção de John Cotton, a família foi bem aceite nos meandros da sociedade. William Hutchinson foi admitido na igreja de Boston, no entanto, a mulher teria de esperar até ver estudada a sua situação, junto dos ministros. O primeiro aviso de futuros problemas estava lançado. Só mais tarde é que Anne foi aceite como membro da igreja de Boston. Apesar desta controvérsia inicial, William alcançou o mais alto posto político, ao ser eleito deputado de Boston na Corte de Massachusetts.

Anne e William foram viver para a parte mais selecta de Boston. Sendo William um rico mercador, não lhe faltavam terras ao redor da sua habitação. A situação económica da família era boa, e, com o passar dos anos, o erário familiar foi aumentando. A casa que William tinha construído para a família assemelhava-se a uma típica quinta inglesa. Era espaçosa, o que viria a ser uma mais valia quando, posteriormente, serviu para albergar as sessenta ou setenta pessoas nos encontros promovidos por Anne.

The Hutchinson residence in Boston was fairly typical of the better homes of the early colonial period. The lower floor was comprised of a parlor, where the best furniture and the few ornaments-such as the oak Bible-box that was a feature of pious households-were arranged, and one massive room called

the ‘hall’, serving as a kitchen, dining and living-room all in one; [...] Upstairs were the fourposters, tumble-beds, pallets and cradles for the family of every size ...” (Dunlea 1993:110).

Estava criado o cenário perfeito para o percurso evangelizador de Anne Hutchinson. Longe da opressão do Velho Continente, com a família de novo reunida e junto do seu pregador preferido, Anne sentia que estava preparada para cumprir o que estava escrito, isto é “The Puritans had come to America to make the New World safe for their brand of theocracy.” (ibidem 115)

Ao acreditar que estava na presença de Deus, Anne Hutchinson fazendo a obra de Deus em qualquer lugar que ele fosse, e não somente na Igreja, estava a construir um mundo novo. Ela sentia que era sua missão transformar cada área da vida em algo santo para Deus. Por isso, encontrava-se, segundo a sua expectativa de mudança, no local perfeito para evangelizar e transformar o Evangelho em Palavras Vivas e actuanes no seio da população. Era o seu projecto de vida e de fé que Anne tanto ansiava e se preparava para colocar em prática.

Este conjunto de ideias era, julgamos nós, uma filosofia de vida, uma atitude em relação ao universo, que de forma nenhuma deixava de lado os interesses da vida secular. O Puritanismo no século XVII não era, no sentido mais restrito, limitado à religião e a moral. Estava também ligado à política e à economia, e Anne Hutchinson, ao desempenhar as suas diferentes vertentes de mulher e crente, conseguiu, como iremos demonstrar, colocar em prática o que significava ser Puritano na sua verdadeira essência.

Capítulo II

O Papel da Mulher em *New England* na Época Colonial

1 – A Situação das Mulheres no Limiar do Século XVII

Men have precedency, and still Excel,
It is but vain unjustly to wage war,
Men can do the best, and women know it well:
Pre-eminence in each and all is yours,
Yet grant some small acknowledged of ours.

Anne Bradstreet, *The Tenth Muse Lately Sprung up in America*

Em *First Blast of the Trumpet against the Monstrous Regiment of Women*², o filósofo calvinista John Knox afirma: “[It is] repugnant to nature [as well as] contumely to God, and the subversion of good order to promote a woman to any position of superiority in any realm.” De facto, no início do século XVII a mulher estava relegada a um papel secundário face ao homem, fosse ele marido ou pai. Aliás, como se pode constatar através de vários documentos sobre a época o pensamento deste filósofo constitui um dos alicerces da doutrina puritana. Devido ao conceito estanque entre masculinidade e feminilidade, esta doutrina é vista como autoritária e misógina.

Apesar de todas as contrariedades, das vivências dolorosas e muitas desilusões constantes, um grande número de mulheres conseguiu ultrapassar as desventuras e posicionar-se perante o sexo oposto como alguém capaz de se afirmar corajosamente na postura de esposa e mãe, acabando por desempenhar sempre um papel de primordial importância na história da Humanidade.

² John Knox (1513-1572) foi um religioso e reformador escocês que se rendeu aos princípios do presbiterianismo, movimento protestante caracterizado por uma acentuação da forma de organização eclesial proposta por Calvino e que liderou a reforma religiosa na Escócia.

No começo da época colonial, as mulheres, sobretudo as que partiram e acompanharam os primeiros colonos, vivenciaram momentos bastante difíceis, a começar pela viagem dura e realizada em condições extremamente precárias, propícias a doenças, devido à falta de higiene e espaço, facto que obrigava as mulheres a suportarem as doenças de que eram acometidas e a darem à luz sem qualquer privacidade. No início, viviam em barracas, que foram sendo substituídas a pouco e pouco por casas mais dignas. A dieta resumia-se, muitas vezes, a um pouco de farinha e água. Os primeiros colonos, os chamados *Pilgrim Fathers*, apenas conseguiram sobreviver devido à ajuda dos Índios, que os ensinaram a apanhar peixe com que se alimentavam até à chegada de um barco com mantimentos. Vivendo, muitas vezes, em total isolamento, não podemos esquecer que o homem saía para caçar enquanto a mulher ficava confinada a um espaço exíguo sem condições, e sem qualquer apoio familiar ou médico, a mulher sobreviveu, a muito custo, às doenças e aos sucessivos nascimentos de filhos. No entanto, apesar de todas as vicissitudes, as mulheres participaram activamente na organização das colónias de uma forma comunitária em que tudo era partilhado.

Segundo o modelo tradicional, as tarefas domésticas eram atribuídas à mulher, assim como o cuidado e educação dos filhos. Ela tinha de ficar em casa para efectuar as lides domésticas e tomar conta dos filhos, enquanto o marido era o responsável pelo sustento da casa. O homem era o “chefe” da casa, era o único “livre” de acordo com a opinião de John Demos:

The fundamental Puritan sentiment on this matter was expressed by Milton in a famous line in *Paradise Lost*: “he for God only, she for God in him;” and there is no reason to suspect that the people of Plymouth would have put it any differently. The world of public affairs was nowhere open to women – in Plymouth only males were eligible to become “freeman”. Within the family the husband was always regarded as the “head” – and the Old Colony provided no exceptions to this pattern. Moreover, the culture at large

maintained a deep and primitive kind of suspicion of women, solely on account of their sex. (Demos 1970: 82)

A mulher de *New England*, além de esposa e mãe, tinha de efectuar as tarefas domésticas e também executava grande parte dos trabalhos no campo. A trajectória social das mulheres circunscrevia-se a um projecto ligado à família e a sua realização era a maternidade, que depois não lhe permitia criar um projecto social, cultural ou laboral autónomo. A identidade cultural das mulheres formou-se a partir do discurso de domesticidade, que define as mulheres como mães e esposas. A família aparece, assim, como um lugar embrionário essencial onde se aprende a viver, a ser e a estar, onde se bebem e se consciencializam valores sociais de que as sociedades têm absoluta necessidade e sem os quais não podem subsistir. É na família que se aprende a respeitar os outros e a colaborar com eles.

A mulher nos países protestantes, e nomeadamente em *New England*, era mais instruída do que nos países católicos. O livre acesso à Bíblia exigia que as mulheres soubessem ler e, por isso, tinham mais conhecimentos do que as mulheres católicas, adquiriam outro tipo de raciocínio e horizontes mais alargados o que lhes permitia terem um papel mais activo na sociedade. Daí que, muito cedo se começou a desenvolver uma sociabilidade original, na base de uma expressão literária vigorosa e de um feminismo precoce. Temos os casos de Anne Bradstreet, grande poeta puritana e de Anne Hutchinson, a mulher que foi capaz de abalar a rígida sociedade puritana e que constitui o objecto do nosso trabalho.

Devido às práticas de evangelização, à leitura diária do Evangelho e à obrigatoriedade de participação nos serviços religiosos, que cada vez mais mulheres estavam presentes no espaço público e usavam a palavra. A grande impulsionadora desta nova atitude das mulheres perante a religião foi Anne Hutchinson. Esta puritana foi uma das primeiras vozes a colocar a questão da desigualdade dos direitos das mulheres em relação aos homens, aquando da

fundação de *New England*. Ela questionou a teocracia puritana de Boston, devido ao facto de a mulher não ter expressão nos assuntos religiosos. Desde o século XVI, na Grã-Bretanha, que a literatura para o público feminino versava as qualidades e os atributos que as mulheres deveriam ter ensinando-lhes, de uma forma detalhada, quais as responsabilidades e limitações das mulheres. Os deveres a que estavam obrigadas ultrapassavam em muito os seus direitos, sobretudo no domínio público, onde as mulheres não tinham voz activa nem representação efectiva.

No que respeita à instrução, verificava-se uma grande diferença de tratamento em relação aos dois sexos, sendo esta diferenciação um dos principais entraves para a igualdade entre sexos. Temia-se que as mulheres instruídas pudessem querer aspirar a lugares políticos, por isso, era-lhes vedado o acesso ao saber e ao conhecimento, ficando sob a alçada dos homens e à mercê das leis feitas por eles. Acreditava-se na separação dos domínios público e privado, sendo o primeiro, o da política e economia, destinado aos homens e o segundo, o do lar e das crianças, reservado às mulheres:

The arena for politics was the public (...) separated from the privacy of the household associated with women. Public virtues were male, manly, even martial. Femininity and depravity seemed to be effective symbols that could undermine such virtues. (Evans 1989: 47)

Grande parte das mulheres também não mostrava interesse pela política, uma vez que a sua principal responsabilidade era tomar conta da família e da casa, não sendo fundamental ser instruída para desempenhar as tarefas da sua responsabilidade. Também o elevado número de filhos deixava-lhes pouco tempo livre (para si próprias) para outras tarefas.

De referir que Calvino possuía uma concepção muito patriarcal da família e, de certo modo, pelo pastorado, reforçara os poderes do marido-pai sobre as mulheres. A mulher do pastor, modelo de exemplo para a época, era protótipo da esposa auxiliar do marido no exercício do seu ministério:

Seventeenth-century New England society carefully replicated the patriarchal family structure of old England. Braced by religious precepts and enforced by law, the family dominated by the father and composed of a man and his immediate dependents was the primary institution in a female's life. As she moved from daughter to bride to wife and to mother, a woman negotiated various levels of dependency and authority. For the majority of her life, her place was firmly fixed beneath her husband and above her children and servants. No position she held within the family was ever characterized by autonomy. (Berkin 1996: 21)

No século XVII, nas colónias americanas, havia uma evidente falta de mulheres. De acordo com estudos realizados, o número de homens era seis vezes superior ao das mulheres: “Men outnumbered women by six to one in the earliest decades and three to one as late as the 1680's.” (ibidem 6) Esta realidade deveu-se ao facto de, para trabalhar naquele território inóspito, serem necessários trabalhadores jovens e bem constituídos, por isso, do sexo masculino: “For these planters the ideal farm laborer was young-and male.” (ibidem 7) Em consequência desta situação, foram feitos apelos especiais às jovens casadouras inglesas para que emigrassem para as colónias americanas a fim de constituírem família.

Naquela época, muitas mulheres e homens foram para a América como *indentured servants*. De acordo com o contrato que tivessem assinado, estas mulheres eram obrigadas a trabalhar quatro ou cinco anos antes de ficarem livres. Depois disso, podiam constituir família e adquirir propriedades. No entanto, esta

realidade era mais evidente nas colónias do Sul, nomeadamente em *Chesapeake*, do que no norte do território:

Traditionally, scholars have portrayed New England immigration as a migration of nuclear families, which, combined with low mortality rate, resulted in a balanced sex ratio, long and stable marriages, parental influence or control over marriage age and therefore over the legitimate birthrate, and a smaller gap between the ages of husband and wife than in the South. (ibidem 25)

Ao comparar as políticas da vida familiar na América com as da Europa, concluiu-se que as mulheres americanas eram tratadas com grande respeito. O papel das mulheres era fulcral na harmonia da família. Elas eram o elemento unificador e esse facto aumentava a sua autoridade dentro de casa. O seu papel a nível económico era importante pois organizavam autênticas indústrias familiares que tinham por base tecer, tricotar e ajudar no cultivo da terra:

Every woman had a well-defined domain in the predominantly rural, economically interdependent society of New England. She presided over productive universe that ran from kitchen, pantries, cellars, brewhouses, milkhouses, and butteries to the garden, well, pigpen, henhouse, and orchard. (...) each New England housewife possessed (to greater or lesser degrees, of course) a repertoire of skills for the processing of raw materials into usable goods (...) These duties inevitably carried a wife out into the community, for families in seventeenth-century New England lived by exchange as much as by self-sufficiency. (ibidem 28)

1.1 - O Casamento e a Relação entre Marido e Mulher

O casamento em *New England* não era considerado como um sacramento, mas como um contrato, por isso, funcionou com frequência como um trampolim para uma nova vida: “In New England, being a servant did not delay but seems to have sped women’s and men’s entrance into marriage.” (Berkin 1996: 25). A família puritana era estável, com casamentos de longa duração e as suas mulheres férteis: “... Puritan marriages were long, their family stable, and their women fertile.” (26) O casamento era um acontecimento muito importante na vida dos colonos. Apesar de não ser um sacramento, como na religião católica, a união significava o início de uma nova etapa à qual Deus dava o seu inteiro aval:

Every proper marriage since the first was founded on a covenant to which the free and voluntary consent of both parties were necessary. The difference ended, however, when the mate was chosen. Since time began no man and woman had ever been allowed to fix the terms upon which they would agree to be husband and wife. God had established the rules of marriage when he solemnized the first one, and he had made changes in them since then. The covenant of marriage was a promise to obey those rules, without conditions and without reservations. (...) no written copy of a seventeenth-century New England marriage covenant exists. The promises were made orally (...) (30)

O casamento era realizado sob a supervisão do estado. Apesar do seu significado religioso, todas as cerimónias eclesiásticas ligadas ao casamento foram abandonadas e o ministro substituído por um magistrado. A celebração do casamento não era “kill-joys”. Embora os Puritanos proibissem a dança e alguns rituais típicos dos casamentos anglicanos e católicos, não desprezavam a festa de casamento com o respectivo bolo e as bebidas a acompanhar. Pelo contrário, o mito de que os Puritanos não gostavam de música e se vestiam de forma severa e

austera por falta de estética, parece não corresponder à verdade, de acordo com as recentes investigações sobre a sua forma de estar na vida. A maior restrição de vestuário que lhes era imposta não era por razões de aparência ou falta de estética, mas mais do que isso, visava a diferenciação de classes. A ideia pré-concebida sobre o afastamento dos Puritanos face à música, tem a ver com a retirada dos órgãos das igrejas. No entanto, não era à música ou aos órgãos que eles se opunham, mas à música dentro das igrejas ou nos locais sagrados de reuniões. Por isso, o casamento era uma ocasião de festa, sempre festejada com muita alegria. O passo final da festa era a consumação sexual. A não ser que a união carnal fosse realizada, nenhum casamento era válido. A união sexual constituía a primeira obrigação dos casais sem a qual estes não poderiam ser considerados casados.

A relação entre marido e mulher era, de acordo com as regras sociais da época, uma relação de superior para inferior. O homem dominava e a mulher não ousava desobedecer. O marido, como chefe da família, exercia sobre a esposa a autoridade de Deus.

Ao descrever a autoridade do marido e a respectiva submissão da mulher não podemos deixar de referir a palavra amor. O amor era, como outrora foi definido, “the sugar to sweeten every addition to married life but essential part of it. Love was Condition in the married Relation,” (Sewall, “Diary” II, 403). Para os Puritanos, o amor era um dever imposto por Deus para todos os casais. Era uma obrigação solene que resultava do contrato de casamento. Se marido e mulher falhassem no compromisso de se amarem mutuamente, não só se tinham enganado entre eles como desobedecido a Deus. Benjamin Wadsworth³ salienta a importância do amor mútuo, cordial e cheio de afectividade. Segundo ele, marido

³ Benjamin Wadsworth formado em Teologia pela Universidade de Harvard, tornou-se ministro e pregador bem como educador. Foi responsável por alguns ensaios sobre o amor e o casamento entre casais puritanos. “Well-Ordered Family” foi um dos documentos deixados por este pensador.

e mulher deveriam amar-se com respeito não sendo aceitável na relação a dois desentendimentos, brigas, ofensas corporais ou verbais.

O amor puritano não era uma paixão romântica mas um amor racional no qual os afectos eram comandados pela vontade sob a orientação da razão. A depravação humana violava a ordem da criação e, muitas vezes, tornava-se incontrolável conter as emoções, por essa razão marido e mulher puritanos “fugiam” dos afectos de forma categórica.

O sexo, na visão puritana, era concebido como algo de muito importante na relação entre homem e mulher. Fazia parte do amor e seria inimaginável separá-lo de tudo o resto. Para compreendermos a atitude dos puritanos em relação ao amor carnal, temos que analisar o contexto histórico da época. Durante a Idade Média a Igreja Católica via o sexo como algo de pecaminoso. Para Santo Agostinho o acto sexual no casamento era inocente, mas a paixão que o acompanhava era sempre malévola. (Ryken 1986: 40) A tradição católica costumava olhar a mulher como uma tentação. Para os puritanos: “A good wife, claimed Henry Smith, is ‘such a gift as we should account from God alone, accept it as if he should send us a present from heaven with this name on it. The gift of God’” (Ryken 1986: 43).

O respeito pelo sexo no casamento era fundamental: “When a New England wife complained, first to her pastor and then to the whole congregation, that her husband was neglecting their sex life, the church proceeded to excommunicate the man.” (ibidem 39) Com toda a ênfase nos objectivos humanos e físicos do casamento, os Puritanos não negligenciavam a esfera espiritual. Pelo contrário, a integração do aspecto físico e espiritual na relação sexual, são uma mais valia que o puritanismo sempre defendeu. A doutrina puritana no que respeita ao sexo foi considerada demasiada avançada pela história cultural do Ocidente. Os Puritanos desvalorizavam o celibato, glorificavam o *companionate marriage*, consideravam o sexo no casamento como necessário e puro e exaltavam o papel da mulher.

A posição da mulher depois do casamento como já referimos anteriormente era de submissão. Esta situação levou a que a mulher perdesse todos os poderes e bens que usufruía em solteira. Com o casamento o marido era, pelas leis de Massachusetts, o dono e senhor da casa. A esposa não podia ser detentora de bens, mesmo que fossem da sua família. Ao tornar-se esposa, ela abdicava de tudo o que possuía para o marido e dedicava-se única e exclusivamente aos seus domínios domésticos: a casa e os filhos. Os seus deveres deveriam ser sempre e só “to keep at home, educating her children, keeping and improving what is got by the industry of the man” (Morgan 1944: 42). Tudo o que o marido providenciava, a esposa distribuía e transformava para satisfazer as necessidades do dia-a-dia a serem utilizadas por toda a família. Ela transformava farinha em pão, lã em tecido, e poupava o dinheiro que sobrava para adquirir tudo aquilo que não era capaz de fazer. Às vezes, era a própria mulher que assegurava o negócio do marido e controlava as finanças quando este necessitava de se ausentar para fora da cidade ou da colónia. Moses Gilman, um mercador da época, encontrando-se em viagem de negócios, escreveu à esposa confiando-lhe a resolução de um assunto:

Loving wife Elizabeth Gillman these are to desire you to speak to John Gillman & James Perkins and so order the matter thatt Mr. Tho. Woodbridge may have Twelve thousand fott of merchantable boards Rafted by thirsdy night or sooner if poseble they Can for I have Absolutely sould them to him & if John Clough sen or any other doe deliver bords to make up the sum Give Receipts of whatt you Receive of him or any other man and lett no bote bee prest or other ways disposed of until I Returne being from Him who is yos till death - Moses Gilman (Ulrich 1980: 39-40)

Se Gilman duvidasse das capacidades da sua mulher em “order the matter”, teria ele próprio solucionado, a seu tempo, os assuntos pendentes. No entanto, confiou

no bom senso e capacidade de sua mulher para resolver, com sucesso, os negócios da família.

A relação entre marido e mulher tinha de ser uma ligação sadia e de bom entendimento entre os cônjuges. O governo não se satisfazia com a mera coabitação, mas insistia que o relacionamento entre ambos deveria ser pacífico. Esposas e maridos eram aconselhados a evitar desavenças conjugais. Não era permitida qualquer tipo de agressões verbais e físicas e, sempre que um dos elementos do casal prevaricasse, seria advertido e punido por lei:

Henry Flood was required to give bond for good behaviour because he had abused his wife by ‘ill words calling her whore and cursing of her.’ The wife of Christopher Collins was presented for railing at her husband and calling him ‘Gurley gutted divill.’ Apparently the court agreed with her, for although the fact was proved by two witnesses, she was discharged. Another occasion Jacob Pudeator, who had been fined for striking and kicking his wife, had the sentence moderated when the court was informed that she was a woman ‘of great provocation.’ (Morgan 1944:40)

Os magistrados estavam atentos a todos os incidentes e puniam, pelo bem da colónia e pelo espírito puritano, todos aqueles que se desviassem do verdadeiro sentido do casamento. A dedicação mútua e a fidelidade eram valores inigualáveis aos olhos da sociedade em que estavam inseridos.

Os Puritanos não eram nem demasiado virtuosos, nem ascéticos. Sabiam rir e sabiam amar. Contudo, era notório que não despendiam as suas melhores horas quer no amor, quer no divertimento. O seu objectivo principal era agradar a Deus no Seu verdadeiro esplendor e fazer da vida um caminho espiritual e vivencial a glorificar o Senhor:

(...) all things were made ultimately for the Glory of God; yet in the order of their Being, there was a Subordination of them, and they were to serve God, in serving of Man. This *World* and things of it, were made for the service and accommodation of man in his way of serving God. (ibidem 13)

Pelo comando de Deus, o homem foi feito mestre de toda a criatura visível. Ao povoar a terra tinha de ser o espelho do seu Senhor, sem erros nem pecados. Por isso, todos os que transgredissem eram imediatamente irradiados do Seu plano salvífico.

1. 2 – A Mulher e a Maternidade

A família providenciava um bom teste para que os puritanos pudessem aplicar o seu tratado teológico. O pacto que os puritanos estabeleciam com a sua igreja significava manter uma relação, em primeiro lugar, com Deus, e depois com todos os seus semelhantes. Começando com a premissa que o objectivo da família era glorificar o Senhor, os puritanos tentaram fazer da sua própria família uma “little church”. Para isso, era necessário procriar, e neste aspecto, uma vez mais, a mulher exercia um papel fundamental em todo este processo: “Labor and delivery were central events not only for the mother and baby but for the community of women.” (Ulrich 1980: 127)

A reprodução fazia parte integrante da vida da mulher de Nova Inglaterra. O parto era tratado como um ritual, uma cerimónia exclusivamente feminina. As mulheres casadas juntavam-se na casa da parturiente para ajudar, assistir e testemunhar a experiência. Na fase inicial do trabalho de parto, a futura mãe agia como dona da casa, isto é, servia refrescos a todas as mulheres que a visitavam. Todo o ritual era natural e inevitável. Com as dores do parto a aumentarem, as bebidas servidas

passavam a ser *groaning beer* e os bolos *groaning cake*. Com o aproximar do nascimento, o humor inerente à situação terminava e os papéis invertiam-se: as convidadas iniciavam a sua tarefa de preparação do nascimento do novo elemento da comunidade, com a busca de ervas apaziguadoras das dores da maternidade. Com o nascimento do bebé, outro ritual era realizado: “A friend or neighbor gave the newborn its first milk, for colonial New Englanders believed the mother was impure for several days after delivery.” (Berkin 1996: 33) Anne Hutchinson seguiu o ritmo normal das mulheres da sua época. Também ela foi capaz de dar à luz um número elevado de filhos. “Anne was producing children at the usual rate for that age, one about every eighteen months. Three died in infancy; eleven lived and flourished.” (Crawford 1970: 26)

Também a criança era iniciada nos rituais do mundo colonial: envolvida em panos de linho, que passavam de mãe para filha sendo cada peça bordada e decorada especialmente para o momento esperado. Mas estas tradições tinham tanto de obsceno como de sentimental. Por exemplo, o cordão umbilical do rapaz ficava guardado para assegurar que o pénis crescesse o mais saudável possível.

A chegada de um bebé determinava alguns meses de “reclusão” para a mãe. Embora algumas mulheres viajassem durante a gravidez, elas permaneciam em casa cerca de dez meses após o nascimento, uma vez que consideravam essencial “its source of milk near at hand”. (Berkin 1996: 34) O ciclo de gravidez, nascimento e educação da criança exigia da mulher uma consciência sobre o seu próprio corpo. A preocupação que os afazeres domésticos prejudicassem o período de lactação era uma constante na mulher. Para a mulher que era *fruitful vine*, biologia e anatomia pareciam conceber e delinear o seu destino. No poema *The Four Ages of Man*, Anne Bradstreet coloca na boca de uma criança, uma descrição detalhada de todo o esforço maternal:

With tears into the world I did arrive,
My mother still did waste as I did thrive,
Who yet with love and all alacrity,
Spending, was willing to be spent for me.

With wayward cries I did disturb her rest,
Who sought still to appease me with the breast:
With weary arms she danc'd and By By sung,
When wretched I integrate had done the wrong.

(Bradstreet *Works* 152)

A mulher, para além dos sofrimentos inerentes à vida penosa da época, tinha uma dificuldade acrescida – a de dar à luz e ser mãe. Este poema traduz aquilo que uma mulher tinha de passar para ter o seu filho e criá-lo com atenção e carinho. O início da vida começa com dor e sofrimento para o novo elemento da família: “With tears into the world I did arrive”. Não obstante as lágrimas, a mãe estava sempre disponível e atenta não se coibindo de abdicar do seu sossego para, prontamente, atender o seu filho.

1. 3 – A Mulher e a Ordem Social

A mulher de Nova Inglaterra movia-se livremente entre a sua casa e a dos vizinhos. A vizinhança na cultura puritana era muito importante. O acto de emprestar e pedir emprestado, a ajuda mútua, o estar presente quando era necessário, fazia dos vizinhos a segunda família. A vizinha era aquela que assistia ao nascimento das crianças do bairro e era também a que disciplinava os seus filhos e os dos outros. Viviam e dependiam uns dos outros pela protecção e apoio. A comunidade era a força aliada da família, e tudo tinha uma primordial importância para a mulher e para o homem.

No século XVII, a sociedade de Nova Inglaterra reproduziu com fidelidade a estrutura patriarcal familiar da *Old England*. Fortalecida pelas normas religiosas, a família cumpria a lei de forma rigorosa: o pai era o vértice da pirâmide. Esta era constituída pelo marido e pelos respectivos dependentes, a esposa e os filhos. A mulher negociava diferentes níveis de dependência e autoridade, isto é, passava de filha a noiva, de esposa a mãe. Durante toda a sua vida, a mulher posicionava-se abaixo do marido e acima dos filhos. Nenhuma das posições referidas era caracterizada pela autonomia.

A autoridade civil da colónia de Massachusetts subscrevia o modelo de família patriarcal:

Within the Pilgrim and Puritan communities especially, the state upheld and legitimated the power of parents over children and of husbands over wives, for the family was the mainstay of social order in the American “wilderness”. (Berkin 1996: 27)

Ao transgredir as regras e as normas familiares, o puritano estava igualmente a infringir a ordem pública. Aos olhos dos ministros e magistrados, a família era uma fiel “little commonwealth” que dependia da comunidade mais alargada que era o estado. Este servia a família patriarcal através dos bens herdados que davam preferência aos filhos mais velhos em detrimento das viúvas. Uma vez mais, a mulher era relegada para segundo plano.

Esposas e maridos, pais e filhos constituíam a família que o estado e a igreja tinham de proteger e preservar enquanto fundação da ordem social. A sociedade puritana sentia a grande obrigação de manter relações familiares mais alargadas, não se limitando apenas à família nuclear. Embora a “Grande Migração” para Nova Inglaterra tenha separado muitas famílias das suas ligações inglesas, os Puritanos e mais propriamente a mulher, fizeram um esforço para manter acesa a

chama da afectividade e, para isso, as cartas serviram de meio de comunicação entre estas “dear relations”.

A razão pela qual a família puritana pretendia alargar os laços familiares não era apenas sentimental. Eles acreditavam que as relações através do casamento mereciam um reconhecimento igual ao das relações de sangue, uma vez que entendiam de forma literal a citação bíblica que “man and wife are one flesh”.

A religião constituía o elo aglutinador entre todos os membros da comunidade na ordem social. Aliás, a razão de ser da partida para o Novo Mundo teve, na sua grande maioria, razões religiosas. A Massachusetts Bay Company foi formada com o intuito de purificar a igreja anglicana e os seus membros de praticarem a sua fé livremente, por isso, partiam em busca de uma “city upon a hill”.

As mulheres, nesta época, ajudaram a moldar a religião na Nova Inglaterra. À medida que o número de mulheres crescia na igreja, a sua influência aumentava:

Although women could not participate in the congregational governance of churches, they experienced conversation, they signed the covenant and joined the church (more frequently than their husbands), they studied the Scriptures, they baptized and instructed their children, and they used their considerable influence to promote religiosity in their households and communities. New England Puritanism could offer women spiritual fulfilment and even particular opportunities for organizing and controlling their family relationships. (Reis 1997: xiv)

Pressionavam os maridos a estabelecer novas igrejas, já que se sentiam impelidas a participar como almas vivas e tementes a Deus:

(...) women who lived on its periphery pressured their husbands to establish a new church. Burdened by infants and toddlers, pregnant or recovering from childbirth, they demanded a church within reasonable walking distance. Thus, although they were forbidden to sign the new church's covenant, they were instrumental in its birth. (Berkin 1996: 41-42)

Além das discriminações de que eram vítimas não podiam, de igual forma, assinar “the church covenant” que a congregação criara. Não tinham voz formal na escolha de um ministro, nem tão pouco podiam participar no serviço religioso que este conduzia. Às mulheres cabia-lhes, apenas, o direito à santidade.

Women were barred not only from the ministry but also from voting on church membership, participating in services, and talking in the church. Within the meetinghouse they were segregated from men, entering by different door and sitting in a segregated side of the building. This custom, which has no precedent in the churches of England or Rome (...) (Laplante 2004: 44)

Os ministros sabiam o poder que as mulheres exerciam nas suas carreiras e na própria igreja: um poder indirecto. O acto de bisbilhotar criava reputação e as mulheres funcionavam como verdadeiras “watchdogs” do comportamento dos clérigos da época. Tanto a sua vida social como a pessoal eram esquadrihadas de tal maneira que nenhum ministro se disporia a alienar as suas “female congregants” sob pena de enfrentar graves dificuldades na comunidade.

Se, por um lado, a religião funcionou como forma de união entre todos os colonos, por outro, serviu, muitas vezes, de perseguição. De registar a famosa perseguição em Salem, onde aconteceu o julgamento e a condenação à morte de várias pessoas (na sua maioria mulheres) acusadas de feitiçaria.

Para uma comunidade que acreditava em figuras divinas e diabólicas, a bruxaria era um fenómeno assustador, elucidativo de um profundo receio de condenação eterna. As acusações de bruxaria culminaram no sinistro Processo das Bruxas de Salem em 1692: “Beset by anger or guilt for the failure to fulfill traditional obligations, people accused one another of collaborating with the devil to destroy the social order” (Carroll and Noble 1977: 65)

Na última década do século XVII, a colónia de Massachusetts foi invadida por bruxas. O drama da suspeição e do medo, acusação e contra-acusação, levou a que a comunidade despertasse para grandes tensões sociais e conflitos, onde as mulheres passaram a ser o centro de todas as atenções. A bruxaria não era tema inédito para a população, no entanto, na Nova Inglaterra, a crença nesta prática tornou-se mais verosímil com o aparecimento de actos que quebravam com a ordem natural das coisas: destruição de propriedades, má sorte, males inexplicáveis. E no centro de toda esta polémica encontrava-se a mulher.

As mulheres acusadas de bruxaria tinham em comum histórias de comportamento agressivo que as tornava desviantes da comunidade. Na sua maioria, encontravam-se esposas maltratadas pelos maridos e viúvas muitas vezes carentes da protecção do marido e à mercê da maldade dos vizinhos. Estas mulheres, quase sempre no período da menopausa, eram susceptíveis de serem “capturadas” pelo demónio e, por isso, segundo a visão puritana, estariam envenenadas e impregnadas de pecado. Um sexto das supostas bruxas eram estereis e uma das razões plausíveis apontava o facto de não terem o privilégio de usufruírem do bem mais precioso da mulher: a fertilidade. Segundo Elizabeth Reis “Women’s feminine souls were seen as unprotected in their weaker female bodies, vulnerable to the devil’s molestations.” (Reis 1997: 5) Eram seres frágeis e passivos que, porque não bem protegidos a nível espiritual, eram “atacados” pelo demónio.

A comunidade puritana, que actuava de acordo com os padrões divinos, atemorizou-se com o “terrifying power of Satan” (Crasnow and Haffenden 1998: 38). A evidência dessa inquietação puritana neste período conturbado está presente nas palavras de Samuel Sewall⁴, um dos juízes do Processo das Bruxas de Salem:

April 11th, 1692. Went to Salem, where, in the Meeting-house, the persons accused of Witchcraft were examined; was a very great Assembly; ‘twas awful to see how the afflicted persons were agitated. Mr. Noyes pray’d at the beginning, and Mr Higginson concluded. [...]. All of them said they were innocent [...]. Mr Mather says they all died by Righteous Sentence. (*The Diary of Samuel Sewall* 361)

A perfeita alienação dos religiosos em relação ao povo é marcada quando esse povo se imbuí de um espírito de caça às bruxas. Bruxas que deveriam ser castigadas duramente por desrespeitarem as leis divinas ao adorarem o demónio.

Ficou ainda bem clara a figura do juiz Samuel Sewall, que julgou Tituba⁵, a primeira mulher a ser julgada e a encarar a severidade do tribunal puritano. Durante um ano, o povo de Salem ficou amedrontado com os rumores de bruxaria. Muitas pessoas foram declaradas culpadas e executadas em frente ao público, para servir de exemplo a todos aqueles que ousassem contaminar a colónia com as suas depravações e impurezas.

O papel do estado parecia invisível em relação ao poder e à influência dos tribunais religiosos, que na época assumiam o papel de punir e resolver determinadas questões que deveriam ser resolvidas pelos tribunais do Estado. Mas

⁴ Em 1697, Sewall demarcou-se dos restantes líderes puritanos: perante os membros da Igreja apresentou os seus remorsos face à sua posição nos eventos de Salem que vitimaram tantos inocentes.

⁵ Tituba era uma escrava da família Parris que tinha sido trazida dos Barbados, lugar em que os negros mantinham feitiçarias como o vodu. Na verdade, Tituba era originária da Venezuela, de raízes indígenas, em cujas crenças acreditava. Foi levada para os Barbados, de onde a família Parris a levou como criada.

por se tratar de almas que eram acusadas por cultuarem aquilo que não é divino, os tribunais da Igreja se encarregavam de punir, uma vez que tribunais do Estado eram responsáveis pelo comportamento do indivíduo no meio social.

Apesar de todas as contrariedades, as mulheres conseguiram, passo a passo, calcorrear os caminhos tortuosos da época. O aumento do número de mulheres na igreja alterou, de forma significativa, os valores exaltados pelo clero. De um modo crescente, cada traço de carácter associado às mulheres foi transposto para características cristãs e todas as deficiências inerentes à condição feminina tornaram-se forças espirituais. Nesta época, começa uma nova era na vida de todas as mulheres. Lenta e pausadamente, estas heroínas vão alicerçando os seus direitos, e vão preparando o caminho para a “First Women's Rights Convention”⁶ que irá acontecer em meados do século XIX.

2 – Ecos de um Feminismo Precoce

Embora as mulheres tivessem uma fraca visibilidade e uma relação periférica com o poder, a sua importância e o seu contributo para a construção da América, enquanto nação, foram significativos ao longo dos séculos. O papel desempenhado pelas mulheres no período colonial foi o primeiro passo para o desabrochar de uma nova etapa. Como refere Laurel Ulrich:

⁶ Seneca Falls é conhecida internacionalmente pelo seu papel no Movimento dos Direitos das Mulheres. A Convenção de Seneca Falls, que ocorreu nos dias 19 e 20 de Julho de 1848, foi a primeira convenção nos Estados Unidos que tratou dos direitos da mulher. Foi organizada por Lucretia Mott e Elizabeth Cady, que lutavam pelos Direitos das Mulheres, em especial na área política onde as mulheres não eram vistas, nem ouvidas, e as mulheres começaram a desejar mais do que serem apenas donas de casa.

The story of female experience in America is not to be found in a linear progression from darkness into light, from constricted to expanding opportunities, from negative to positive valuation (or vice versa), but in a convoluted and sometimes tangled embroidery of loss and gain, accommodation and resistance. (Ulrich 1980: 240-241)

Com avanços e alguns recuos, perdas e ganhos, a mulher foi conseguindo alcançar o invejável estatuto de lutadora resistente. Difícil será enumerar as dezenas, senão centenas de mulheres que se destacaram nesta época colonial. Muitos registros foram encontrados sobre as proezas de mulheres anónimas. Alguns escritos, nomeadamente narrativas e poemas, foram publicados na época. Temos os exemplos dos poemas de Anne Bradstreet e as narrativas de Mary Rowlandson, entre outros. Todos estes documentos são testemunho do quão pertinente foi o papel da mulher neste período de monopólio masculino.

2.1 – O Despertar da Consciência Feminina: Vozes saídas do “Deserto”

Em 1675, depois de uma incursão de nativos americanos na comunidade de Lancaster, Mary Rowlandson foi raptada, tendo permanecido onze semanas e cinco dias cativa das tribos Wampanoag, Nipmuck e Narragansett. Após a sua libertação, Rowlandson narrou a sua experiência em *A Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs Mary Rowlandson*. Na concepção puritana, o cativo representava a prova e o julgamento divinos. Enquanto prisioneira, Rowlandson aceitou o seu julgamento como obra de Deus:

[...] I hope I can say in some measure as David did, ‘It is good for me that I have been afflicted.’ [...] I have learned to look beyond present and smaller

troubles, and to be quieted under them. As Moses said, ‘Stand still and see the salvation of the Lord’ (Exodus 14.13 329-30)

O seu sofrimento, isolamento e privações faziam parte do plano divino. O mundo selvagem era o inferno figurativo e literal, visto que tanto significava uma oportunidade de redenção como possibilidade de destruição. Os nativos americanos surgiam como figuras imprevisíveis, assustadoramente impulsivas:

(...) Little do many think what is the savageness and brutishness of this barbarous enemy.

(...) Those seven that were killed at Lancaster (...) were slain and mangled in a barbarous manner. (...) I was so weak and feeble, that I reeled as I went along, and thought there I must end my days at last, after my bearing and getting through so many difficulties. The Indians stood laughing to see me staggering along, but in my distress the Lord gave me experience of the truth (...). They made use of their tyrannical power whilst they had it; but through the Lord’s wonderful mercy, their time was now but short. (*Ibidem* 301, 317, 322)

Mary Rowlandson aspirou à ordem puritana, o único desígnio edificante, que lhe exigia uma constância moral e emocional. Perante o caos, a sua fé na intervenção de Deus concedeu um significado a acontecimentos aparentemente arbitrários. A sua identidade de *visible saint*, minoria congregacionista, formada apenas por aqueles que eram reconhecidos como santos e que recusavam a igreja nacional, foi purificada pela sua experiência tenebrosa. A sua narrativa reflectiu a convicção puritana na consagração divina da sua colonização e na “selvajaria” dos nativos americanos. Ao rejeitar a cultura dos seus raptos “profanos”, Rowlandson pactuou com o etnocentrismo da sociedade puritana.

Apesar de todas as privações, Rowlandson soube ser uma verdadeira “housewife”. Utilizou de forma astuciosa todas as suas “armas” de dona de casa ao serviço dos que a tinham aprisionado:

Although she served as a slave in Quinnapin’s family, she was resourceful in trading her services with other Indians for extra food, exchanging stockings for a quart of peas or a shirt for a bit of bear meat. Into her pocket went everything she begged or bartered - meal, meat, a parched-wheat pancake fried in bear’s grease, and even a piece of stale cake handed to her by another Lancaster housewife as they were separated. (Ulrich 1980: 228)

Rowlandson estava preparada para sobreviver ao cativo não apenas por ser uma *Good Wife*, mas também pela sua compreensão do espírito servil. Embora odiasse e temesse os seus carrascos, sabia como satisfazê-los e agradar-lhes.

Na sua experiência de cativo Mary Rowlandson encontrou um modelo para a sua própria salvação. É bem notório o seu profundo sentido de pecado e o esforço humano de fragilidade:

Long habit as well as immediate need put needles in her hands and peas in her pocket, but though her own skills could sustain her, they could not save her. [...] Rejecting pride, she projected it upon her captors, finding personal redemption but no charity for her enemy in the humiliation of captivity. (Ulrich 1980: 230)

A sua força destemida fez dela uma das mulheres mais populares do século XVII. A sua narrativa é ainda hoje apreciada e serve de testemunho de vida das mulheres pioneiras da Nova Inglaterra. Mary Rowlandson é apresentada como uma verdadeira heroína saída da *wilderness*: “as a courageous and ruddy heroine, resourceful, feisty, more housewife than saint, a minister’s wife who gave up her pipe-smoking in captivity but not her vivid speech.” (ibidem 227)

Hannah Duston foi outra puritana feita prisioneira pelos índios. Obrigada a caminhar mais de cem quilómetros através de uma terra inóspita e combalida pelo facto de ter dado à luz apenas cinco dias antes do seu rapto, esta mulher foi capaz de mostrar resistência e violência, características só imagináveis em feitos masculinos para a época.

Ao contrário de Mary Rowlandson, Duston não utilizou a astúcia para viver o dia-a-dia na companhia dos captores. Soube, no entanto, com muita coragem e pragmatismo, escalar os inimigos. Aliás, uma prática utilizada pelos pioneiros da Nova Inglaterra.

Este comportamento, pouco ortodoxo para uma mulher, fez dela uma heroína que foibelogiada pelos ministros e responsáveis da colónia:

Duston's response – violent and seemingly merciless – was praised by Judge Samuel Sewall [...] The Puritan Minister Cotton matter lauded Duston's willingness to fight the enemy when the males captured with her would not. (Berkin 1996: 50)

O heroísmo de Hannah Duston constituiu um momento histórico particular. A sua atitude violenta foi possível porque tinha nascido e crescido num mundo em que as mulheres matavam porcos e lutavam, corpo a corpo, com os seus vizinhos. Era permitido e aceite por ser um tempo de “guerra” com o inimigo cruel, selvagem e diabólico e porque a religião estabelecida na Nova Inglaterra ainda não se tinha tornado o verdadeiro refúgio dos humildes.

Anne Bradstreet foi o exemplo mais notável de um grupo de mulheres capazes de ler, meditar e escrever. Com uma educação a condizer, muito poucas foram capazes de aprofundar a sua escrita. Os seus poemas circularam entre familiares e

amigos na Nova Inglaterra. Anne conseguiu ultrapassar todos os obstáculos inerentes à sua condição feminina e abriu as portas a outras mulheres ao apresentar o seu primeiro livro em 1650.

Bradstreet adorava poesia, por isso, começou a escrever em verso. Durante muito tempo conservou o seu trabalho no anonimato. Não seria desejável para uma mulher, sendo esta puritana, dedicar-se a este tipo de actividade, já que os puritanos desaprovavam todo o investimento cultural e intelectual. Por isso, escrevia para si própria, para a família e para um grupo restrito de amigos, nunca tencionando publicar o seu trabalho. John Woodbridge, seu cunhado, secretamente copiou os seus escritos e, ao viajar para Inglaterra, publicou a colectânea de poemas sem o seu conhecimento.

O seu trabalho era baseado na sua experiência pessoal, no seu amor pelo marido e família, característica tipicamente puritana. No entanto, um dos aspectos mais relevantes dos seus poemas é a opinião que expressa na procura constante pelo conhecimento, que parecia ser contra a vontade de Deus, e o papel tradicional da mulher. Bradstreet valorizava o conhecimento e o intelecto e sabia compreender a vida difícil que as mulheres da sua época levavam. Ao expressar através da escrita a sua forma de ver o mundo que a rodeava, Anne pode ser considerada um das primeiras feministas americanas:

Bradstreet recognized that she was doing something unusual when she wrote in the preface, 'I am obnoxious to each carping tongue/Who says my hand a needle better fits.' Those 'carping tongues' did not belong to the Puritan intelligentsia of northern New England, however. (Ulrich 1980: 83)

Apesar do trabalho de Bradstreet não ir contra as regras da sociedade vigente, conseguiu, no entanto, enfatizar a vida precária e a morte prematura de muitas das mulheres. Por exemplo, no seu poema "Before the Birth of One of her Children",

escrito em 1678, a poeta fala dos medos da morte ao dar à luz e do destino dos filhos, uma preocupação de muitas mães da época.

Anne Bradstreet é considerada por vários críticos literários como a primeira poeta norte-americana e a sua colecção de poemas foi o primeiro livro escrito por uma mulher a ser publicado nos Estados Unidos. O seu trabalho tem servido de testemunho na luta levada a cabo pelas mulheres puritanas contra as adversidades da vida colonial na Nova Inglaterra.

Os exemplos que apresentámos são muito heterogéneos. Tratam-se de vidas muito distintas que transcorreram num campo comum. Mulheres vividas capazes de transformar o nada em tudo, de participar na organização das colónias de uma forma comunitária em que tudo era partilhado, factor esse que se pode considerar uma marca cultural americana e que está na base do conceito de *entreeajuda* e de partilha da responsabilidade pela vida em comum.

Consideramos ser legítimo afirmar que, a partir do século XVII, o papel da mulher na sociedade americana se foi alterando de forma gradual e que ela foi caminhando em direcção à realização do seu *American Dream*. Para estas alterações contribuíram vários factores, nomeadamente religiosos, como o exemplo de Anne Hutchinson e os *Quakers*, que afirmavam que a luz espiritual de Deus também era acessível às mulheres e, por isso, elas podiam pregar.

2.2 – Anne Hutchinson – Uma Feminista fora do seu Tempo

Embora Anne Hutchinson tenha sido documentada historicamente como sendo banida da colónia por ser uma dissidente religiosa, o verdadeiro e mais importante motivo da sua perseguição e mais tarde expulsão, foi, consideramos nós, o facto

de ela ter desafiado o papel tradicional das mulheres de subordinação aos homens na sociedade puritana ao expressar as suas convicções religiosas.

Pretendemos provar que uma das razões pelas quais Anne foi perseguida foi o facto de ser mulher afirmando-se assertivamente, o que revelou uma grande coragem e determinação uma vez que na época em que viveram estas mulheres, em geral, eram consideradas inferiores a nível intelectual em relação aos homens. Espelhando o que acontecia na altura, também Hutchinson se subdividia em várias tarefas: a de mãe, esposa, conselheira, pregadora e reformista. Todas elas se entrecruzavam e definiam o carácter multifacetado desta mulher.

Como já referimos antes, a mulher era entendida como um ser incapaz, e de nível inferior em relação ao homem. A única e desconcertante realidade era a inteligência e compreensão atribuídas ao homem, por isso, à mulher era-lhe “oferecido” o dever supremo para com o marido e filhos. Ao ser considerada moralmente fraca, ela não era capaz de desempenhar com eficácia as tarefas fora do seu círculo familiar. Segundo John Demos, em *A Little Commonwealth*, a mulher era vista como um ser débil e frágil porque Eva, a mãe da Humanidade, foi a primeira a pecar no Jardim de Éden. (Demos 84-85). Apesar destas básicas percepções, a mulher, nas colónias americanas, podia ser detentora de propriedades e herdá-las, sempre que enviuvava. (ibidem 85). Mesmo assim, este facto não invalidava a sua situação face ao homem. É de referir que a mulher só podia mostrar algum poder fora da esfera masculina: quando solteira e filha única ou como viúva.

Anne Hutchinson, esposa e mãe, foi também uma mulher culta e uma profunda estudiosa a nível teológico. Os seus pensamentos sobre as Escrituras e as suas críticas contundentes ao governo e às práticas puritanas na colónia originaram a maior revolução de ideias e de actos alguma vez observados num mundo tão restrito e masculino. As suas acções de Hutchinson foram também consideradas

por muitos como marca do início do movimento feminino e da diversidade religiosa. No livro *Voices in the Wilderness*, Patrícia Roberts-Miler compara Anne Hutchinson ao profeta Isaías e a João Baptista, chamando-a de profetisa “announcing a hard truth to which all right-thinking people must assent”. (Roberts-Miler 1999:8)

Tendo em conta o passado de Anne e as suas origens familiares, podemos constatar que toda a sua bravura e crenças religiosas demonstradas na América tiveram muito a ver com o seu pai. Herdou dele a perseverança, a rectidão e a convicção de estar a promover o bem à luz da Palavra.

Anne Hutchinson foi uma mulher invulgar para a época. Numa época em que às mulheres apenas se lhes exigia serem boas esposas e mães, ela tinha a capacidade de expor as suas ideias sem medo, de forma inteligente e cativante, frente ao universo masculino. Foi capaz de, dia-a-dia aperfeiçoar o seu estudo e iniciar o seu propósito de encetar uma vida pública com o apoio do marido. William Hutchinson partilhava da sua crença e apoiava a sua independência, o era uma qualidade rara a encontrar na atitude do sexo masculino, na época em questão.

As suas ideias pouco ortodoxas e a sua postura liberal fizeram-na criar muitos inimigos, todos eles homens e bem posicionados na comunidade. De salientar que John Winthrop foi o seu crítico mais acérrimo:

If she had attended to households affairs, and such things as belong to women, and not gone out of her way to meddle in such things as are proper men, whose minds are stronger, etc., she had kept her wits, and might have improved them usefully and honourably in the place God had set her. (Hawke 1988:62-63)

Segundo Winthrop, Hutchinson serviria melhor a sua família, o seu país e Deus se actuasse de acordo com os parâmetros vigentes da época. Na realidade, as palavras do governador traduziam apenas o medo de agitações religiosas e sociais

e da ameaça da perda do controlo da colónia. A ideia de que uma só mulher, considerada intelectual e espiritualmente inferior, pudesse falar de uma forma aberta sobre as doutrinas exercidas pelos clérigos, era, na mente de muitos homens, impensável.

Todas estas objecções não foram suficientes para dissuadir esta mulher dos seus intentos. Por isso, prosseguiu a sua “luta”. Associado ao prazer de ler e comentar a palavra, Anne desenvolveu o trabalho de cuidar dos doentes na capacidade que tinha, desde tenra idade, de curar os enfermos e ajudar, quer espiritual, quer economicamente, os mais necessitados. Mesmo em situações difíceis estava sempre disponível para partilhar a sua vida e “dar-se” aos outros:

By the time her family moved into their new home Anne’s work among the poor and afflicted had become the object of much acclaim among the Bostoners on every social level, [...] Although she never questioned that her first duty was to her family, particularly while they were adjusting to their new life, she responded to the growing demand for her special facility in the healing art as unreservedly as that primary obligation permitted. Once the family was settled she was able to devote herself to her communal work without breaking stride. (Dunlea 1993:109)

Para Anne, a primeira obrigação como mulher e habitante da colónia era estar disponível no trabalho da comunidade:

here she would minister to the goodwives in sickness and need as she had before, but now the potential for such work was of an infinitely larger scope [...] She had plenty of industry to contribute to a community devoted, in fact addicted, to hard work, [...] (ibidem 111)

Apesar da sua natureza intelectual e das suas capacidades e destreza física, o seu papel na teocracia puritana era limitado. Na igreja, ela não podia falar, apenas podia escutar os ensinamentos do ministro. E questionar algo estava fora de

questão. De acordo com a teologia puritana, a mulher devia subordinar-se a tudo o que a instituição lhe impunha. Tais qualidades e expectativas que se esperavam por parte da mulher não se coadunavam com o seu espírito activo e liberal, que, segundo John Winthrop era mulher “of a haughty and fierce carriage, of a nimble wit and active spirit, and a voluble tongue, more bold than a man.” (Adams 1892: 381) Esta resistência à ordem instituída, deveu-se, consideramos nós, ao seu desejo de preparar e moldar um local digno, onde a mulher pudesse desempenhar, de uma forma livre o seu direito de cidadania.

De referir a importância que William Hutchinson teve em todo este processo. Se considerarmos Anne uma mulher que ultrapassa, a nível de mentalidade, o espaço cronológico da época, não seria legítimo e mesmo honesto não salientar a postura de seu marido, sempre atento ao seu comportamento e conduta, compreensivo e tolerante. Anne sabia que podia contar com ele, e estava-lhe grata pela sua cumplicidade: “She was particularly grateful to Will for the enthusiasm he had shown, not only in the building of their fine new home itself but in adding a compartment large enough for storing yard-goods [...]” (Dunlea 1993:111)

Com o apoio incondicional do marido, Anne desempenhou, na perfeição, o seu papel de *midwife* e *healer*. Enquanto dona-de-casa, tratava das ervas medicinais para uso diário, tendo também uma linha mais avançada de medicamentos. Possuía todo o tipo de ervas, xaropes e loções de poderes curativos, prontos a serem usados sempre que necessários para a sua família ou para ajudar outras pessoas, por isso “Anne spent much of the year outside, planting in spring, weeding in summer, and harvesting in fall.” (Laplante 2004:145)

Tinha uma capacidade apurada em detectar os males físicos e psicológicos de cada doente, especialmente da mulher atormentada e sofrida. Para ela havia sempre uma “poção mágica”, uma palavra amiga, que ajudava a viver e morrer. William Dunlea refere que:

Through childbirth and attendant sicknesses, through sorrow and trial she nursed, doctored, comforted and cajoled the suffering, tormented Puritan pioneer women, helping them to live, helping them to die. She became a spiritual mother to the younger of them and was always ready to answer their call, for she knew the health of the younger and poorer women was particularly precarious; (Dunlea 1993:112)

Anne tornou-se uma fonte de consolo e um porto seguro para as mulheres que, por alguma razão, passavam momentos dolorosos. Sempre presente, amiga e confidente para escutar, aconselhar e compreender, imbuída de uma fé imperturbável e de uma enorme capacidade de se dar, Anne sentia a dor alheia como se fosse a sua: “To their homesick, aching hearts she was the teacher of a softer dispensation than that preached by their ministers or practiced by their husbands.” (Leonardo and Rugg 1995:120)

Pouco tempo depois de se ter instalado em Massachusetts, Anne tornou-se na mulher mais amada e respeitada da colônia, ganhando, passo a passo, prestígio e admiração. Nem mesmo os magistrados e ministros da comunidade conseguiram beliscar a sua enorme reputação, aquando do seu julgamento e expulsão do território.

3 - O Primeiro Clube de Mulheres na América

Quando Anne Hutchinson chegou à América verificou que a situação da mulher na colônia não era a mais gratificante. Ao apoiar suas irmãs na fé, identificou um sem número situações que a fez combater de forma fervorosa os males de que estas mulheres padeciam. Elas não podiam exteriorizar o que sentiam e a ortodoxia puritana limitava todos os seus pequenos prazeres. Apenas com Anne se

sentiam à vontade para falar abertamente e “confessar-se” de tudo o que a sociedade que as rodeava considerava de pernicioso e pecaminoso:

(...) in the depths of depression, when grieving for a lost infant, or when themselves wracked with fatal consumption they opened their hearts to her, confining their secret hopes, confessing their secret guilts; and hope among the Puritans was always a better kept secret than guilt. The most terrible sin most of the women confessed, and the most common Anne found, was longing for a little pleasure in their lives – to dance again, to wear a pretty bonnet now and then; for of such joys they had been purified almost completely. The marital bed was their only pleasure, and it had rarely been a joy because their husbands tended to think only of their own gratification, and often to beat them when they didn't secure it. (Dunlea 1993:113)

A mulher tinha de obedecer à rigidez tipicamente puritana e esquecer tudo o que tinha granjeado na *Old England*: “The Puritans were repelled by partying and carousing. Anything had even the appearance of unrestraint raised their ire.” (Ryken 1986:17) Por isso, esta situação tão desconcertante encontrada no território americano. Ao detectar estes problemas, decidiu organizar encontros com todas as mulheres da colónia para as ajudar.

As reuniões organizadas tinham como objectivo discutir o Evangelho. O seu dom de palavra e a sua sabedoria começaram a ser de tal modo conhecidos, que cada vez mais colonos pretendiam participar nos encontros que realizava, não só mulheres mas também homens. A forma clara de explicar o Evangelho, aliada à sua formação de base, tornou-a conhecida como “the masterpiece of women's wit” (Delbanco 1989:133). Recebeu de seu pai uma esmerada educação, onde a cultura religiosa era uma constante. De acordo com a opinião de Beth Clark:

(...) Anne was a serious child and was much brighter than other girls of her age. (...) her father was able to give Anne a better education than most

young English girls received and to encourage her to stay curious and always to keep learning. (Clark 2000:10/11)

Anne tinha uma mente viva, pronta a receber novas ideias e a religião era o centro de toda a discussão no seio familiar, por isso, tudo o que vinha de novo era esgrimido com vontade e espírito aberto.

Aliado à sua cultura religiosa Anne Hutchinson tinha um enorme dom: a sua capacidade de ajudar os mais desfavorecidos e os que necessitavam de ajuda imediata. A sua atitude perante os necessitados contrastava com a forma como outras senhoras o faziam: “ Other Puritan dames gave alms, remedies and advice to the poor; Anne gave herself.” (Dunlea 1993: 111) A situação das mulheres no Novo Continente era assunto de intensa ansiedade para ela. Logo que chegou à América, verificou que a situação das mulheres não era a mais dignificante: “Too many children, too much hard work, too little recreation, homesickness, monotonous diet, these were more obvious hardships. (Leonardo and Rugg 1995: 131) O estado precário de muitas pessoas levou a que Anne se sentisse impelida a estar atenta a todas as mulheres que necessitavam do seu apoio e a servir de enfermeira aos enfermos:

Before the end of the long winter she had become known to everyone and appreciated much for ‘her kindly ministrations in time of illness, her skill in nursing, her cheerful neighboring and willingness to assist in birthings,’ wrote a chronicler of her time. She also ministered to Indian women who came to her house with sick babies. Anne Hutchinson had time, patience, and love enough for everyone. (Crawford 1970: 91)

Muitas mulheres, em consequência das agruras da vida, passaram de *godly* a *distracted women*. Estas transformações são descritas no livro *History of New England* de John Winthrop. Winthrop afirma que algumas mulheres terminaram mentalmente doentes levando a sua loucura à violência.

Anne Hutchinson ao verificar a real situação de muitas *godly wives*, decidiu que poderia minimizar o estado de algumas delas ao providenciar *recreation* e estímulo para uma vida melhor e mais consentânea ao carácter das mulheres de Nova Inglaterra. Quando os homens da colónia iniciaram o hábito de promover encontros para comentar os sermões do domingo anterior, as mulheres, foram excluídas, como era normal na época. Entretanto, ao dinamizar encontros em sua casa, ela pretendia fornecer às mulheres que não tinham a possibilidade de frequentar o encontro dominical, a hipótese de participar nas leituras da Sagrada Escritura e, ao mesmo tempo, ajudá-las a distraírem-se ao saírem de casa:

the shut-out women of the colony were beginning to hold meetings themselves at the house of Mistress Hutchinson - not to get even with the men, but because Anne Hutchinson was stimulating to talk with and had such interesting ideas. Their own husbands would never discuss religious matters with them - which amounted to discussing nothing at all – whereas Anne answered their questions and treated even the women younger than herself with respect for their intelligence. (Crawford 1970. 94)

As principais diversões das mulheres de Boston eram duas – ir à Igreja ao domingo e à quinta-feira. Aquelas que tinham tempo e meios económicos para viajar poderiam, igualmente, frequentar os encontros bíblicos nos locais fora da sua área de residência, já que ir a um encontro desta natureza significava muito para o sexo feminino: era um evento social. Estes acontecimentos dotavam-se de relevante sentido já que: “They were not interested in the fine arts, or in pleasure as an art. Even literature found New England a milkless nurse. It remained for religion to be the New England’s art and his pleasure.” (Leonardo and Rugg 1995: 135)

Anne pretendia fazer algo de diferente com estes encontros. Não queria que estes encontros se limitassem a meras reuniões de conversa, mas que se traduzissem em algo mais profícuo, onde a mulher pudesse trabalhar as suas destrezas manuais: “

Each woman should bring along what ever she was working on, such as a rag rug or a quilt.” (Crawford 1970:94) A sugestão seria organizar encontros onde se pudesse conjugar o dever com o prazer. Para além de ter sido considerada a fundadora do *First women’s club in America*, mereceu crédito ao inventar a *quilting bee*⁷.

Organizando este tipo de encontros, Anne procurava ocupar as mentes das mulheres deixando menos espaço para possíveis doenças mentais. Estava também a proporcionar-lhes a possibilidade de auto-expressão, uma vez que em locais públicos: “the sisters had to keep silent” (Leonardo and Rugg 1995:134). Assim, à segunda-feira, Hutchinson convidava todas as mulheres a comentarem o sermão do domingo anterior. Nascia deste modo o primeiro potencial clube de mulheres na América que passaria a ser o suposto Clube das Segundas-Feiras. De tal forma se tornou popular que houve a necessidade de alargar os encontros também para a quinta-feira. Uma ideia brilhante transformada num sucesso não menos notável. Algo de novo que viria a quebrar com a rotina das mulheres e a possibilidade de se encontrarem com regularidade e poderem discutir livremente as Escrituras. Para Anne e seus contemporâneos, a leitura e interpretação da Bíblia era a actividade mais valiosa e poderosa:

Scripture was the source not only of the meaning but also of truth. Studying the Bible enabled one to live in God’s way, according to his dictates. Nowadays, the Bible may seem like an antique, a relic from which we learned stories in childhood, or it may seem nonessential, the gratuity in the drawer beside the bed in every roadside motel. But for the Puritans, the Bible, recently translated, was new, relevant, and powerfully true. For them, the Word was the world. (Laplante 2004: 43)

⁷ O *quilting bee* era um importante meio aglutinador que todas as mulheres tinham na época colonial de socializar enquanto costuravam as suas peças. Durante os Invernos rigorosos as pioneiras da Nova Inglaterra organizavam assembleias onde, em conjunto, confeccionavam pequenos retalhos de pano, que depois de prontos, eram cosidos constituindo cobertas acolchoadas. Estes encontros eram apenas suplantados a nível de importância, pelos ajuntamentos religiosos.

As Escrituras Sagradas significavam muito para os Puritanos. A palavra tinha um valor inigualável. A Bíblia funcionava para eles como a Constituição num país democrático.

No início, as reuniões não levantaram problemas, pois os maridos das mulheres envolvidas nos encontros consideravam estes “woman stuff, a gaggle of gossip.” Quando finalmente se aperceberam que as suas mulheres começavam a ter ideias próprias, os problemas começaram a surgir:

It was Anne’s turn to be surprised. These ladies were so grateful for her help. Most of them had not realized the Holy Spirit could communicate with them. What a comfort, when they were most of them so lonely, having left a portion of themselves – homes, parents, friends – so far behind, never to behold again in this world! (Crawford 1970:96)

Anne sabia que os encontros não eram apenas formativos. As reuniões tinham, como segundo objectivo, fornecer apoio a nível humano a todas as mulheres carentes e desprotegidas da colónia.

Ela recebeu a visita do seu querido Reverendo Cotton cuja intenção era verificar o tipo de reuniões organizadas pela anfitriã e transmitir aos ministros e magistrados da colónia o desenrolar das mesmas. Ao verificar a profundidade teológica o Reverendo “said in a kind and stern manner that Mistress Hutchinson must cease and desist from all such talk” (ibidem 96), o que, na realidade, não aconteceu.

Os encontros semanais de Hutchinson passaram a ser o ponto de discórdia entre homens e mulheres. O facto de uma mulher assumir um papel de liderança espiritual e de promover reuniões em que mulheres se cruzavam com homens também não agradou às autoridades da colónia. As ideias de Hutchinson eram consideradas perigosas para a época, por porem em causa o poder instituído, o poder dos homens. Segundo Laplante:

Most of the colony's leaders were unaware of her "preaching" to women until after she began to influence men. (...) A woodworker named Edward Johnson reported with alarm to authorities that upon arriving in Boston he was told by a local man, "I'll bring you to a woman that preaches better Gospel than any of your blackcoats that have been at the Ninniversity". (Laplante 2004: 47)

"Hence many families were neglected and much time lost." - Esta famosa afirmação de John Winthrop traduz o que a generalidade dos homens em Massachusetts pensava. Winthrop detestava mulheres intelectuais. Segundo ele, demasiado tempo dedicado à leitura e escrita e pouco espaço temporal aos afazeres domésticos apenas destituía a mulher do seu real papel: o de esposa e mãe.

Alguns magistrados e clérigos consideraram que Anne promovia nos seus encontros o antinomianismo, doutrina segundo a qual aspectos legalistas da religião são abolidos a favor da espontaneidade da fé, e tal era inaceitável no seio da ortodoxia puritana da colónia. Este conceito que revolucionou a baía de Massachusetts, será tratado no terceiro capítulo.

Apesar das dificuldades sentidas, Anne Hutchinson não se coibiu de continuar com a sua missão de evangelizar. Muitas foram as chamadas de atenção por parte dos ministros da colónia. No entanto, esta mulher puritana continuou a exercer a sua tarefa de pregadora até ao momento de ser banida e excomungada da colónia.

4 – Desbravando o Caminho da Liberdade e Independência

Todas estas mulheres referenciadas, bem como outras tantas anónimas da Nova Inglaterra, foram as responsáveis pelos primeiros passos da sua libertação.

Contudo, estiveram sempre rodeadas pelas duas mais poderosas instituições, a família patriarcal e a Igreja Puritana. Estiveram também circundadas pela população nativa que ameaçava a sua segurança. Dentro destes círculos de instabilidade e harmonia, ordem e desordem, as mulheres de Nova Inglaterra foram alicerçando as suas vidas.

Notable housewives eram esposas capazes de se desdobrarem em múltiplas funções. Segundo Laurel Ulrich: “A married woman in early New England was simultaneously a housewife, a deputy husband, a consort, a mother, a mistress, a neighbor and a Christian. On the war-torn frontier she might also become a heroine.” (Ulrich 1980: 9) A mulher tinha de ser, para além de esposa dedicada e mãe extremosa, uma verdadeira senhora capaz de acolher, acarinhar e ajudar todos aqueles que a procuravam, dentro e fora da sua esfera social. No contexto social em que se integrava, nas dificuldades que combatia, nas “cruzadas” que liderava, esta mulher era uma heroína dos seus tempos, temente a Deus, e sempre pronta a fazer a Sua vontade e estabelecer na terra a verdadeira morada do Senhor.

Anne Bradstreet conseguiu espelhar, através da sua escrita e de forma fidedigna, a vida da mulher na época colonial da Nova Inglaterra. O poema que se segue é disso exemplo:

Here lyes
A Worthy Matron of unspotted life,
A loving Mother and obedient wife,
A friendly neighbour, pitiful to poor,
Whom oft she fed, and clothed with her store;
To Servants wisely awful, but yet kind,
And as they did, so they reward did find:
A true Instructor of her family,
The which she ordered with dexterity.
The publick meetings ever did frequent,

And in her Closet constant hours spent;
Religious in all her words and wayes,
Preparing still for death, till end of dayes:
Of all her Children, Children liv'd to see,
Then dying, left a blessed memory.

Anne Bradstreet, 1643

Neste poema Anne Bradstreet sintetiza, de forma breve, a vida da mulher no seu dia-a-dia. Todas as facetas descritas por ela neste poema relatam a vida da mulher americana do século XVII. A mãe carinhosa e esposa obediente, a vizinha amiga, disponível a ajudar os necessitados, a dona-de-casa sempre pronta a instruir e a ordenar os criados e os demais com destreza e sabedoria. Tudo isto sem esquecer a parte espiritual, ou seja, a ida à igreja que outrora significava para a mulher a parte social da sua vida. Os serviços religiosos eram o ponto mais alto a nível social.

A descrição do dia-a-dia neste poema simboliza a passagem da vida para a morte. A serenidade encontrada nos seus versos perante as mais diferentes situações do quotidiano exprime a tranquilidade da sua própria vida. Referindo-se a Anne Bradstreet, Mário Avelar refere: "...quão poderosa e singular pode ser a ética e a estética puritanas, e quão importante pode ser a escrita como espaço de meditação e de medição entre o sujeito e o cosmos." (Avelar 2008:136) A dimensão social está intimamente ligada à incessante busca existencial por parte da poeta.

Anne Hutchinson foi o espelho mais fidedigno da mulher de *New England*. Com um profundo conhecimento dos problemas das mulheres, especialmente de nascimentos, Anne frequentava as casas de Boston e colocava em prática todos os conhecimentos de uma verdadeira *healer*. Ao aglutinar o papel de mulher nas suas

diferentes dimensões (esposa, mãe, vizinha) e o de crente ao serviço de Deus, Anne Hutchinson concretizou em pleno, pensamos nós, a sua tarefa de mulher do século XVII. Conseguiu, de igual forma, sem o medo característico da época, falar e transmitir as suas ideias de forma livre e espontânea:

How much of her freedom of speech came from an active, conscious conviction of the right of dissenting minorities to voice their opinion, and how much from a subconscious desire for self-expression, is a question to be discussed later. The fact remains that she was a participant in the five-hundred-year-old drama of freedom vs. authority. (Leonardo and Rugg 1995: xiv)

A tão apregoada liberdade de expressão que ainda hoje em dia é motivo de discussões, foi para Anne Hutchinson a sua “arma” que a levou à divulgação daquilo que ela mais desejava, isto é, dar voz a todos os que necessitavam dela.

Capítulo III

Anne Hutchinson: A Mulher que ousou desafiar os Puritanos de Nova Inglaterra

She was a woman of haughty and fierce carriage, a nimble wit and active spirit, a very voluble tongue, more bold than a man.

Governor John Winthrop 1638

Courageous Exponent of Civil Liberty and Religious Toleration

Words from the inscription on the statue in front of the State House in Boston, Massachusetts, erected in 1922.

1 – *The Antinomian Controversy*

No século XVII, a colónia de Massachusetts foi criada com o intuito de albergar os puritanos descontentes e foragidos que se opunham à Igreja de Inglaterra. Ao procurarem liberdade religiosa e harmonia social, organizaram um sistema de governo que iria servir quer a autoridade política, quer a moral, isto é, estado e igreja funcionariam como um só corpo. O objectivo principal da colónia era religioso pois pretendia estabelecer a sociedade baseada na Bíblia de forma a garantir uma comunidade ordeira e santa aos olhos dos homens e de Deus. Para as autoridades civis, isto é, o governador, os magistrados e os deputados e seus assistentes da *General Court*, a tarefa primordial era construir e assegurar a paz na colónia, mantendo leis e colocando em prática os habituais *punishments* que reprimiam e asfixiavam quem pretendesse ultrapassar os limites do tolerável dentro desta comunidade.

O papel do clero tinha como função o aconselhamento espiritual e ao mesmo tempo servia de árbitro da vontade de Deus. Assim, quando algum problema político ameaçava a estabilidade da colónia, também significava um problema religioso, e vice-versa. Tudo estava interligado e controlado entre si.

Entre 1636 e 1638, a harmonia da colónia foi abalada pela insurreição que viria a ser conhecida como a Controvérsia dos Antinomianos. No centro de toda a polémica estava Anne Hutchinson, uma mulher de Boston, suficientemente corajosa e ousada capaz de desafiar os ensinamentos dos ministros locais e criticar a Igreja da Nova Inglaterra. As suas opiniões e a forma de actuar, promovendo a sua teologia da livre Graça e, segundo ela, receber revelações de Deus através da leitura do Evangelho, foram consideradas altamente perigosas para a teologia puritana. Ao ter desafiado a hierarquia masculina da sociedade vigente, tornou a situação ainda mais periclitante para si e todos os seus seguidores.

Ser apelidado de Antinomiano era algo de terrível para a época. Os Antinomianos eram os *bogies* dos Pais Puritanos. Eram vistos como inimigos da igreja e do estado. Esta doutrina radicalizava o princípio reformador da justificação pela fé, e afirmava que ao Cristão bastava ter fé, não necessitando este de se submeter a nenhum padrão de conduta prevista na Lei Mosaica. Aliás, a principal disputa teológica entre Antinomianos e Puritanos Ortodoxos girava em torno da santificação. Como bons Calvinistas, os Puritanos acreditavam na predestinação – uma pessoa era escolhida ao nascer para receber a Graça de Deus da vida eterna ou para sofrer o tormento da sepultura. A Graça era um dom de Deus que não poderia ser ganho por mérito próprio, através de boas obras realizadas na terra. Esta concepção denominada de *Covenant of Grace* contrastava com *Covenant of Works* segundo o qual a Graça de Deus poderia ser adquirida através de boas acções praticadas ao longo da vida.

O grande problema dos Puritanos era saber ao certo quem tinha sido o eleito. Esta questão levava a problemas psicológicos e religiosos difíceis de resolver, pois apenas os escolhidos poderiam fazer parte integrante da igreja e participar activamente na comunhão. Tendo em conta que apenas os eleitos poderiam levar uma vida santa, os Puritanos aceitaram a aparência exterior e acção de cada crente como critério para a entrada na sua comunidade religiosa. Esta análise teológica

não era bem aceita por Anne Hutchinson e seus seguidores que consideravam esta interpretação como clara pregação da *Covenant of Works*.

A palavra Antinomianismo significa "antilei". O Antinomianismo nega, ou diminui, a importância da lei de Deus na vida do crente. É o oposto do legalismo. De uma forma simplista, podemos referir que os Antinomianos cultivavam a aversão à lei de várias maneiras. Alguns acreditavam que não tinham obrigação de obedecer às leis de Deus porque Jesus os tinha libertado através do Evangelho. Insistiam em que a Graça não só libertava da lei de Deus, mas também os libertava da obrigação em lhe obedecer. A Graça tornava-se, para eles, uma licença para a desobediência à rígida ortodoxia puritana. Segundo Carnes o termo *Antinomianism* significava:

The heresy that rejected the authority of the law. Antinomians believed that on receiving God's gift of grace, the justified individual became a vessel for the indwelling Holy Spirit. Since the Holy Spirit guided his actions, the saint was no longer bound by the law (Carnes 2003:32)

A Graça, segundo a definição teológica é um favor que os homens não merecem, mas que Deus livremente lhes concede. Poderá ser denominado de um “favor imerecido” presenteado por Deus aos homens. A citação bíblica de Efésios 2, 8 “Pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus” era a teoria calvinista, segundo a qual os Puritanos alicerçavam a sua fé. Anne Hutchinson e os seus seguidores que defendiam a livre Graça e rejeitavam a dura pena das obras também se baseavam nesta passagem do Evangelho para pregar as suas ideias. Apesar de todos os Puritanos afirmarem que professavam o Evangelho de Jesus Cristo, ao seguirem o Calvinismo, construíam o seu pensamento teológico no Antigo Testamento:

In the church of Anne Hutchinson's time it meant rejecting the literal 'law' of the Old Testament for the spiritual 'Gospel' of the New. That, of course, is what all Christians do in theory. It was what the New England Puritans professed to have done, but they, following Calvin, had built up their theocratic system on the Mosaic Law of the Old Testament. That was their working plan and Antinomianism interfered with it. (Leonardo and Rugg 1995: 157)

Este pensamento baseado na Lei Mosaica⁸ parece estar em contradição com o Evangelho que, segundo os Puritanos, era o seu guia de vida. No entanto, ao aparecer Anne com as suas convicções e a sua própria teologia, o plano Calvinista, usado pelos Puritanos Ortodoxos, começa a sofrer danos e a clivagem na colónia é iminente.

Ao considerar que o mais importante era a Graça de Deus e que as obras desempenhadas pelos homens não eram essenciais para a salvação das almas, mas apenas meras formalidades, Anne pretendia mostrar o quão importante era para um crente a cumplicidade, o diálogo e a generosidade de Deus em relação aos seus fiéis. Esta perspectiva era, segundo os ministros da colónia de Massachusetts, uma visão redutora da mensagem puritana. Para eles não bastava a livre Graça se os crentes não obedecessem à igreja. A obediência dos crentes fazia parte do plano da igreja puritana para controlar o seu povo com “mãos de ferro”.

O apóstolo João, no capítulo 1, versículo 17 diz: “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”, de

⁸ Lei Mosaica compreende o código de leis formado por 613 disposições, ordens e proibições. Em hebraico, a Lei é chamada de Torá, que pode significar lei, como também instrução ou doutrina. O conteúdo da Torá são os cinco livros de Moisés, mas o termo Torá é aplicado igualmente ao Antigo Testamento como um todo. Segundo vários teólogos, há duas partes distintas na Lei Mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés; uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao carácter do povo, modifica-se com o tempo. Esta lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, um carácter divino.

Deus, a lei foi exposta em primeiro lugar e a graça posteriormente. O Antigo Testamento é dominado pela grande realidade da lei de Deus, tal como o Novo Testamento é dominado pela graça de Deus. Porém, como relacionar a Graça com a lei, visto que a lei veio antes da Graça? Esta dicotomia foi, pensamos nós, o centro de toda a polémica que se levantou em 1636.

Na Nova Inglaterra começou por se verificar a oposição existente entre “man’s obedience to the law, or his Works, and the saving grace communicated by the Holy Spirit.” (Hall 1990: 3) Os colonos de Massachusetts, que defendiam a “free grace” contra os pregadores da “legall”, eram intitulados de Antinomianos.

Segundo os Antinomianos, todos os cristãos escolhidos por Deus para a salvação, não deviam estar ligados à lei, mas antes acreditar no Pacto da Graça, pois só assim poderiam ser salvos. As obras exercidas pelos cristãos ao longo da sua vida terrena não tinham, segundo os Antinomianos, qualquer significado na aquisição de um lugar no Céu. A crença na graça divina era o único caminho para a salvação. No contexto da Igreja de Boston, em que, segundo os Antinomianos, já se pregava o Pacto da Graça, as suas objecções centravam-se no conceito de santificação.

De acordo com a teologia puritana, apenas os eleitos de Deus recebiam a salvação através do Pacto da Graça. Embora fosse impossível para os ministros puritanos e todos os membros da igreja saberem qual, de entre eles, tinha sido o escolhido por Deus, as obras realizadas por cada um serviam de evidência para a sua salvação. Isto é, apesar de rejeitarem, a nível teórico, a lei de Moisés, para a escolha do eleito, esta era a que melhor se ajustava à definição do conceito. Assim, a santificação funcionava como um acto exterior que conduzia o crente a uma vida justa. Este conceito de santificação levou Anne e os seus seguidores a acusarem veementemente a igreja de pregar o Pacto das Obras. Esta acusação tornou-se alarmante, na medida em que os Puritanos acreditavam que, ao recorrerem a este

Pacto, estavam a posicionar-se perante um compromisso impossível de ser realizado, uma vez que este apenas levava à condenação das almas.

Perante isto, as diferenças teológicas entre os Antinomianos e os Puritanos não eram, pensamos nós, o resultado de um conflito expresso entre *Covenant of Works* e *Covenant of Grace*, mas antes uma disputa sobre a interpretação da *Covenant of Grace*. Os Puritanos afirmavam que os Cristãos eram salvos, não pelas obras, mas pela graça e, através da lei, o indivíduo podia fazer crescer a sua relação com Deus. Sem a lei, cada indivíduo não se consciencializava da sua natureza pecadora, nem da extensão do amor e graça de Deus. (Hall 1990: 17)

Contudo, Anne Hutchinson e os seus seguidores não viam relação alguma entre “free grace and man’s own righteousness... and therefore insisted on treating sanctification as a ‘work’” (*ibidem*). De acordo com Charles Adams:

Antinomianism was therefore the refuge of the libertine: if he was destined to be saved, he would be saved, all possible misdeeds to the contrary notwithstanding; if he was doomed to be lost, the rectitude of a life of restraint would avail him nothing (Adams 1892: 435)

Hutchinson acreditava que cada evidência de “striving after signs of grace was a sure sign that grace had not been granted” (Hall 1990: 18). Baseada nestas crenças, Anne acusou todo o clero local, com excepção de John Cotton, de pregar o Pacto das Obras, e, ao actuar desta maneira, comprometeu a sua situação na colónia.

Perante esta nova interpretação dos Pactos, a situação e o papel do ministro na vida dos crentes seria bem diferente. Anne e os seus seguidores acreditavam que uma vez que a santificação não poderia servir como evidência da salvação, a única forma de cada indivíduo saber se era um dos eleitos de Deus seria através da

imediate revelação de Deus. Hutchinson acreditava que a piedade era baseada no conhecimento interior do Espírito: “she could deny that the minister was needed as an intervening ‘means of grace’ between God and man” (Hall 1990: 18). Com esta nova visão da religião, o poder clerical de Boston iria perder grande influência na sociedade e contrariava o estipulado pela igreja puritana, que via no seu ministro o mediador e o “explicador” da Palavra de Deus:

In the Puritan church the sacraments were no longer considered the primary vehicle through which God’s grace could reach the hearts and the minds of the people; the sermon now took on that function. Puritans assumed that God worked regeneration in the unbeliever by means of the word as read or preached by the minister. While a person could read the Bible for herself, the function of the minister was to “open” the scripture. (Cameron 1994: 30)

A função do ministro, segundo a igreja puritana, era a de transmitir de forma tão clara quanto possível, a Boa-Nova da salvação. A leitura das passagens da Bíblia era o primeiro passo do crente, mas o processo de aprofundamento de fé só ficava terminado com a ajuda indispensável do ministro.

No centro de toda a controvérsia criada entre os Puritanos sobre estas novas perspectivas teológicas está uma mulher sem medo que com as suas reuniões semanais conseguiu transformar a mentalidade da época. Quando chegou aos ouvidos dos ministros que os encontros, para além de reunirem dezenas de mulheres e homens da colónia, estavam a difundir ideias perigosas e erradas em relação à teologia puritana, estes quiseram esclarecer a situação. Assim, foi promovido um encontro entre Anne Hutchinson, John Cotton e John Wheelwright. Inicialmente tudo parecia estar a decorrer de forma pacífica, já que Cotton e Wheelwright concordaram com as posições dos outros ministros. Quando os seguidores de Anne propuseram Wheelwright para funções mais importantes na Igreja de Massachusetts, a proposta foi vista como uma clara

afronta aos ensinamentos do Reverendo John Wilson, que tanto se tinha oposto aos seguidores liberais e que, perante a frontalidade de Anne, se sentia desmoralizado. Era difícil aceitar uma mulher com tanto empenho e entusiasmo a questionar a sua doutrina:

And here was this woman, questioning their doctrine, their preaching, nay, even their very right to a place among God's elect. They could understand her (...) Religion was a matter of life and death to all them. Yet they were sober enough, middle-class Englishmen that they were, to keep feet on the ground and avoid the metaphysical. This woman was a mystic. She was what they called an "Enthusiast", using the word in its original Greek sense of one inspired, one into whose soul a god had breathed. However, the ministers meant not one who was inspired, but one who thought he was inspired. They knew they were not inspired. – why should William Hutchinson's good lady be? They all felt profoundly sorry for Brother Wilson. (Leonard and Rugg 1995:175)

A suposta paz, criada com o encontro referido anteriormente, não surtiu o efeito desejado e, uma vez mais, a colónia encontrava-se numa situação pouco pacífica. Quando mais tarde os ministros se reuniram com Hutchinson e Cotton, a posição do pregador mais estimado de Anne não foi a esperada, isto é, ele oscilou entre o puritanismo e o antinomianismo, enquanto a sua fiel seguidora manteve a acusação de que o *Covenant of Works* era ensinado pelos restantes ministros. (Hall 1990:7) Esta postura foi, aliás, referida por Mary Dyer aquando dos pretensos apoios a Anne no julgamento: " You cannot count on Cotton. He is a trimmer. He is as lief to deny you as not, if he feels his own position threatened." (Crawford 1970:112)

A situação agudizou-se quando Henry Vane, o grande defensor de Anne Hutchinson se demitiu e John Winthrop venceu, uma vez mais, as eleições para

governador. Se, por um lado, o aspecto político da controvérsia pareceu ficar resolvido, por outro lado, os fundamentalistas puritanos não descansaram enquanto não clarificaram os assuntos problemáticos de toda a controvérsia. Para isso organizaram um Sínodo em Cambridge, em Agosto de 1637, onde todos os pretensos erros cometidos por Anne e seus seguidores teriam de ser identificados e refutados. Como resultado de toda esta ortodoxa movimentação, a sessão da *General Court* que iniciou os seus trabalhos em Novembro, começou todo um processo de “caça às bruxas”, ao perseguir e expulsar todos os que seguiam as ideias anti-puritanas. Os seguidores de Anne foram desarmados, não lhes sendo permitido usar arma de qualquer espécie:

At the next General Court session, which began on November 2, the leaders of the Antinomian party were disfranchised and banished from the colony. A variety of lesser penalties was imposed upon the other signers of the presented to the Court in March, and the Court concluded by ordering that all “guns, pistols, swords, powder, shot, and match” be collected from Mrs Hutchinson’s sympathizers. (Hall 1990: 10)

Esta forma de punição era considerada grave, uma vez que, segundo a *General Court*, todos os senhores de bem deveriam usar arma, como forma de combater o aumento das investidas dos nativos:

Disarming a man was a severe punishment, especially as the court had just ordered in March that because of increased fear of natives on account of the Pequot War all men over eighteen had to carry muskets. (Laplante 2005:132)

Por isso, e perante tal severidade, nem o Capitão Underhill, herói da guerra de Pequot, escapou à condenação. Todos, sem excepção, desde ilustres senhores até à população anónima, foram alvo de terríveis perseguições. Wheelwright foi acusado de rebelião e convidado a sair da colónia, e Hutchinson, apesar de não ter

participado de forma activa nas lutas políticas da colónia, era para os puritanos, nomeadamente para John Winthrop, um alvo a abater:

Having disposed of the seditious Wheelwright, the Winthrop Court next charged itself to bring to the “breeder and nourisher of all these distempers ... the grand Mistress of all the rest” speedily to trial. She had signed no petitions, nor had she publicly reviled any of the clergy or magistracy by name; yet this not deter the Court from summoning Mrs Hutchinson to its bar on the convenient charge that she was still holding her twice-weekly lectures in defiance of its order that she desist. (Dunlea 1993:183)

John Winthrop não perdoou a Anne a sua tenacidade e coragem. Também não desculpou o facto de toda esta controvérsia religiosa ter colocado em risco a colónia de Massachusetts que ele tinha criado e governado com mão de ferro. “The Antinomian Controversy nearly broke up the colony, but much of its destructive power lay in the imaginary terrors of the name.” (Leonardo and Rugg 1995: 170). Leonardo e Rugg também consideram que esta polémica foi responsável pela quase destruição da comunidade, não tanto por culpa de Anne Hutchinson, mas pela ideia pejorativa que todo o movimento em si detinha.

A polémica entre a *Covenant of Works* e a *Covenant of Grace* foi o ponto crucial do assunto entre Anne Hutchinson e os ministros ortodoxos da colónia. Por isso, a crise atingiu o seu auge em Dezembro de 1636, onze meses antes do julgamento de Anne Hutchinson, quando, numa conferência entre vários líderes religiosos, Anne acusou alguns deles de não serem verdadeiros ministros do Evangelho. Perante tal facto, todos os apoiantes de Hutchinson foram perseguidos e alguns expulsos da colónia.

2 – O Julgamento de Anne Hutchinson

Uma manhã, no final de Outubro foi colocado um aviso na porta da família Hutchinson. Anne estava convocada a comparecer no tribunal e justificar-se perante os ministros sobre as pretensas heresias por si cometidas. Face ao ultimato da *General Court*, William Hutchinson tencionava organizar uma petição de apoio à mulher. No entanto, quando iniciou o processo, muitos dos seguidores de Anne recusaram-se a assinar o documento: “they said they knew and loved Anne Hutchinson but were afraid to put down their names because of reprisals such as had been made against William Dyer.” (Crawford 1970: 110). Os tempos eram difíceis e todos os que simpatizavam com as ideias de Anne foram alvo de perseguições.

As autoridades de Massachusetts pretendiam usar o julgamento civil de Anne Hutchinson como forma de se libertarem de uma “trouble-maker” que segundo eles já tinha ido longe demais. Segundo John Winthrop tinham sido dadas hipóteses para melhorarem e alterarem as suas posições face à igreja. Uma vez que o seu comportamento foi inalterável, não deixou à colónia outra opção que não fosse a punição dos perturbadores da paz civil. No seu Jornal Winthrop afirma:

Then after this mean was tried, and the Magistrates saw that neither our Preaching, Conference, nor yet our Assembly meeting did effect the cure, but that, still, after conference had together, the Leaders put such life into the rest, that they all went on in their former course, not only to disturb the Churches, but miserably interrupt the civil Peace, and that they threw contempt both upon Courts, and Churches, and began now to raise sedition amongst us, to the endangering the Common-wealth; Hereupon for these grounds named, and not for their opinions, (as themselves falsely reported, and as our Godly Magistrates have

been much traduced here in England) for these reasons (I say) being civil disturbances, the Magistrate convents them, (as it plain appears ...) and censures them; some were disfranchised, others fined, the incurable amongst them banished. (Winthrop, “Charity”191,192)

John Winthrop reconhecia a importância do julgamento como forma de “travar” os avanços de Anne Hutchinson. Percebia que se ela continuasse o seu trabalho de evangelização, a colônia separar-se-ia, e isso como governador ele não o iria permitir. Por isso, os meios justificavam os fins: “They did not recognize that there was in actuality no way for them to evade the ordeal. The trial itself provided the test of their design.” (Cameron 1994: 105)

Estava, assim, preparado o cenário para o julgamento de Anne Hutchinson. A mulher, que dedicou toda uma vida a ajudar os doentes e necessitados e a pregar a palavra de Deus, tinha sido apontada como a única arguida do processo. Uma mulher que exerceu o seu direito de livre expressão numa comunidade onde apenas era permitido pensar e falar de acordo com os cânones da igreja puritana.

Newtown foi a cidade escolhida para o julgamento e a escolha não foi feita ao acaso, muito pelo contrário. O principal objectivo era afastar todos os simpatizantes de Anne, de um espaço pouco acolhedor, bem longe das possíveis influências de seus apoiantes. Contra Anne estava John Winthrop, o juiz e ao mesmo tempo o seu “carrasco”, acompanhado de todos os elementos da *General Court*. John Winthrop, que tinha estudado advocacia em Cambridge, e conhecia muito bem a sua parceira de luta, sabia como iria ser difícil travar mais uma batalha contra um “inimigo” tão *sui generis*. Segundo ele, numas das suas cartas definiu Anne Hutchinson como: “ a woman of a ready wit and bold spirit...” (Winthrop 1867: 145). Por isso, John Winthrop preparava-se para o ataque final.

Em frente da mesa encontrava-se a arguida de quarenta e seis anos, uma senhora da sociedade de Boston, bem conhecida por todos. De carácter altivo e vencedor estava pronta para mais um desafio, desta vez, frente aos senhores da colónia e de uma multidão ávida de histórias e notícias a serem detalhadamente dissecadas pela população. A sala estava lotada de cidadãos anónimos e de ministros de outras colónias que se faziam representar por conselheiros e testemunhas pela colónia. Este era, de facto, um acontecimento que ultrapassava os limites do normal numa sociedade tão restrita como aquela em que viviam:

When she walked through the door she immediately saw why Newtowne had seemed deserted: virtually the entire community was there awaiting her arrival, along with visitors from near and far. Now they could all get on with what was easily the most exciting event in the sixteen-year history of New England. (Dunlea 1993: 189)

Numa comunidade onde as ocorrências relevantes eram pouco frequentes, testemunhar um julgamento de alguém poderoso e querido no seu seio, significava o vivenciar algo de extraordinário.

O Governador John Winthrop, demonstrando uma paciência aparente, ansiava por colocar um fim em toda a controvérsia criada em volta de Anne Hutchinson. Iniciou a sessão do julgamento com um intróito desmoralizador e condenatório em relação às atitudes que a arguida, em seu entender, teria tomado. Ao reagir desta forma, o Presidente pretendia que Anne se retratasse e se justificasse perante os presentes face à sua posição no que respeitava à petição a Wheelwright. Foi, de igual forma, acusada de desobediência, por ter considerado que os clérigos da colónia ensinavam erros. Ao todo, foi acusada de oitenta e dois “errors in conduct and belief.” No entanto, quatro desses erros eram, segundo os seus perseguidores, os mais graves:

One: She was accused of “consorting with those that had been sowers of sedition.” Two: She had broken the Fifth Commandment. Three: She was accused of claiming revelation of God’s Word directly. Four: She had misrepresented the conduct of the ministers. (Crawford 1970:114)

Tendo em conta que na época não existia uma separação entre Igreja e Estado, criticar as autoridades religiosas, implicava criticar as autoridades políticas. Anne Hutchinson procedeu à sua própria defesa, citando as Escrituras e argumentando cuidadosamente, não se deixando intimidar por aqueles que a pretendiam ver aniquilada no primeiro “round”.

Aquela mulher não se surpreendeu com o ataque inicial de John Winthrop. Após as considerações por ele proferidas, questionou em que aspecto tinha ela cometido algum crime, tendo o Governador alegado o facto de ter transgredido o Quinto Mandamento. Para Winthrop, ao desrespeitar as autoridades da colónia, estava tacitamente a desobedecer ao mandamento: “Mrs Hutchinson: What law have I broken? Governor: Why the fifth commandment.” (Hall 1990: 313) Embora Anne tenha, através de passagens bíblicas, defendido a sua posição, o colectivo de júris não ficou satisfeito com as suas alegações.

Quando John Winthrop a interrogou sobre o facto de organizar reuniões e aceitar homens nas mesmas, ela recorreu à passagem de Tito dizendo que qualquer mulher mais velha pode ser “teacher of honest things”. Todas as mulheres deviam instruir os mais novos e, por isso, também Anne se sentiu impelida a fazê-lo e justificou com a passagem de Tito 2:3-5: “I conceive there lies a clear rule in Titus, that the elder women should instruct the younger and then I must have a time wherein I must do it ...” (ibidem 315). Contra-atacando, Winthrop continuou o seu interrogatório, afirmando:

your course is not to be suffered for, besides that we find such a course as this to be greatly prejudicial to the state (...) those meetings and your opinions being known to be different from the word of God may seduce many simple souls that resort unto you (...) that it will not well stand with the commonwealth that the families should be neglected for so many neighbours and dames and so much time spent, we see no rule of God for this (ibidem 316)

Segundo o Governador, os encontros organizados por Hutchinson tiveram apenas um único propósito: afastar as mulheres da vida caseira e familiar fazendo-as desperdiçar o tempo que deveria ser dedicado única e exclusivamente à família. Aliás, esta prática contrariava os costumes vigentes da época. As mulheres deveriam ser apenas “donas de casa”, submissas a Deus e ao homem quer fosse marido ou pai. Todos os assuntos “sérios” deveriam ser tratados pelos homens: “Winthrop’s account of the Hutchinson trials suggests that he saw in Hutchinson’s dissent a challenge to family order, sexual morality, and the subordination of women to men.” (Berkin 1996: 39/40)

A grande divergência teológica entre Hutchinson e os seus opositores foi a diferença entre *Covenant of Works* e *Covenant of Grace*. Anne apreciava a sua mensagem sobre a livre Graça de Deus. Argumentava que o crente tinha nele o Espírito Santo e, portanto, não estava preso às exigências da lei. Além disso, o simples facto de uma pessoa obedecer às leis da sociedade não queria dizer que ela era cristã. Para os Puritanos acusadores de Anne:

Works entailed not mindless repetition of prayers or taking of sacraments, but rather a constant striving to cleanse one’s soul and lead a righteous life, visible and apparent to others. They called this striving “sanctification”-literally, being a saint, which was the standard term for self-description by members of the early American church. (...) To create their new society, the founders were naturally drawn to a theology that enforces obedience. (Laplante 2005: 51/52)

Mas Anne Hutchinson rejeitava esta via de salvação. : “In her view, only God’s grace can bring justification; hence her covenant of grace (...) she saw external Works as not irrelevant to salvation but not necessary for it and possible deceptive in suggesting that someone has been saved. (Hall 1990:316) Acusaram-na de apenas reconhecer John Cotton como o legítimo pregador (ibidem 318), pois, segundo Anne, Cotton, era o único ministro que pregava o *Covenant of Grace*.

Os acusadores de Anne argumentavam que ela tinha sido responsável pela difamação de todos os ministros e que havia causado mal-estar em todo o território. Ela, por sua vez, respondeu-lhes negando toda a situação. (318). Porém, quando parecia que Anne Hutchinson tinha silenciado os seus opositores (tudo de que era acusada não passava de banalidades), ela afirmava que o Espírito Santo se comunicava directamente com ela, isto é, através das Escrituras Deus fazia-Se presente e revelava-Se :

Since that time I confess I have been more choice and he hath left me to distinguish between the voice of my beloved and the voice of Moses, the voice of John the Baptist and the voice of antichrist, for all those voices are spoken of in scripture. Now if you do condemn me for speaking what in my conscience I know to be truth I must commit myself unto the Lord. (ibidem 336/7)

Perante tal afirmação, um assistente do tribunal perguntou-lhe como é que sabia que tudo o que lhe tinha sido comunicado era através de um espírito, ao que retorquiu: “So to me by an immediate revelation”(...) “ By the voice of his own spirit to my soul”(ibidem). Os ministros presentes na sala não entendiam a profundidade destas palavras:

At that time, and in the minds of the men of the General Court, the only accepted mode of revelation was through Scripture or through a minister (...) but for someone who was not a minister, especially a woman, to claim an immediate revelation was heresy.” (Laplante 118)

Apesar de todas as declarações da acusada serem apresentadas com convicção, o júri do tribunal não teve qualquer dúvida em considerá-la culpada: “Mrs Hutchinson, the sentence of the court you hear is that you are banished from out our jurisdiction as being a woman not fit our society, and are to be imprisoned till the court shall send you away.” (348)) Ao acusá-la de heresia, “esqueceram-se” de especificar qual a doutrina da “Church of England” que ela tinha violado, permitindo, assim, a sua expulsão da colónia.

Os magistrados reuniram-se em privado para decidir o que fazer com Hutchinson. Tendo ganho a primeira grande luta pelo controlo de Massachusetts, estes homens iriam mostrar “little mercy to the vanquished” (Laplante 2005:131). Para Winthrop e seus aliados, o conflito que tinha turvado a colónia por mais de um ano tinha terminado. Como consequência de toda a turbulência criada entre 1636/1638, os simpatizantes e apoiantes de Hutchinson foram perseguidos e desarmados, como atrás referimos. Anne foi banida da colónia e excomungada da Igreja de Massachusetts. Não obstante toda a situação adversa, coragem não era palavra vã no seu dicionário de Anne Hutchinson. Depois de todo o processo ter terminado e ainda em solo perigoso, esta puritana com a dignidade que lhe conhecemos, afirmou: “The Lord judgeth not as man judgeth. Better to be cast out of the church than to deny Christ.” (Leonardo and Rugg 1995: 285) Foram estas as suas últimas palavras públicas em Boston. Apesar de lhe ser dada a hipótese de poder “regressar”, caso assumisse o seu erro, Anne nunca se acobardou e a sua posição foi sempre coerente com as suas ideias:

Anne Hutchinson was one of the few whom it had actually excommunicated, and she was to be offered restitution of her membership in Boston Church if she agreed to harmonize her doctrine with its official position on all disputed points, and provided she gave up her renegade ministry. (Dunlea 1993: 251)

Para evitar novos avanços dos Antinomianos e temendo as investidas de Hutchinson, a *Massachusetts Court* decidiu construir uma Universidade que

servisse de ajuda aos ministros da colónia: “at a college, the orthodox ministers would be able to indoctrinate young men before they fell under the Antinomian spell.” (Laplante 2005:133) Esta universidade seria, mais tarde, apelidada de Harvard e Anne Hutchinson a sua *true midwife*, uma vez que foi à custa da sua suposta heresia que os ministros da colónia a fundaram. Nas suas mentes estava a preocupação em formar teológica e pedagogicamente os novos clérigos, pois não havia nada mais perigoso e detestável aos olhos dos ortodoxos puritanos do que um pregador sem a desejada formação.

A colónia era uma organização religiosa e o que mais exasperou Anne foi o facto de, nas escrituras, estar estabelecido que as mulheres deveriam manter-se em silêncio durante os actos religiosos e sempre que necessitassem de aprender algo relacionado com as escrituras, estas deveriam solicitar ajuda aos maridos em casa. Era vergonhoso para uma mulher falar em público numa igreja. Este procedimento perpetuado em Coríntios 14:34-35, por S. Paulo, era seguido de forma literal pelos puritanos, sendo, por isso, um aspecto a ter em conta contra Anne Hutchinson.

Apesar de tudo, esta mulher sem medo, provou ser consistente nos objectivos de vida e de fé. Para ela, o mais importante era a salvação da alma e não a da colónia. Através da sua carreira como enfermeira, mãe e esposa, ela pretendia alcançar Deus, que era o centro da sua vida. Todos os dias se empenhava em fazer o trabalho de Deus, estudar a Sua Palavra e viver de acordo com a Sua mensagem e o comportamento durante o julgamento foi, julgámos nós, exemplo disso. Por seu lado, John Winthrop mostrou-se, tal como era, um homem profundamente preocupado com a criação de uma nova comunidade em termos políticos e com receio de perder o poder. John Cotton foi o menos consistente em relação aos seus princípios anteriores. Passou décadas encorajando a sua melhor discípula a evangelizar, através de reuniões privadas, as ideias radicais da Graça. No momento em que Anne necessitou do apoio do seu *beloved preacher*, quando se

iniciaram as acusações, este hesitou em defendê-la. Segundo Laplante: “John Cotton was a man who served and saved himself.” (Laplante 2004: 137) Foi depois do julgamento de Anne Hutchinson que John Cotton passou a considerar a purificação da Graça menos importante alterando a sua postura face à sua posição inicial:

It was perhaps one of the predictable results of the Hutchinson trials that John Cotton’s theology changed. He had been considered the fount of her ideas - which no doubt he was (...) After the trials Cotton therefore no longer insisted on the purity of the covenant of grace as he had expounded it for Anne Hutchinson. (Cameron 1994: 218)

Podemos constatar a personalidade camaliónica de John Cotton. Preferiu ver as suas posições teológicas alteradas, a colocar-se ao lado a sua velha amiga de sempre. Não foi capaz de possuir espírito cristão, compreensão e altruísmo e ajudar a sua mais ferverosa discípula. Em vez disso, optou por mostrar a imagem de “bom” Puritano e digno seguidor da ortodoxia de Massachusetts.

3 – A Família Hutchinson no Exílio

A derrota de Anne Hutchinson constituiu um desafio, e o seu orgulho, característica tão criticada pelos seus opositores, alimentava a sua perseverança. Após a tensão provocada pelo julgamento e excomunhão, esta mulher conservou a energia necessária para a longa viagem com destino ao exílio forçado. Não era fácil ultrapassar os novos obstáculos que se adivinhavam. O destino era desconhecido e muito tinha de ser desbravado, mas nada assustava Anne que, com determinação e muita coragem, prosseguia a sua luta silenciosa.

Partiu com a família e o seu grupo para a colónia de Rhode Island onde decidiram viver. Embora o seu estado de saúde não fosse o melhor (Anne encontrava-se grávida pela décima quinta vez⁹), a viagem foi realizada com alguns percalços e perigos, mas terminada com sucesso.

O território de Portsmouth foi fundado, tendo como política admitir todos os dissidentes religiosos. Este grupo estava determinado, seguindo as experiências de Anne em Massachusetts, a garantir a liberdade de consciência em Rhode Island. Uma das suas primeiras regras escritas foi: “No person within the said colony, at any time hereafter, shall be in any wise molested, punished, disquieted or called into question on matter of religion – so long as he keeps the peace.” (Laplante 2004:166). Politicamente, Portsmouth era regido por um governo livre e, a nível teológico, a livre expressão religiosa assumia o centro da sua actividade. De forma livre, Anne pôde exprimir as suas convicções religiosas e iniciou a sua missão como pregadora de Deus. Rhode Island passou a ser o refúgio para os liberais e anarquistas. Segundo Leonard e Rugg: “The saying was that if a man was too good for Massachusetts he went to Connecticut, if he was too bad he went to Rhode Island.” (Leonard and Rugg 1995: 300/3001) Para os perseguidores de Anne, Rhode Island era apelidada de “The Isle of Errors”, por ser neste local que se reuniam todos os puritanos não ortodoxos, com livre pensamento e expressão.

Muito embora a situação religiosa fosse a esperada por todos os que migraram para este território, a nível político as clivagens começaram a ser evidentes. Após o segundo ano de formação da colónia, Coddington e os seus assistentes decidiram retirar-se de Portsmouth e criar um novo espaço em Newport. O desejo de um governo mais aristocrático levou a esta separação. No entanto, a cisão entre as duas cidades não durou muito, pois um ano depois os dois territórios uniram-se, sendo Coddington o seu governador e William Hutchinson um dos seus

⁹ Anne Hutchinson não conseguiu levar a sua gravidez até ao fim. Abortou, não uma criança mas pequenos óvulos mal formados. Está provado cientificamente que este tipo de gravidez pode acontecer. No entanto, naquela época estes incidentes eram vistos como castigo de Deus.

assistentes. Apesar de Newport se ter tornado a cidade mais importante depois da união, a ideia inicial de Portsmouth persistiu como forma democrática de governo.

Entretanto, as investidas dos ministros de Massachusetts começavam. Foram realizadas várias visitas à família Hutchinson com o intuito de convencer Anne a reconhecer o seu erro e voltar para Boston. O preço seria o perdão da igreja de Massachusetts. Pretendiam que William servisse de intermediário entre o grupo e Anne. No entanto, como seria de imaginar, tendo em conta o carácter desta mulher, não houve qualquer cedência da sua parte. Apesar de todas as vicissitudes, e manobras perpetradas por John Winthrop, Anne continuou a ensinar o Evangelho de Jesus Cristo e a colónia continuou a prosperar.

Em 1642 Anne sofreu o desgosto da sua vida. William Hutchinson, o marido e companheiro de tantas lutas, o homem sempre atento à sua esposa, morreu: “In summer of 1642 something happened which changed Anne’s mind. Her dear, gallant, steadfast Will died. (...) Loyal to his last breath, the journey was now over for Will.” (Dunlea 1993: 258-259)

Após o seu desaparecimento, Anne decidiu mudar-se para a colónia de Nova Iorque. Com os rumores que Rhode Island poderia ser anexada a Massachusetts e sem o braço amigo e protector de seu marido, ela e os membros mais novos da família optaram, uma vez mais, por partir para terras mais selvagens e aí construir a nova vida, sem William. Apesar da imensa tristeza pela morte do seu companheiro, ela sabia que a perda não era permanente, porque: “They had been joined and would be rejoined in the sight of God; and there was no question that she would complete the journey alone.” (Dunlea 1993:259)

No início, a família mudou-se para Long Island e, mais tarde, para Pelham Bay. Anne Hutchinson instalou-se em território holandês e aí construiu a sua casa, com os seus filhos mais novos. Sendo uma terra de paz, esta colónia orgulhava-se da

sua liberdade religiosa, sendo por isso, o local ideal para se viver, como Anne sempre o desejou.

Entre 1641 e 1645 os períodos de paz vividos nesta colônia tiveram algumas interrupções, provocadas pelas investidas dos Índios: “The Indians of the Hudson River tribes, infuriated by Dutch greed and deception, and supplied with Dutch firearms, had risen against the white man.” (Leonard and Rugg 1995: 321)

As constantes ameaças dos Índios não assustavam Anne:

Anne was determined that wherever she finally settled, her home would be open to all comers, especially Indians. She had befriended her Narragansett neighbors at Portsmouth and succeeded in breaching the barriers of language, culture and even religion through the healing capacities, and looked forward to developing a similar rapport with the tribes of New Netherlands, undeterred by reports that they were a far different breed. (Dunlea 1993: 262)

A confiança que tinha nas suas capacidades de se dar aos outros sobrepunha-se a toda e qualquer ameaça que poderia advir dos pretensos selvagens. Conhecendo índios de diferentes tribos e idades, Anne considerava impossível associá-los à selvajaria atribuída a este povo.

Quando os tumultos se intensificaram e os ataques dos índios aumentaram, foi aconselhada a ter, junto de si, armas para se poder defender. Uma vez mais, recusou tal ideia e não prestou atenção aos indícios do que se avizinhava.

(...) there was one aspect of the Indian character about which Anne Hutchinson knew nothing. And that was the fact that young Indian braves often burn with desire to cover themselves with individual glory, to prove their valor and importance in the sight of their peers and the tribe. Such a brave was Wampage. (Crawford 1970: 135)

Perante os factos não seria de supor que Anne continuasse a sua caminhada de vida e de fé. No entanto, como se nada a perturbasse, prosseguiu com o seu *herb garden* a dar apoio e ajudar todos aqueles que a procuravam.

Numa tarde de verão, Anne foi alertada, pelos vizinhos holandeses, que fugisse para longe e levasse os seus filhos, pois tinham sido avisados que os Siwanoy iriam atacar. Céptica e decidida:

she repeated her long story of good relations with the natives. She would not arm herself, nor would she and her children abandon their home. She had great faith in herself and even more faith in Christ. Should any harm come to her, she would trust in the will of God. (Laplante 2004: 236)

O resultado da sua decisão foi o escalpamento de toda a família num ataque de Índios, com excepção da filha Susannah. Esta foi levada pela tribo atacante e, mais tarde, recusou-se a regressar com os colonos. Só em idade adulta decidiu voltar às suas origens e constituir família.

Quando os habitantes de Massachusetts tomaram conhecimento da sua morte, bem como do facto de Anne ter dado à luz um nado morto deficiente, consideraram que ela tinha sido castigada por Deus. John Winthrop exaltou a sua morte, considerando que foi a vingança perfeita de Deus. No seu *Journal* declarou:

(...) Mrs Hutchinson (...) after her time was fulfilled that she expected deliverance of a child, was delivered of a monstrous birth. (...) we may see how dangerous it is to slight censures of the church; for it was apparent that God had given them to give them strange delusions...(...)The Indians near the Dutch (...) came to Mrs Hutchinson (...) and (...) killed her (...) and all family (...). These people had cast off ordinances and churches, and now at last their own people, and for larger accommodation had

subjected themselves to the Dutch and dwelt scatteringly near a mile asunder. (231-232)

A tragédia da vida desta missionária teve a ver com o espaço temporal em que viveu. Consideramos que esta mulher nasceu para ser ministro de Deus. Com uma inteligência fora da média, uma capacidade enorme de se dar aos outros e uma fé inabalável, esta pregadora deu provas de ser capaz de desempenhar, com distinção, o papel de conselheira de Deus. Para Leonard and Rugg: “She was a lady born too soon. Or, one might say, this great spirit was born in a body of the wrong gender, for that backward time.” (Leonard and Rugg 1995: 227)

4 – A Crise de Massachusetts: Teológica ou Política?

Como pudemos verificar, a crença religiosa de Anne Hutchinson e os seus ensinamentos quase causaram a ruína da “city on a hill”. As suas convicções eram de origem teológica, no entanto, uma vez que estado e igreja estavam intimamente ligados, poder-se-á afirmar que havia evidências de motivações políticas nos actos de Anne.

O papel do governo puritano tinha, como missão, reforçar a severa ligação entre a moral de Deus e a lei civil. A legitimidade do governo baseava-se na lei bíblica e todos os aspectos da sociedade de *New England*, eram inseparáveis da religião. Desde que governo e sociedade eram considerados uma só entidade de Deus, qualquer tentativa para a derrubar ou criticar era vista como um dos maiores crimes alguma vez cometidos na colónia. Segundo Werterbaker, o que delineava a relação entre igreja e estado na sociedade puritana era “ the duty of the magistrate to take care of matters of religion ... The end of the magistrate’s office was not

only the quiet peaceable like of the subject in matters of righteousness and honesty, but also in matters of godliness...” (Werterbaker 1947: 71). Ao desafiar a teologia puritana, Anne Hutchinson não estava apenas a blasfemar, mas estava, de igual forma, a desafiar a legitimidade do governo da colónia. Embora Hutchinson nunca tenha endereçado as implicações políticas da sua visão teológica, implicitamente estava a “fazer” política, o que a tornou na primeira mulher a provocar o debate de ideias na colónia de Massachusetts. Ao colocar em causa algumas crenças puritanas, ela estava a questionar o poder religioso e o político, uma vez que Estado e Igreja estavam ligados de forma umbilical.

Foi a doutrina da “livre Graça” de Hutchinson que abalou os alicerces da sociedade puritana. Winthrop e outros puritanos acreditavam no carácter pecaminoso da natureza humana. A estrutura da sociedade puritana era baseada na necessidade de reforçar a santidade e piedade dos seus habitantes. Sendo aceite que a salvação poderia não trazer uma perfeita adesão à lei bíblica, Winthrop e outros magistrados, tinham esperança de criar um governo que obrigasse os seus cidadãos a seguirem a lei, de maneira o mais fidedigna possível. Esta preocupação de íntima relação com a lei apenas identificava a crença no *Covenant of Works*, que Anne rejeitava.

Um dos mais controversos aspectos da sua teologia era o facto de acreditar que todos os cristãos recebiam revelações directas de Deus como evidência para a sua salvação. Segundo ela, ao ler as Sagradas Escrituras, pela primeira vez, percebeu que Deus tencionava revelar-Se, através da Sua Palavra:

(...) one day in the early 1630, Anne, at home, opened her Bible to a particular page; and it seemed to her with terrible clarity that God’s Spirit was speaking directly to her! The verse her gaze had fallen upon was: “Suffer the little children to come unto me.” And suddenly she knew that not

only one of her small daughters but both would be stricken with disease and die that very year. (Crawford 1970: 31)

Quando, meses mais tarde, Anne e o marido se encontraram com o Reverendo John Cotton no funeral das suas filhas, esta transmite, ao seu pastor, as revelações que tinha recebido de Deus. Cotton mostrou-se muito compreensivo com a situação e declarou que: “the role of the minister was to do this interpreting of Scriptures for his people, but that perhaps in time of great need, the Spirit speak direct.” (ibidem 32)

Com este encorajamento Anne foi seguindo a sua crença e John Cotton nunca imaginou que a sua anuência pudesse ter sortido um efeito tão explosivo no futuro. Apesar de, no início, este aspecto teológico não merecer grandes reservas, levantaria *a posteriori* sérias preocupações aos ministros puritanos. Estava em jogo o seu poder perante a população. Ao afirmar que cada indivíduo era capaz de se salvar sem ajuda de um ministro, ela estava a “castrar” toda a teologia puritana. Ao defender tais ideias, declarava a supremacia do indivíduo em relação à Igreja e, por sua vez, ao Estado:

Antinomians believed that on receiving God’s gift of grace, the justified individual was emptied of his own, sinful self, and then filled with the Holy Spirit. Since the Holy Spirit guided his actions, the saint was no longer bound by the law. (Carnes 2003: 31)

A independência do indivíduo face à igreja e ao estado iria revolucionar toda a colónia e criar uma nova concepção de vida. E esta perspectiva de religião estava longe dos ensinamentos dos “senhores” desta comunidade. John Cotton afirmaria em 1636, numa carta: “Democracy, (...) I do not conceyve that ever God did ordeyine as a fitt governmant eyther for church or commonwealth. If people be governors, who shall be governed?” (Ziff 1962: 97). Para Cotton e Puritanos da

época, a melhor forma de governo era a teocracia que, segundo ele, significava as organizações civis e eclesiásticas a trabalharem em paralelo num só objectivo, que era a primazia das Sagradas Escrituras. Por isso, as ideias vanguardistas de Anne não assentavam no conservadorismo inerente ao Puritanismo.

Para muitos historiadores do Puritanismo, nomeadamente Charles Francis Adams, esta visão teológica não era senão o início de uma nova caminhada política a florescer em Massachussets. Segundo ele, a teologia levada a cabo por Anne Hutchinson, tinha um único objectivo:

The, so-called, Antinomian controversy was in reality not a religious dispute, which was but the form that it took. In its essence that controversy was a great deal more than a religious dispute; it was the first of the many New England quickenings in the direction of social, intellectual and political development, New England's earliest protest against formulas (Adams 1892: 367)

Não sabemos se Anne Hutchinson tencionava, ou não, usar as suas crenças religiosas como trampolim para a política. O que sabemos, e está provado nos documentos que estudámos, é que a sua teologia da livre Graça quase fez cair a ortodoxa colónia. Não tencionamos criar juízos de valor em relação às atitudes de Anne Hutchinson; procurámos, no entanto, mostrar como uma única mulher, dona-de-casa e fervorosa discípula do Evangelho, conseguiu abalar os alicerces de uma comunidade tão rígida.

5 – Anne Hutchinson: *American Jezebel* ou Mulher de coragem?

A “heresia” de Anne Hutchinson foi manter a ideia e a convicção que seria uma bênção e não uma maldição SER MULHER. A perseguição a que foi sujeita deveu-se ao facto de ter falado mais do que devia, isto é, falou contra o poder instituído da Igreja e do Estado. Ao ser considerada uma ameaça à colónia, foi levada a tribunal, condenada e banida da comunidade em que estava inserida. Como se não bastasse a todo este tratamento fundamentalista, a nossa personagem foi, de forma eufemista, apelidada de nomes pouco próprios para a sua condição de *Mistress*. No diário de John Winthrop este refere Anne Hutchinson como uma mulher cujo “willful ways” fê-la “go a- whoring from God. She is an American Jezebel. She shall be tried as a heretic” (Crawford 1970: 108)

Desde início, isto é, logo após o começo da viagem para o Novo Mundo, Anne Hutchinson foi alvo de olhares indiscretos. A sua postura face às Escrituras, a sua nova maneira de ver e interpretar o Evangelho criou desde cedo uma certa “inveja” nos pastores responsáveis pela evangelização da Boa-Nova durante a dura travessia do Atlântico. Anne não se coibia de falar e partilhar as suas ideias com todas as mulheres que com ela viajavam. Para além disso, tentou sempre estar disponível para os outros, na ajuda aos doentes e desfavorecidos. Se, por um lado, era vista como uma protectora dos necessitados, por outro, e nomeadamente por parte dos responsáveis religiosos, Anne começava a ser rotulada de alguém pouco ortodoxa. Aliás, esta imagem que Anne transmitiu aos pastores viria a ser bem divulgada aquando da sua chegada a Boston e da dificuldade que teve em ser admitida na igreja local. Por outro lado, seu marido, William Hutchinson, um poderoso mercador e “um bom homem”, definição por todos corroborada, não sentiu entraves à sua admissão na igreja de Massachusetts.

O seu único fiel defensor foi John Cotton que conhecia a família Hutchinson desde os tempos em que pregou numa paróquia perto de Alford. Cotton ensinava uma teologia que afirmava que a salvação era decidida por Deus, em oposição à teologia que afirmava que a salvação apenas se atingia através do cumprimento dos mandamentos e das práticas de boas acções. Foram estas as ideias impulsionadoras que levaram Anne à sua liderança espiritual e mais tarde ao seu declínio social. Contudo, quando a situação se agudizou, John Cotton soube, de forma exemplar, dissociar-se de toda a polémica criada em volta de Anne. De tal maneira foi o seu afastamento que passou de amigo a seu persecutor. Muito embora toda esta situação tenha angustiado a sua amiga mais fervorosa, Anne nunca desistiu de lutar com coragem e perseverança na busca da sua verdade.

Toda a controvérsia criada em torno de Anne Hutchinson obrigou a colónia a limitar-se em relação à *mother country*. A comunidade separou-se definitivamente do berço de origem tendo para isso construído o seu próprio “Body of Liberties” baseado numa nova concepção da lei inglesa. Massachusetts entrou numa fase diferente da sua vida: depois da partida forçada de Anne Hutchinson nada voltou a ser como antes. Apesar de Winthrop pretender continuar a asfixiar a comunidade, esta liberta-se: “It had become necessary to search out its own essence, principles, and measures. The relationship of the clergy and the magistracy to the people changed, as well, as part of the organism of the society.” (ibidem 222) O controlo da população era realizado através de leis que eram exercidas pelos magistrados dentro e fora da Igreja. Dentro das igrejas era agora obrigatório pregar o bom comportamento, ligando o procedimento ortodoxo à paz civil.

Após os julgamentos de Anne Hutchinson a colónia de Massachusetts deixou de ser vista como guia para todos os defensores do Puritanismo em Inglaterra. Esta comunidade, outrora apelidada de “city upon a hill”, passou apenas a ser considerada como *earthly home* de todos os que nela habitavam, vivendo com os defeitos de uma sociedade considerada normal. A ideia de uma comunidade

especial fundada pelos *Pilgrim Fathers* e desenvolvida por John Winthrop deixou de ter razão de ser. Uma vez mais a marca indelével de Anne Hutchinson fez-se sentir.

Estamos perante uma mulher de coragem que soube aproveitar o seu tempo e a sua vida. Viveu-a com intensidade e de forma exemplar, segundo a sua convicção de fé, sempre atenta aos mais necessitados. Mesmo sabendo que era alvo de difamações e sofrendo na pele a maior humilhação, Anne nunca vacilou perante as ameaças e os perigos iminentes. Argutamente, foi desbravando o caminho da tolerância, liberdade de expressão e solidariedade. Caminho este seguido mais tarde por muitos homens e mulheres na procura de uma sociedade cada vez melhor. Ao afirmarmos que Anne Hutchinson foi uma das mulheres mais notáveis do seu tempo na América estamos a corroborar a opinião de William Dunlea que afirma:

(she) stands out as the first Great American woman. Long before there was such a thing as an articulate feminist consciousness, still less an organized women's movement, anywhere, she was a feminist leader in America. (Dunlea 1993: ix)

Conclusão

Na sequência de toda a investigação que realizámos para efectuar este trabalho, pudemos constatar o quão intensa e marcante foi Anne Hutchinson num período tão sensível da história americana. Na nossa opinião, esta distinta personagem não poderia ser negligenciada ao ponto de, muitas vezes, a omitirem e a relegarem para segundo plano.

Embora Anne tenha servido de inspiração para muitas mulheres do seu tempo e de outros que se lhe seguiram, constituiu um exemplo para os homens que necessitavam de um modelo a imitar. Porque era dotada de uma energia inquebrantável, de uma vontade sem limites, de um fervor piedoso, de uma língua acutilante e uma grande capacidade para criar amigos, não poderia deixar, com todas estas características, de ser uma ilustre figura em qualquer época e local da história.

Ao longo desta dissertação fomos mostrando as diferentes facetas desta mulher que, durante os anos em que viveu na América, foi construindo uma forma diferente de viver e interpretar a religião. A nível espiritual foi uma crente fervorosa e uma estudiosa das Sagradas Escrituras muito atenta e ávida de sabedoria. Arriscando a sua própria vida, Hutchinson deu-se por completo nas lutas farisaicas da altura. Embora sendo mulher e mãe de dezasseis filhos, foi uma pioneira religiosa e política em Massachusetts e uma proeminente líder entre os fundadores de Rhode Island e New York. Portanto, também politicamente soube marcar a sua posição. Relativamente ao seu contributo social, que explorámos no capítulo dois, Anne Hutchinson esteve sempre ao lado dos mais necessitados e oprimidos, não obstante a sua posição social.

A sua forma de agir perante a comunidade, a sua frontalidade em assumir as suas convicções sem medo e com muita tenacidade, criou o maior confronto de ideias alguma vez visto na história do Puritanismo na Nova Inglaterra. A Controvérsia dos Antinomianos, como foi designada na época, fez abalar a rígida e intolerante

teocracia de Massachusetts, obrigando os líderes religiosos e políticos a julgarem-na culpada. Ao ser presente a tribunal, estes condenaram-na à expulsão definitiva da colónia tendo, meses mais tarde, a igreja reiterando a mesma condenação, excomungando-a.

Anne Hutchinson não baixou os braços. Com a determinação que lhe era característica e com a ajuda sempre pronta e eficaz de seu marido William, continuou a sua luta na *wilderness*. Ao procurar um porto seguro, pretendia encontrar um território mais livre onde pudesse professar a sua religião sem restrições ou privações de qualquer espécie

Devido ao facto de Anne Hutchinson ter insistido na sua luta pela liberdade de expressão, sofreu a perseguição dos poderosos da colónia. E não é o que acontece a quem, com dignidade e perseverança, luta contra a intolerância e prepotência dos líderes políticos ou religiosos?

No entanto, a marca de Anne Hutchinson permaneceu para sempre. Apesar de, durante algumas décadas, a sua atitude visionária pela liberdade religiosa ter ficado “adormecida” na mente dos americanos, acabaria por vir a ser recuperada. Não é por acaso que no século XX Anne Hutchinson foi enaltecida e reconhecida por tudo o que realizou no seu tempo. O seu importante papel no desenvolvimento religioso e intelectual de Nova Inglaterra levaram-na a ser considerada uma mulher dinâmica, cheia de grande fé, capaz de liderar centenas de homens e mulheres na busca daquilo em que acreditava. Ela usou a sua considerável influência como mulher para testar a tolerância religiosa da colónia de Massachusetts Bay, que ironicamente tinha sido o motivo da sua formação.

Trezentos e cinquenta anos depois, em 1987, o sucessor do Governador de Massachusetts Winthrop, Michael Dukakis, perdoou formalmente Anne Hutchinson, deixando esta de ser “a woman not fit for our society” (Hall 1990:

348). Actualmente, Anne Hutchinson é considerada uma das mulheres mais corajosas e determinadas de todos os tempos¹⁰.

“This charismatic gentle-woman from Lincolnshire is undoubtedly the most remarkable female evangelist in the history of Protestant Christianity.” (Dunlea 1993:ix) Esta afirmação de William Dunlea traduz, de forma paradigmática e fidedigna, a imagem da MULHER que soube dar voz aos que não a tinham numa época nada consentânea ao carácter democrático e plural de opiniões.

Estamos conscientes do muito que ficou por dizer, conforme prevíamos, das pistas de trabalho levantadas, mas não aprofundadas, e que nos propomos desenvolver em posteriores trabalhos.

Pensamos, com este trabalho, ter fornecido um modesto contributo para o esclarecimento de uma época e de uma figura tão importantes na vida dos Estados Unidos da América. Anne Hutchinson foi uma mulher que sempre se preocupou em ajudar os outros e nunca teve medo de defender os seus ideais. Ironicamente, o seu pacifismo e a sua crença numa colónia mais tolerante e livre levou-a pagar com a sua própria vida o preço do seu idealismo.

¹⁰ Em 1971 Joseph P. Lash, na sua biografia sobre *Eleanor and Franklin*, relatou que Eleanor Roosevelt iniciou a sua lista das maiores mulheres americanas com Anne Hutchinson.

Bibliografia

- Adams, Brooks. *The Emancipation of Massachusetts*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1887.
- Adams, Charles Francis. *Three Episodes of Massachusetts History*. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1892.
- Anderson, Margaret L.. *Thinking About Women: Sociological Perspectives on Sex and Gender*. Boston: Allyn & Bacon, 1997.
- Andrews, Charles M. *The Colonial Period of American History*. New Haven: Yale University Press, 1934.
- Avelar, Mário. *América – Pátria de Heróis*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- _____, *O Nascimento de uma Nação*. Chamusca: Edições Cosmos, 2008.
- Barker-Benfield, G.J. and Clinton, Catherine. *Portraits of American Women*. New York: St. Martin's Press, 1991.
- Batts, Emory. *Saints and Sectaries*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1962.
- Bell, Judith. *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- Bercovitch, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1978.
- _____, *The Puritan Origins of the American Self*. New Haven: Yale University Press, 1975.

_____, *The Rites of Assent*. New York: Routledge, 1993.

Berkin, Carol. *First Generations – Women in Colonial America*. New York: Hill and Wang, 1996.

_____, Carol, et al. *Making America: A History of the United States*. New York: Houghton Mifflin Company, 1999.

Boorstin, Daniel J. *The Americans: The colonial experience*. New York: Vintage Books, 1958.

Bradbury, Malcolm and Howard Temperley (eds.). *Introduction to American Studies*, Longman, 1998.

Bradford, William. *Of Plymouth Plantation*. New York: Modern Library, 1981.

Bailyn, Bernard, et al. *The Great Republic: A History of the American People*. Lexington: D. C. Heath and Company, 1992.

Bremer, Francis J. ed.. *Anne Hutchinson: Troubler of the Puritan Zion*. Huntington, New York: Krieger, 1981.

Calvin, John. *Institutes of the Christian Religion*, Book I, 7. 19100 81537): n. pag. Online. John Calvin Lecture Hall. Internet.

Cameron, Jean. *Anne Hutchinson, Guilty or Not? A Closer Look at her Trials*. New York: Peter Lang Publishing, 1994.

Capuchinhos, Missionários. *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1985.

- Carnes, Mark C.. *The Trial of Anne Hutchinson (2003-2004 version)*. Boston: Pearson Custom Publishing, 2003.
- Carroll, Peter N. and David W. Noble. *The Free and the Unfree: A Progressive History of the United States*. New York: Penguin Books, 1977.
- Clark, Beth. *Anne Hutchinson*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2000.
- Clebsch, William A.. *From Sacred to Profane America: The Role of Religion in American History*. New York: Harper & Row, 1968.
- Crawford, Deborah. *Four Women in a Violent Time*. New York: Crown Publishers, 1970.
- Crawford, Patricia. *Women and Religion in England 1500-1720*. London: Routledge, 1993.
- Curti, Merle. *The Growth of American Thought*. New York: Harper & Row, 1964.
- Greene, Jack P. and J. R. Pole. (eds.). *A Companion to the American Revolution*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2004.
- Davis, Natalie Zemon. *Nas Margens: Três Mulheres do Século XVII*. Trad. Hildegard Feist. S. Paulo: Campainha das Letras, 1997.
- Delbanco, Andrew. *The Puritan Ordeal*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.
- Demos, John. *A Little Commonwealth: Family Life in Plymouth Colony*. New York: Oxford University Press, 1970.

- Dunlea, William. *Anne Hutchinson and the Puritans: An early Tragedy*. Pittsburgh, Pennsylvania: Durrance Publishing CO., 1993.
- Eco, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Barcarena: Editorial Presença, 1997.
- Evans, Sara M. *Born for Liberty, A History of Women in America*. New York: The Free Press, 1989.
- Fradin, Dennis Brindell. *Anne Hutchinson – Fighter for Religious Freedom*. New Jersey: Enslow Publishers, Inc., 1990.
- Hall, David D. *The Antinomian Controversy, 1636-1638 A Documentary History*. Durham: Duke University Press, 1990.
- Harrison, Lawrence E. and Samuel P. Huntington. *Culture Matters: How Values Shape Human Progress*. New York: Basic Books, 2000.
- Hawke, David Freeman. *Everyday Life in Early America*. New York: Harper and Row, 1988.
- Hodgson, Godfrey. *More Equal Than Others*. Princeton, NJ: The Century Foundation, 2004.
- Holliday, Carl. *Woman's Life in Colonial Days*. Boston: Cornhill Publishing Company, 1992.
- Kaufmann, Michael W.. *Institutional Individualism: Conversion, Exile, and Nostalgia in Puritan New England*. Hanover: Wesleyan UP, 1998.

Lang, Amy S.. *Prophetic Woman: Anne Hutchinson and the Problem of Dissent in the Literature of New England*. Berkeley: University of California P, 1987.

Laplante, Eve. *American Jezebel: the Unknown Life of Anne Hutchinson – The Woman who Defied the Puritans*. New York: Harper San Francisco, 2004.

Lemay, Leo. *An American Reader*. Washington D.C., U.S: Information Agency, 1989.

Leonardo, Bianca and Rugg, Winnifreg K.. *Anne Hutchinson – Unsung Heroine of History*. Joshua Tree: Tree of Life Publications, 1995.

Lipset, Seymour Martin. *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword*. New York: W.W. Norton, 1996.

_____. *The First New Nation: The United States in Historical and Comparative Perspective*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 2003.

Materassi, Mario and Santos Maria Irene Sousa (eds.), *The American Columbiad: “Discovering” America, Inventing the United States*. Amsterdam: Vu Univ. Press, 1997.

Miller, Perry. *The American Puritans – Their Prose and Poetry*. New York: Columbia University Press, 1982.

Moore, R. Laurence. *Religious Outsiders and the making of Americans*. New York: Oxford University Press, 1986.

- Morgan, Edmund Sears. *The Puritan Family: Religion & Domestic Relations in 17th Century New England*. New York: Harper Perennial, 1944.
- Nash, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- O’Callaghan, Bryan. *An Illustrated History of the USA*. Essex: Longman Group UK, 1990.
- Pagnattaro, Marisa A.. *In Defiance of the Law: From Anne Hutchinson to Toni Morrison*. New York: Peter Lang, 2001.
- Pires, Maria Laura Bettencourt. *Sociedade e Cultura Norte-Americanas*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- Randle, John. *Understanding Britain*. Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- Reis, Elizabeth. *Damned Women: Sinners and Witches in Puritan New England*. New York: Cornell University Press, 1999.
- Rimmer, Robert. *The Resurrection of Anne Hutchinson*. New York: Prometheus Books, 1987.
- Roberts-Miller, Patricia. *Voices in the Wilderness*. Alabama: University of Alabama Press, 1994.
- Rowlandson, Mary. *A Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs Mary Rowlandson*. *The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1, 2 vols. New York: W W Norton, 1998.

Ryken, Leland. *Worldly Saints – The Puritans as they really were*. Grand Rapids, Michigan: Academie Books, Zondervan Publishing House, 1986.

Ruland, Richard and Bradbury, Malcolm. *From the Puritanism to Postmodernism – A History of American Literature*. New York: Penguin Books, 1991.

Santos, Maria Irene Ramalho. “American Exceptionalism and the Naturalization of America”, in *Prospects: An Annual of American Cultural Studies*. ed. Jack Salzman, vol. 19, New York: Cambridge University Press, 1994.

Schneider, Herbert W. *The Puritan Mind*. Michigan: The University of Michigan Press, 1958.

Sewall, Samuel. *The Diary of Samuel Sewall. The Norton Anthology of American Literature*. Eds. N. Baym, et al. 5th ed. Vol. 1, 2 vols. New York: W W Norton, 1998.

Slotkin, Richard. *Regeneration Through Violence: The Mythology of the American Frontier, 1600-1860*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1973.

Ulrich, Laurel Thatcher. *Good Wives: Image and Reality in the lives of women in Northern New England, 1650-1750*. New York: Vintage Books, 1980.

Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença, n. d., Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão.

Wertenbaker, Thomas Jefferson. *The Puritan Oligarchy: The Founding of American Civilization*. New York: Scribner's Press, 1947.

Winthrop, Robert C.. *Life and Letters of John Winthrop 1630-1649*. Boston: Ticknor and Fields, 1867.

Withrow, Mindy and Brandon. *Courage and Conviction: Chronicles of the Reformation Church, volume 3*. Geanies House, Ross-shire, Scotland: Christian Focus Publications, 2006.

Ziff, Larzer. *The career of John Cotton: Puritanism and the American Experience*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1962.

_____, *Puritanism in America – New Culture in a New World*. New York: The Vicking Press, 1973.